REVISTA LUSITANA

VOL. XXI 1918 N.os 3-4

FALAR DO POVO

(Vid. REV. LUS., VIII, 163)

VII. que de...

Há quem faça reparo no emprêgo de *que de* equivalente a *quanto(s)*, *quanta(s)*, achando êsse modo-de-dizer impuro.

«... por ahi andam como eu, revolvendo da phantasia adolescente os ultimos brazidos, vendo o horizonte esfriar nas tintas do outono perto, e lançando emfim aos echos mortos a confissão terrivel.—Que de tempo perdido!...» —Fialho de Almeida, *Os Gatos*, II, 2.ª ed., pág. 9-10.

«E todavia, que de vezes eu tive necessidade de crêr, e levado d'um mysticismo poetico, quiz invocar o Supremo Espirito!» —Id., *O País das Uvas*, 2.ª ed., pág. 260.

Êste modo-de-dizer é velhamente português, e correntíssimo entre o povo do norte. É um emprêgo da preposição *de* exprimindo relação partitiva.

Júlio Moreira, que nos seus *Estudos da Língua portuguesa* (nos dois volumes) tratou circunstanciadamente das maneiras de expressar aquela relação em português, inseriu a pág. 65 do II vol. a frase *que de coyta* (=quanta mágoa, quanta dor), do *Cancioneiro da Ajuda*, 238.

Na *Gramática portuguesa elementar*, Epifânio Dias (Lisboa 1882, pág. 95) inclui o exemplo *que de lágrimas!*

O *Judeu*, continuador do teatro nacional e popular que Gil Vicente inaugurou, pôs na bôca de Júpiter:

«Ay, Alcmena, que de sustos me tens causado!»—António José da Silva, *Anfitrião*, pág. 111 da ed. da «Renascença Portuguêsa», Pôrto.

Não vale, porêm, a pêna multiplicar os exemplos para mostrar que o injustamente censurado *que de* vem já do português antigo, e registado por muitos autores.

O que é de notar é o facto de tal expressão não pertencer ao falar geral do país, como fartamente mo provaram observa-

ções de pessoas do Pôrto, Covilhã, Leiria e outras partes, quando aqui em Viana-do-Castelo a ouviram.

Por cá, são de todo o instante expressões como: *que de peixes!; olha que de soldados!; que de gente lá vi!; que de vinho êle bebeu!*

Às vezes, num intuito chasqueador, o povo muda o *que de* em *c. de:—o c. de gente!*

Êste exemplo faz-me lembrar que ameúde se diz *o que de* por simplesmente *que de*, como nas formas interrogativas começadas por *que*, atrás do qual muitas vezes se põe *o*.

Note-se, no entanto, que, segundo a ordem das palavras na dição, é aquela construcção dispensável ou necessária:

—*Que de povo aí vem!; o que vem aí de povo!*

—*Que de barulho há de haver!; o que há de haver de barulho.*

—*Que de choros aí vão!; o que aí vai de choros!*

Ainda quero notar que, ameúde, em vez de *que dêles*, dizem *que de dêles*, por fusão mental do *de* no *êles*.

VIII. ver de...

O artigo antecedente sugeriu-me deixar arquivada uma curiosa construção do verbo *ver* com a preposição *de*, que o povo usa na Beira-Baixa pelo menos.

Ver de equivale a *procurar*. Exemplos:

—*Ando a ver de casa* (isto é: ando a procurar casa).

—*Ando a ver de um remédio para essa doença.*

—Que andas tu a fazer?—*Estou a ver de um papel.*

—*Vá-me ver de uma melancia.*

—*Vê aquelas melancias? pois vá lá ver de uma que seja boa!*

—*Não sabes de teu irmão? vai ver dêle!*

No norte, êste modo-de-dizer não faz sentido. Passaria pôr um disparate.

Nós empregamos *ver de*, exprimindo o *de* francamente relação partitiva.

Suponhamos que ando a ver, a examinar lenços numa loja; diria: *ando a ver disto, ando a vêr dêstes lenços*,—podendo não ter sequer tenção de escolher ou comprar algum. O *de* exprime claramente relação partitiva, pois me refiro a *um todo—isto, êstes lenços*—, motivo por que o demonstrativo nunca falta.

É certo que a pessoa, que *vê destas ou daquelas coisas*, no geral *procura uma*,—e parece-me deixar aqui entremostrada uma ponte de passagem de uma para outra maneira de dizer.

Em remate, incluirei exemplos para deixar patente a forma por que se dirá o mesmo na Beira e cá:

No norte diremos: *Estou a ver dêstes lenços*, ou *a ver lenços dêstes.*

Na Beira dir-se-há: *Estou a ver lenços dêstes.*

No norte: *Estou à procura de um lenço* (ou *a procurar um lenço).*

Na Beira: *Estou a ver de um lenço.*

IX. Se Deus quiser!

Esta fórmula, com que o povo acompanha sempre as suas tenções ou desejos, é um resquício vivo do fatalismo que os árabes deixaram na península.

—*Amanhã vou à cidade, se Deus quiser!*

—*Até logo, se Deus quiser!*

—*Não me há de suceder mal, se Deus quiser!* [1]

Acho interessante, a êste propósito, recordar um conto andaluz que o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos traduziu para os seus *Ensaios ethnographicos*, III (Lisboa 1906), pág. 24-25, intitulado *A Zaragoza ó al charco*, e no qual a par com a indomável teimosia aragonesa, se realça, às claras, a potência do Deus *super omnia:* —«*Jaga ustè cuento e sabé* [2] que, quando Christo andava pelo mundo, se encontrou casualmente com um Aragonês num caminho, e appeteceu-lhe perguntar:—«Aonde vaes, Aragonês?» —«Senhor, a Saragoça.»—«A Saragoça, se Deus quiser, terás querido dizer...» E vae e disse o Aragonês:—«Ainda que Deus não queira, a Saragoça vou.» E o Senhor accrescentou:—«Pois sómente por isso, vaes ficar feito rã nesse charco.» E continuou a andar. Alguns dias depois, passando pelo mesmo caminho, e vendo uma rã que não fazia senão cantar, S. Pedro, que já se havia inteirado do caso, pediu ao Senhor que o mudasse em homem outra vez, pois que já estaria emendado.—«Pedro (lhe disse o Divino Mestre), tu fallas assim, porque não sabes quanto os Aragoneses são testas de ferro. E senão, vaes ver.» E aproximou-se do charco, e em seguida sahiu o nosso Aragonês, an-

---

[1] Na Beira-Baixa arredondam às vezes assim a frase: *Se Deus quiser e a Virgem o permitir!*—Vém a pêlo citar outras fórmulas congéneres:—*Será o que Deus quiser!, Deus assim o quis!, Nosso Senhor é quem manda!, manda quem pode!, tinha de ser!, é o que tem de ser!, o que tem de ser tem muita força!, estava escrito!...* (Diz-se *Deus*, *o Senhor* ou *Nosso Senhor.*)

[2] Uma das formas iniciais dos contos andaluzes (Vid. *loc. cit.*).

dando, para procurar o caminho.—«Aonde vaes, Aragonês», lhe perguntou o Senhor. E o Aragonês respondeu-lhe:—«A Saragoça, ou ao charco».—

Dos turcos diz Pedro Loti no romance *As desencantadas* (trad. de Manuel Ribeiro, Lisboa 1912, pág. 112):

«—É verdade que ides partir?—perguntou ele.
—É certo.
—Mas voltareis... e encontrar-nos-emos outra vez?
Nesta altura, Djénana respondeu com esta palavra imprevista e fatalista com que os orientais explicam todas as coisas de futuro: «Inch'Allah!...»

No artigo *Contribution au folk-lore de l'Algérie*, na *Revue des Traditions populaires*, XXVII, regista L. Jacquot (pág. 258):

«Jamais un arabe ne fait un projet sans ajouter «Inch Allah! (s'il plaît à Dieu)». Oublier cette formule serait méconnaître la toute-puissance de Dieu et s'attirer sa colère.»

E logo adeante repete (pág. 264):

«Il ne faut jamais dire: «Je ferai ceci ou cela—sans avoir soin d'ajouter aussitôt: *inch'Allah!* Si Dieu le permet!»

Pois o nosso *Se Deus quiser!* não é mais do que o *inch Allah!*, aliás *in xá 'lláh*, se bem que esta expressão arabe, ou antes, *iá xá 'lláh* [1] tenha dado *oxalá*, que não diz *se Deus quiser*, mas *Deus queira!*, frase que tem emprêgo diferente.

X. morrinha, morriña

Há em galego o vocábulo *morriña*, com a significação de doença—a que adeante me refiro—:

Mala murriña mate os homes,
E por todos non-o digo,
Para uno que me toca,
Sabe Dios y mi marido [2],

e com a significação de «saudade»,—sem falar em outras acepções que deve ter, correspondentes às que mais abaixo menciono.

[1] Vid. A. R. Gonçalves Viana, *Palestras filologicas*, Lisboa 1910, pág. 90.
[2] N.º 481 da Colecção de Saco y Arce, publicada no *Boletin de la Comisión provincial de monumentos históricos y artísticos de Orense*, tômo V, pág. 62.

«Morriña

¡X'o sei, Galicia amada!...
no fondo do meu peito
eu sinto os doces píos
dos teus amores meigos:
eu sinto o runxe-runxe
dos teus falares tenros
nas miñas feiticeiras
lembranzas d'outros tempos:
eu sinto que me chamas
c'a voz dos meus deseios
das miñas saudades
c'as feles e amarguexos,
c'as bretemas escuras
d'este vivir qu'eu levo.
¡Se tí souperas xoya,
o moito qu'eu che quero!
¡Se tí viviño ou morto
souperas qu'en ti penso!...
Sin tí ¡malpocadinho!
de presa vou pra vello,
acábansem'os folgos
branquéanm'os cabelos
e cómeme a morriña
e morro sin remedio!...
. . . . . .

Alejandro Miguens Parrado [1].»

«Morriña

Cando m'atopo lonxe
da miña terra
sinto vágoas nos ollos
de pensar n-ela;
pero son bágoas
que me levan as penas
e danme calma.
Cando penso nos bosques,
nas carballeiras,
nos ridentes paisaxes
da nosa terra,
no sinto penas,
pero correnm'as bágoas
pol-as meixelas.
. . . . . .

Ernesto Padin [2].»

Muitos outros exemplos se poderiam citar. Na mesma obra, donde reproduzi os que aí ficam, se encontra *morriña* a págg. 320, 334 etc.

É a propósito dêste vocábulo galego que a Sr.ª Dr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, n-*a Saudade portuguesa* [3], diz:

«Mais abaixo terei de mostrar que esse nome vulgar da saudade, usado apenas na Galiza, e sinonimo de *sarna, ronha,* é de origem desconhecida. Note-se que *morrinha* não figura no Dicionario galego de Cuveiro-Piñol, nem no de Valladares.»

Na pág. 72 do mesmo livro, diz a ilustre escritora:

«Numerosas vezes [o povo] trata-a [à *saudade*] todavia com ironia, sentenciosamente. *Se saudades matassem... muita gente*

[1] In *Literatura gallega*, de Eugénio Carré Aldao, 2.ª ed., Barcelona 1911, pág. 215.
[2] Ibidem, pág. 313.
[3] Pôrto (ed. da «Renascença Portuguesa»), pág. 115, nota 49.

morreria! Saudades são securas... meu amor, dá cá a borracha! Ou mais rudemente ainda: *Saudade é sarna... Saudade é ronha.*

«*Sarna* e *ronha*. Estamos perto da *morrinha* que na Galiza é nome da *sarna* e da *saudade!*

«Isso leva-me a mencionar — continua a douta Escritora — que tambem foi o povo que deu o nome de *saudades* a várias flores roxas, do róseo mais claro, serapintado de alegria branca, até aquela côr escura de violeta que a tradição chama de meio-luto ou das viuvas. Sobretudo à *scabiosa arvense* dos campos, de agradavel perfume, e à *atro-purpureata* dos jardins.

«*Scabiosa* — de *scábies*, que é a propria *sarna* — *ronha* — *morrinha!*»

*

Morrinha existe em português, com várias significações. Quere dizer:

a) Abatimento, modorra, quebranto, tristeza acabrunhada... — e, de passo, note-se em castelhano *morriña*, «fig. y fam. tristeza ó melancolía..... *y asi se dice, á fulano le entró la morriña. Diccionario de la Academia* de 1729 [1].»

Nós não empregamos *morrinha* por *saudade*, porque êste último vocábulo a nenhum português é grato substituí-lo por outro, — mas sabemos que a «saudade» é uma das principais causas da «morrinha»: a saudade *amorrinha*, é *morrinhenta:*

... «e só tinha encontrado alguma sympathia nos gallegos taciturnos, cheios d'uma saudade morrinhenta,»... — Eça de Queirós, *o Primo Bazílio*, 4.ª ed., Pôrto 1901, pág. 99.

A pessoa *com morrinha*, *amorrinhada*, está indiferente, apática, sucumbida, *como morta*. No significado de *morrinha* influi o verbo *morrer*. Pois não se «morre de saudades»? Não se diz que as «saudades matam»?

. . . . . .
e cómeme a morriña
e morro sin remedio!... [2]

Os galegos, chamando *morriña* à «saudade», não fizeram mais do que confundir causa e efeito ou, melhor, qualificar o estado de saudade pelo sintoma mais evidente: «morriña».

---

[1] *Dic. enciclop. hispano-americano*, s. v. *morriña*.
[2] Vid. a poesia *Morriña*, acima transcrita.

Fizeram exactamente como nós — tenho sempre na mente o povo minhoto — que

b) chamamos também *morrinha* à chuva meudinha, prolongada, impertinente: chuva *que amorrinha;* e que

c) chamamos ainda *morrinha* a um andaço, doença epidémica que, embora leve, seja prolongada; que mace, abata: andaço *que amorrinha.*

A característica é sempre o *abatimento, quebranto, acabrunhação*... — A saudade, a chuva meúda, o andaço «amorrinham», são *morrinhas*, confundindo-se a causa e o efeito.

d) Há uma doença especial do cão a que se chama também *morrinha.* Tem sintomas que se confundem com os das moléstias que a seguir registo — e é daí que vem o nomeá-las o povo, a tôdas, pelo mesmo nome.

e) *Morrinha* é, e propositadamente deixei êstes dois significados para o fim, *sarna* e

f) *gafeira.*

É o povo que chama à *sarna* ou *ronha* — *morrinha. Morrinha*, porém, é, própriamente, a *gafeira* ou *bexigas* dos animais lanígeros. Na *Gazeta das Aldeias,* de 31 de Janeiro de 1915, vem uma consulta (de Casa-Branca) onde se fala de «cabras com *gafa* (sarna)». Há confusão de «gafeira» e «sarna», sob o mesmo nome de *morrinha.*

Vejamos os sintomas da sarna:

«A sarna conhece-se sobretudo pelo grande prurido ou comichão que produz na péle dos animais e pelas excoriações e escamas a que essa comichão dá lugar, por os animais se coçarem constantemente. Além do prurido e excoriações localizadas nas partes atacadas de sarna, esta doença cutânea causa também, com o tempo, um grande emmagrecimento do animal. A péle, não sendo tratada devidamente, cobre-se de feridas ou espessa-se, enruga, endurece e perde os pêlos. O definhamento do animal por fim é tanto, que se torna apto para contraír qualquer outra moléstia, principalmente de natureza microbiana, como é, por exemplo, a tuberculose [1].»

Há, pois, na «sarna», *emmagrecimento, definhamento,* e, portanto, *abatimento, amorrinhamento* do animal, — além do *prolongamento* da doença.

Na *gafeira,* doença muito vulgar em o nosso país, também

[1] Artigo do Sr. lente de Medicina veterinária J. V. de Paula Nogueira, in *Gazeta das Aldeias,* n.º citado, pág. 52.

há *tristeza, falta de apetite, abatimento. A gafeira* ataca os rebanhos, matando séries de animais, às revoadas, o que a faz *prolongar* muito tempo.

Vêem-se os pontos de contacto das duas doenças, provocadores da confusão popular. Porque ambas *amorrinham*, se lhes chama *morrinha*.

É evidente que nestes significados de *morrinha*—doença—, mais sobressai a influência de *morrer*, a que acima aludi já.

*

Saudade é sarna... Saudade é ronha...—Porque *saudade é morrinha.*

E se muitas vezes o povo, irónicamente, chama *sarna* ou *ronha* à «saudade» é porque atribui a essas causas distintas semelhante efeito. *Isso não é saudade, é sarna!*, como quem diz: *estás abatido, estás amorrinhado, mas não é por saudades, é por môr de sarna...—Isso é ronha!* Aqui é a ironia popular mais aguda, mais maliciosa, porque *ronha* também quere dizer *impostura, esperteza com cálculo.*

XI. O coração adivinha, etc.

São freqùentes frases como: *dizia-mo o coração, o coração adivinhava isto...*

Êstes modos de dizer são a supervivência de antigas ideas fisiológicas. Os antigos supunham que no coração se localizava o «adivinhar». A mesma origem teem as frases: *bons fígados, maus fígados.* O fígado, para os antigos, em certa época da sua sabedoria, era, como ainda hoje o coração, a sede de sentimentos.

Diz António Ferreira na *Luz verdadeyra e recopilado exame de toda a cirurgia* (4.ª ed., Lisboa 1705, pág. 22):

«Foy ordenado pela natureza [o baço], não só para....., senaõ, como dizem os Antigos, para ser assento do rir, como o coraçaõ do adivinhar, & saber, os Bofes do fallar, o Fel da ira, o Figado do Amar, donde vem aqueles versos.

Cor sapit, & pulmo loquitur, fel continet iras,
Splen ridere facit, cogit amare jecur.»

XII. lázaro — lazeira

Lázaro quere dizer, própriamente, «leproso». É o nome do mendigo bíblico, coberto de chagas, que em vão procurava sensibilizar o mau rico (Vid. *S. Lucas*, cap. XVI).

Não deve deduzir-se que realmente seja à lepra que a Bíblia neste ponto — como noutros — se refira. H. Carrère na tradução que fêz da «Bacteriologia experimental» de Kolle e Hetsch, ajuntou a nota: «Münch croit que les diverses données des livres saints dont on a enrichi l'historique de la lèpre ne se rapportent pas à cette affection. D'après cet auteur, la lèpre n'aurait été importée de l'Inde en Egypte que dans les derniers siècles avant J.-C.; de là, elle aurait gagné la Grèce, puis l'Italie» [1].

Basta ler os passos da Bíblia nos quais se tem pretendido ver especificada a «lepra» [2], para claramente se verificar que tal designação envolve doenças várias, e que razão tem Paulo Bruzon ao dizer: «Il est à croire que Moïse confundit toutes les dermatoses sous la dénomination générale de lèpre» [3].

Não é, porém, caso único.

Como é regra em Medicina, sob os nomes de doenças, hoje individualizadas, agrupavam-se antes diversas doenças, que pouco a pouco foram desfiadas no decorrer dos tempos.

Nesta conformidade, o que os antigos chamavam *lepra*, ou, melhor, o que nós julgávamos que êles chamavam *lepra*, não correspondia à doença hoje assim chamada, e de que, no aspecto clínico, se distinguem três formas: *lepra tuberculosa* ou *tuberosa*, *lepra máculo-anestésica* e *lepra mista*, esta com caracteres combinados das duas antecedentes [4]. — Os nomes que os antigos usavam podem ver-se, por ex., no *Dictionnaire abrégé des sciences médicales*, Paris 1824, s. v. *lèpre*. — Como sempre sucede, o agrupamento de vários estados mórbidos sob um determinado nome advém de sintomas ou de sinais comuns que aproximam e aparentemente confundem aqueles estados. O que mais deveria chamar a atenção dos antigos, seriam as lesões cutâneas, como foram elas que, pelo tempo adeante, mais feriram a vista do povo. E essas lesões provocariam a reunião de doenças na

---

[1] *La Bactériologie expérimentale*, por W. Kolle e H. Hetsch, trad. fr. 2.ª ed. (da 3.ª ed. al.), Paris 1911, pag. 438.

[2] Vid. sobretudo *Levítico*, capp. XIII e XIV.

[3] Paulo Bruzon, *La Medecine et les Religions*, Paris 1904, pag. 259

[4] Kolle e Hetsch, obra e trad. cit., pag. 440.

verdade distintas, incluindo evidentemente a «lepra» própriamente dita.

No citado passo do *Novo Testamento*, não se diz que *Lázaro* fôsse «leproso», mas sim «um pobre mendigo», «todo coberto de chagas». O estar «coberto de chagas» é que provocou o tê-lo como «leproso». E *S. Lázaro* tornou-se o advogado dos leprosos.

É verdade que há mais *Lázaros* e *Sam-Lázaros*, mas creio dever-se, para o caso, identificar *Sam Lázaro*, «advogado dos leprosos», com o «Lázaro» da parábola bíblica.

«Lazaro ou Eleazaro — diz o P.e Leroy — era então um nome muito commum; nas obras de Josepho apparecem trinta e tres personagens com este nome.

«O Lazaro do Evangelho bem depressa se tornou e ficou muito popular entre os christãos. Era na Edade media o patrono de todos os pobres e dos mendicantes que se chamavam Ladres, uma corrupção de Lazro, abreviatura de Lazaro. Este nome designava d'um modo especial os leprosos e as pessoas attingidas por enfermidades contagiosas; o seu mal fazia lembrar as chagas do pobre Lazaro, e chamavam-se Ladrerias os hospitaes onde estes desgraçados eram tratados. Os nossos Lazaretos modernos, os Lazzaroni de Napoles e a prisão de S. Lazaro de Paris, tiram as suas denominações da parabola que explicamos [1].»

A respeito do «Hospital de S. Lázaro», de Lisboa, lê-se no *Anuário da Universidade de Lisboa*, coordenado por António Joaquim Pereira Machado [2]: «temos..... como coisa certa que foi cedido para *nele se recolherem sómente os gafos e os doentes do mal de S. Lazaro*, conforme expõe o vereador Gaspar Ferreira Aranha na consulta que estamos anotando, e o confirma a mencionada carta regia [de 25 de Outubro de 1452], isto é, para as pessoas atacadas de lepra e de outras afecções cutaneas de mau caracter;» .....«lazaros, nome por que designavam os leprosos e que vai buscar a sua origem no Evangelho de S. Lucas, cap. 16.º, na parabola do mendigo Lazaro que era o santo padroeiro da mencionada ordem religiosa [Cavaleiros hospitalários de S. Lazaro], e o mesmo de quem tomou a invocação o instituto hospitalar de

---

[1] P.e Hypolito Leroy S. J., *Jesus Christo — sua vida e seu tempo. Lições de Escriptura Sagrada prégadas em Paris e Bruxellas.* Versão da Empresa Editora da «Revista Catholica». Viseu 1911. Volume VI, 6.ª lição, pág. 123-124.

[2] Ano lectivo de 1915-1916; 2.ª parte; Lisboa 1917, pág. 108-109.

que estamos tratando, bem como todos os seus congeneres disseminados pelo reino».

A «lepra» — dando ao vocábulo o significado vago que êle teve realmente — chamou-se *mal de S. Lázaro* — e, entre nós, ainda *mal de S.to Antão*, *fogo selvagem* (como a designou Afonso X) e *fogo sacro* [1].

Lázaro, como é natural, quere dizer também *chaguento*, e *ferido*, como notou A. R. Gonçalves Viana, *Apostilas aos Dicionários portugueses*, II, 62, s. v. *lázaro*.—De uma criatura a quem moeram de pancadas, diz-se: *ficou um lázaro*. O P.e A. Gomes Pereira, in *Rev. Lus.*, XII, 106, registou «*lazaro*, pessoa maltratada ou pisada», como da linguagem de Vila-Rial, mas em tal acepção é o vocábulo corrente fora de Trás-os-Montes também. —No periódico lisbonense *a Vanguarda*, de 13 de Outubro de 1917, encontro: «Que se a inveja fosse tinha, o ..... estava como um lazaro chapado», frase que documenta outro emprêgo de *lázaro* e a persistência até hoje da confusão a que acima aludi, confusão que também se encontra em livros, nomeadamente dicionários; o de Vicente Salvá, por exemplo, regista (7.ª ed., Paris 1865): *Mal de San Lázaro*. Especie de lepra (s. v. **Mal**).—**Sanlázaro**. Tiña.—**Lázaro**. ... El que padece la enfermidad llamada tiña ó sanlázaro.—E por sua vez o vocábulo *tinha* exprime várias doenças cutâneas.

Em Évora, *lázaro* equivale a *asilado;* em Milão, também aos asilados chamam *lázzari* (Vid. Gonçalves Viana, *loc. cit.*). *Lázaro* é ainda o «miserável», o «desgraçado».

*

Passemos agora ao vocábulo *lazeira*. Dizem os diccionários:

lazeira.... Magreza.... Miseria. Pobreza.—[*Dicc. port.-fr.-e-latino*, de Costa e Sá, Lisboa 1794.]

lazeira.... (do Vasconço, *Laceira*) Desgraça, calamidade, trabalhos. feridas levadas da guerra. *Nobiliario*. §. Pobreza, miseria. *Eufr.* I. 2. *tirar da lazeira:* remediar os damnos, trabalhos, e miseria. *M. Lus.* §. Lepra. —[*Dicc.* de Morais, 3.ª ed., Lisboa 1823.]

lazeira.... (do Vasconço *latza*, aspero, escabroso, e no sentido de *pobre*, do Vasconço *landerra*, pobre, miseravel), pobreza, miseria; lepra; desgraça, calamidade. [*Novo Dicc.*, de Constâncio, 6.ª ed., Paris 1858.]

---

[1] Vid. *O Instituto*, vol. 49.º, pág. 408-409 (artigo *Historia da Beneficencia publica em Portugal*, do sr. Vitor Ribeiro).

lazeira.... desgraça, adversidade, desventura, males, feridas apanhadas na guerra....

—Pobreza, miseria, indigencia, penuria, inopia.

—Lepra, mal contagioso.

—Ex.: *tirar alguem da lazeira;* remediar a sua miseria e penuria.—[*Gr. Dicc. port.*, de Fr. Dom. Vieira, Pôrto 1873.]

lažeira.... Miséria. Desgraça. Lepra. *Fig.* Fome: *cair de lazeira* (De *lázaro*).—[*Novo Dicc.*, de Cândido de Figueiredo. 2.ª ed., Lisboa 1913.]

O vocábulo é paralelo ao esp. *laceria*, com o qual já o sr. A. A. Cortesão, nos seus *Subsídios para um Dicc. completo*, o manda confrontar.

laceria.... pobreza, indijencia.—ant.: fatiga, incomodidad, trabajo.—Mal de San Lázaro.—[*Dicc. enciclopédico de la lengua esp.*, Bibliot. de Gaspar y Roig., Madrid 1855.]

***laceria**.... Miseria, pobreza. *Inopia, egestas.* || [ant. Incomodidad.] trabajo, fatiga, molestia. *Molestia, incommodum.* || ant. Enfermedad de San Lázaro. *Lepra.*—[*Nuevo Dicc de la Lengua castell.* «que comprende la última edicion íntegra, muy rectificada y mejorada del publicado por *la Academia Española*», de Vicente Salvá, 7.ª ed., Paris 1865.]

E a par com *laceria:*—**lacer.**

lacer.... ant.: *laceria.*—[*Dicc. enciclop.*, cit.]

lacer.... ant.: *laceria.*—[*Dicc.* de Salvá, cit.]

Ainda em esp. ant. há **lacerio,** *m.* como **lacer.**—De *lazer*, em port., dizem os diccionários:

lazer.... antiq. Vagar, commodidade. *v. g. não tive* lazer *de fazer isso.* (do Inglez *leisure. B. Per.* «Não lhe dando ainda *lazer* para morrer». *Ceita, Sermão*, 127.—[Morais].

lazer.... (do Fr. *loisir*), ant. vagar.—[Constâncio].

lazer.... (do francez *loisir*). Espaço de tempo necessario para fazer alguma coisa a geito.

—Tempo que fica disponivel depois das occupações.

—Vagar, pachorra, commodidade.

—Estado em que é licito fazer o que se quer.—[Dom. Vieira.]

lazer.... O mesmo que ócio. Vagar, passatempo (do lat. *licere*).—[Cândido de Figueiredo] [1].

Lazeira, na Beira-Baixa, Alentejo e ainda na Estremadura, quere dizer «preguiça», «indolência», «quebreira», significado êste que não vai contra o de *lazer* em português. Em tal sentido encontra-se o voc. em Fialho:

---

[1] *Lazer* corresponde ao it. *lecere*, fr. *loisir*. Vid., por exemplo, *Dict. latin-fr.*, de Theil, s. v. *licet* (Paris 1857, 2.ª ed.).

«Assim a palestra vai a sabor das recordações dos tempos d'estudante, quando a minha lazeira d'alentejano sul, raro disciplinavel aos methodismos classicos do trabalho...» [*Os Gatos*, 2.ª ed., vol. IV, pág. 132].

Os vocábutos *lazeira* e *lazer* encontram-se aproximados no *Dicc. da Língua port.* de Bernardo de Lima e Melo Bacelar (Lisboa 1783):

«.... [laz]*eira*: [laz]*er*;.... fraqueza: e vagar na obra.»

No Minho, *lazeira* é corrente por *fome*. *Caír de lazeira* é «caír de fome».

«... de lazeira estou caindo.» [*Lusa*, I, pág. 123.]

Ao passo de Fialho, acima transcrito, ajuntarei outros do mesmo autor, nos quais se encontra o voc., e que servirão para frizar o vário uso dêle:

«O mau humor do rei..... é uma coisa tão..... comicamente avulsa no ronronar da sua górja e na comatosa lazeira que o esbodega,...» *Os Gatos*, IV, pág. 266.

«Cada velhito vem de casa, arrastando a lazeira dos annos,...» *País das Uvas*, já cit., pág. 26.

«Ou aquelles miseros abandonam o leito, para ir á séde de residencia do medico, e então a miseria dos vehiculos que os transportam, a agrura do tempo, a extensão e a má qualidade do caminho, compromettem-lhes a vida, com o aggravarem-lhes a lazeira; ou....» *Vida irónica*, 2.ª ed., Lisboa 1914, pág. 233.

O sr. Alberto Saavedra n-*a Linguagem medica popular de Fialho* (reimpressão, Pôrto 1916), incluiu *lazeira*, «fome, miséria fisiológica», abonando o voc. com o passo últimamente citado e outro do livro *Á Esquina:*

«... esquecer as amarguras da sua faina habitual, e afogar nas farturas crassas dum dia, talvez que a lazeira sinistra de meses de vida madrasta e precisada!» (2.ª ed., Lisboa 1915, pág. 199).

Os vários significados de *lazeira* aí ficam expostos. Giram, afinal, em volta de um mesmo núcleo ideológico. O significado «preguiça» é que, à primeira vista, parece destoar. Mas não é natural que haja «preguiça», «indolência», «quebreira» num «desgraçado», num «miserável», num «faminto», etc.? Depois, fácilmente se passava da «preguiça» patológica para a viciosa.

Demais, encontro no *Dictionaire abrégé des Sciences médicales* (edição de Panckoucke), Paris 1824, vol. X, s. v. *lèpre:*

«L'apparition de la *lèpre crustacée* [1] est ordinairement précédée de melancolie, de tristesse insurmontable, de faiblesse, de lassitude extrême, que le repos le plus prolongé et les meilleurs alimens ne peuvent faire cesser» (pág. 403).

Êste facto concorreu por certo para que *lazeira* viesse a significar conjuntamente *lepra*, *lassidão*, *preguiça*, *fraqueza*, *fome*, *miséria*, etc.

Para completar o registo dos significados de *lazeira*, notarei que para estas bandas de Viana-do-Castelo se emprega muitas vezes o voc. depreciativamente, em expressões como: *que lazeira!*, *olha a lazeira!*, correspondentes pouco mais ou menos a: *que asnice!*, e acêrca de pessaas pretenciosas ou farófias. Ainda no livro brasileiro *Diccionario da Marinha portuguez-francez-inglez e vice-versa*, de Adolfo Tiberghien, Rio-de-Janeiro 1872, encontro: «Lazeira — Evitage — Swinging Birth.»

Viana-do-Castelo, Novembro de 1917.

CLÁUDIO BASTO.

1 Nesta lepra é compreendida a *lepra vulgar* (Vid. *loc. cit.*, pág. 401-402).

TRADIÇÕES POPULARES

DE

SANTO TIRSO

(2.ª série)

(Continuado do vol. XXI da REVISTA LUSITANA, pág. 64-88)

XII

Lendas e narrações

1 — *Linguagem dos sapos:*

— Vais ao serão?

— Eu vou. E tu?

— Eu, não.

2 — Os chascos, no seu canto, querem que o Menino Jesus morra e os piscos não.

3 — Os tordos encontraram-se com as andorinhas e preguntaram-lhes:

— Donde vindes, andorinhas, que ides tam poucas e vindes muitas?

Ao passarem pelos tordos, fizeram também as andorinhas a pregunta:

— Aonde ides, tordos loucos, que fostes muitos e vindes poucos [1]?

4 — Os pedreiros são amaldiçoados: Quando Nossa Senhora ia para o Egito—a cavalo numa gerica, êles pegaram nesta e atiraram-na para cima duma casa com um guincho.

5 — As pinhas foram amaldiçoadas, ficando a estalar no verão, por terem denunciado a passagem de Nossa Senhora para o Egito.

O mesmo se diz dos tremoços [2].

6 — *História da sacha:*

No princípio do mundo, S. Pedro decroou o milho; depois arrendou-o, e ia sachá-lo terceira vez, quando o Senhor lhe disse:

---

[1] Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 157.

[2] Cfr. *Ensaios Ethnogr.*, t. III, pág. 108.

— Não saches mais, Pedro, que o lavrador não pode com tanto!

Ficou assim o costume de sachar o milho duas vezes.

Nos lugares onde se festeja o S. Pedro, ainda hoje vão pelos campos procurar um pé de milho que já esteja espigado; cortam-no, e colocam-no encostado à imagem daquele santo [1].

Em Areias levam-se os pés de milho à capelinha de S. João.

7 — Na freguesia de S. Miguel do Couto, existe a pia de S. Rosendo «da qual se conta, que querendo trazella para S. Thyrso hum Dom Abbade, levando para isso muitos homens, e boys, nunca a puderão mover, e voltando para seu lugar, humas fracas vacas a levàrão» [2].

É uma lenda muito espalhada em vários países, e que se conta a propósito do Senhor de Matozinhos, da Senhora da Serra no Marão, etc.

Quando visitei o Marão, contou-mo o guia, referindo-se à imagem da Senhora existente na ermida do alto da Serra:

Um dia, os da Teixeira quiseram levar a imagem para lá, mas esta voltou para o seu antigo lugar.

Julgaram que podiam evitar a fuga, fechando a imagem numa caixa, mas no dia seguinte lá apareceu novamente a Senhora na Serra [3].

8 — Contava em tempos uma velhinha do Monte Córdova:

— Muito felizes são os de agora! — dizia minha bisavó — Agora há fornos e no meu tempo cozia-se o pão numas pias...

Naturalmente o dito era repetido pela bisavó, mas pertencia já a outro ascendente mais afastado, sendo de notar, porêm, que a freguesia do Monte Córdova é, pela sua situação, aquela que melhor pode conservar as tradições antigas [4].

9 — O Snr. P. Joaquim Pedrosa pensava há muito que, no lugar do Corvilho, próximo da vila, deveria ter existido um castro romano.

Há meses começaram a cavar no Corvilho os alicerces do novo hospital, e o aparecimento de alguns vasos veio dar razão a tais suposições.

---

[1] Tradição colhida em S. Simão de Novais (Famalicão) pelo meu irmão Dr. Joaquim A. Pires de Lima.

[2] P. Carvalho, *Corografia Portuguesa*, t. I, pág. 326 (2.ª edição). V. Alberto Pimentel, *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 52.

[3] Cfr. *Revista Lusit.*, vol. 10, pág. 211, P. Obligado, *Tradiciones Argentinas*, pág. 113, e *Lusa*, Ano II, pág. 163, n.º 4.

[4] Informação do distinto arqueólogo e digno abade de Santo Tirso, P. Joaquim Pedrosa.

Estando um dia numa farmácia aquele meu amigo a conversar sôbre o caso, ouviu a uma mulher:

— Bem dizia a minha avó que não queria as casas que se fizessem no Corvilho, pois lá apareciam bruxas e era um cemitério antigo.

Ora é possível que, em tempos recuados, se descobrissem algumas sepulturas no lugar, e que à volta delas se estabelecessem as lendas sôbre a aparição das bruxas.

Eis um caso que vem demonstrar mais uma vez a importância das tradições no estudo da arqueologia.

XIII

Fabulário

I — A raposa e o pisco

Uma vez a raposa disse ao pisco:

— Vou-te comer.

— Não me comas, que ainda sou pequenino e não te encho a barriga. Vem ali uma mulher que vai levar o jantar ao homem. Ela há-de querer agarrar-me, pousa a giga, e tu enches-te.

Assim foi: O pisco chegou-se para a mulher, que pousou a giga para o agarrar e a raposa comeu o que estava dentro da giga.

Depois o pisco veio para a beira da raposa e preguntou:

— Encheste a barriga?

— Enchi.

— Agora que querias mais?

— Encher a barriga de rir.

— Anda comigo.

Chegaram a um campo onde andavam uns cavadores, e o pisco pousou na cabeça da gente que andava a cavar, e a gente procurava dar com a sachola no pisco, que no fim voltou a preguntar à raposa:

— Encheste a barriga de rir?

— Enchi.

— E agora que querias mais?

— Queria mijar.

— Anda daí comigo e hás-de pôr os pés onde eu puser.

O pisco foi andando por um caminho onde havia uma ra-

toeira, e passou em cima dela sem lá ficar, mas a raposa ficou prêsa.

Então a raposa disse assim para o pisco:

— E agora?...

— Agora fica aí!

2 — O rato do monte e o rato do moinho

O rato do *munho* [1] encontrou o rato do monte e disse-lhe:

— Ó rato do monte, tu estás tam magrinho!

— Não qùe aqui não há que comer...

— Anda para o *munho* que lá há muito que comer. Olha como eu estou gordo! Há lá muita farinha e milhinho.

Lá foram os dois para o *munho*, e, quando lá chegaram à porta, disse o rato do monte:

— Entra para dentro, que tu já sabes os costumes.

O rato do *munho* entrou, mas foi papado pelo gato.

O rato do monte fugiu e disse:

— Papa, gato, que é gordinho,
Antes quero ser do monte e ser magrinho,
Que ser do *munho* e papadinho...

3 — Os três galos

Um homem e uma mulher tinham três galos. O homem saiu e veio ficar com a mulher um frade.

Depois de o frade ir embora, veio o homem e o galo cantou:

— Esta noite ficou cá um frade!

A mulher disse:

— Êste galo tem coisa ruim!

E o homem:

— É melhor matá-lo.

Assim fizeram, mas ao outro dia outro galo cantou:

— Mataram o meu irmãozinho por dizer a verdade!...

Quando ouviu isto, a mulher tornou a dizer:

— Ó homem, êste galo tambêm tem coisa ruim!

E o homem disse assim:

— É melhor matá-lo.

No terceiro dia o derradeiro galo cantou:

— Quem nesta casa quiser morar,
É ver, ouvir e calar.

---

[1] Assim pronuncia o povo a palavra moinho.

4 — A raposa e a pêga

Numa árvore grande moravam a raposa e a pêga: a pêga no *andar* de cima e a raposa no *andar* de baixo.

Um dia a raposa disse à pêga:

— Queres que *enxine* os teus filhinhos a ler?

— Quero.

E a pêga mandou um e a raposa comeu-o. A raposa tornou a dizer:

— Manda outro que êste já sabe.

A pêga foi mandando assim os filhos para baixo, e a raposa comeu-os todos.

Mais tarde, a pêga lembrou-se dos filhos:

— Ó raposa, que é dos meus filhos?

— Eu tinha muita fome e comi-os.

Então a pêga disse assim:

— Queres vir comigo às festas do céu?

— Não, que eu não tenho asas.

Tu pegas com a bôca no meu rabo.

A raposa agarrou-se com a bôca ao rabo da pêga, e lá no ar a pêga preguntou:

— Inda vês casas?

— Inda.

Mais acima, a pêga tornou a preguntar:

— Inda vês pinheiros?

— Vejo.

A pêga andou mais um bocado.

— Inda vês casas?

— Agora já não vejo casas nem pinheiros.

— Retira-te de mim!

— Não que eu caio.

— Retira-te de mim já!

E a raposa retirou e dizia no ar:

— Se desta escapar,
Às festas do céu
Não hei-de tornar...

Caiu cá abaixo e ficou como um bôlo.

5 — O leão e o bicho-homem

O leão dera de conselho ao filho:

— De todos os bichos zombarás, só do bicho-homem, não.

O filho foi logo passear a ver se encontrava o bicho-homem, pois se lhe não dava de ter uma *luita* com êle. Encontrou um burro velho, cansado do trabalho e preguntou-lhe se êle era o bicho-homem.

Respondeu o burro que não, mas que fôra o bicho-homem que o pusera assim.

Mais adeante estavam uns bois desprezados que disseram a mesma coisa.

Depois encontrou um homem a lavrar com uns bois e um rapaz, e o leão fêz a mesma pregunta.

O homem botou a vara ao alto e respondeu que era êle o bicho-homem, e o leão disse-lhe se queria *luitar*.

O homem disse que sim, mas que fôsse ter a um sítio, onde tinha um poço estreito em cima e mais largo em baixo, coberto com queirós, para caçar o lôbo.

O leão foi e caiu dentro do poço; daí a um pedaço, chegou o homem com a vara e começou a chuçar para aqui e para ali.

Diz o leão:

— Atravessa-me antes os ouvidos dum lado ao outro com a vara, já que não ouvi os conselhos do meu pai [1].

6 — A pêga e o sapo

A pêga disse um dia ao sapo:

— Se tu queres ver uma festa bonita, anda *a* mais eu.

— Aonde?

— Anda *a* mais eu; apega-te ao meu rabo, mas olha que não fales.

— Ai, não falo.

Chegaram lá muito alto e o sapo disse:

— Ainda é muito longe?

Abriu a bôca e caiu por aí abaixo...

---

[1] A informadora ouviu a história ao pai, já falecido, homem esperto e dado à leitura de livros e folhetos.

Talvez êle a colhesse na leitura, aproveitando-a como lição de obediência a transmitir aos filhos.

7 — A raposa e a garça

A raposa disse assim para a garça:

— Havemos de fazer uma função.

— Quando combinares, eu venho cá.

Ó despois a raposa fêz uma função de papas; pô-las muito rarinhas, e estendeu-as muito estendidinhas em cima da lareira.

A garça, como era com o bico, não aproveitava nada, e a raposa com a língua lambeu aquilo tudo num instante.

Ainda assim a garça deu-se por muito *'stifeita*, e disse à raposa:

— Também hás-de ir a minha casa, que eu hei-de fazer uma função.

Então a garça, um dia, chamou a raposa; fêz as mesmas papas, e botou-as numa *almotaria*. Com o bico comprido comeu-as *acaijo* tôdas, e a raposa, com a língua, era só lamber em volta...

8 — O lôbo e a raposa

O lôbo caíu no poço e a raposa disse-lhe cá de riba:

— Tu não vens para fora?

— Eu não posso, mas põe-te nesse balde e anda cá abaixo.

A raposa pôs-se no balde e o lobo veio para cima agarrado à corda.

Quando iam a passar um pelo outro, disse o lôbo:

São *estanças* da vida,
Uns p'ra baixo, outros p'ra riba...

XIV

Costumes

1 — Em Outubro, quando as colheitas estão a findar, saem para a Póvoa-de-Varzim muitos lavradores e artistas.

Na estação da Trofa vêem-se todos os dias dezenas dêsses crentes na panaceia dos banhos do mar, tomados nas condições mais anti-higiénicas. Levam baús, sacas com géneros, e pouco ou nada gastam nos estabelecimentos da Póvoa.

Como as cebolas são uma parte importante da alimentação de tais banhistas, pois muitos lavradores satisfazem-se dias e

dias apenas com êsse conduto, receberam os freqùentadores modestos de Outubro o nome de *çaboleiros*,

2 — Para afastar os *pássaros* [1] do milho alvo, vão os lavradores ter com um homem que seja enganado pela mulher.

Pedem-lhe que aguce um pau, sem dizerem o fim para que o desejam.

Em seguida dão três voltas com o pau em redor do campo, dizendo:

Passarinhos, ao monturo,
Que aqui está pau de cornudo.

Dadas as voltas, espetam o pau no campo, e os *pássaros* vão para o monte, e nem sequer *enxertam* [2] o milho alvo. (S. Simão de Novais) [3].

Em Vairão (Vila-do-Conde) usa-se uma fouce espetada num grande mastro para afastar os minhotos.

3 — Disse o Snr. Alberto Pimentel (*Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 233) que «quasi todos os lavradores cultivam linho para consumo de sua casa, quando não seja para negócio».

Há nessas palavras um bocadinho de romance, pois é relativamente insignificante o número de lavradores que se dedicam à cultura do linho, a qual vai decaindo de ano para ano.

E o exagêro da informação leva-nos a não ligar inteiro crédito às palavras empregadas na página seguinte da mesma monografia, sôbre a *arrincada*.

À semente do linho arrancada com os ripanços ouvi chamar *bagarela*. Quando o linho se *afoga* em água corrente (de ordinário no rio Ave), é preciso demorá-lo três ou quatro dias; sendo em água *parada*, sete dias.

Tirado da água, o linho estende-se num campo e aí permanece nove manhãs (Areias).

Quando se arranca e ripa o linho, parece ser costume intercalar o trabalho com danças e apupos [4].

4 — Nas malhas do centeio não se observa já o entusiasmo de outros tempos.

Recordo-me de assistir a algumas em que se davam gran-

---

[1] A palavra pássaro designa tôdas as espécies de aves não domésticas.

[2] Etimologia popular por—encetar, começar.

[3] Freguesia do concêlho de Famalicão, próxima de Santo Tirso. Informação de meu irmão Dr. Joaquim A. Pires de Lima. Na Figueira-da-Foz usam-se nas searas armações de bois, carneiros. V. M. Cardoso Marta e Augusto Pinto, *Folklóre da Figueira da Foz*, pág. 84.

[4] *Jornal de Santo Thyrso*, n.º 109, de 30 de Julho de 1885.

des apupos e se festejava o dono da casa, fugindo o chefe da *quadrilha*, o *abegão*, ao agarrar uma broa, o que dava motivo a perseguições e scenas picarescas.

O membro da *quadrilha*, que malha na extremidade, com a mão direita, chama-se *mão;* o da esquerda é *espada*. Ambos preparam a palha para o companheiro do meio malhar de modo que se ouça ao longe. A malha ouve-se às vezes a grandes distâncias, que não se aproximam ainda assim, na minha opinião, da *légua ou mais* em que fala o Snr. Alberto Pimentel [1].

A pedir vinho, cantam os malhadores:

Há uma vaca nos Reis [2],
Que também tem um bezerrinho;
A vaca chama-se *Andoba*,
E o bezerro *Andòbinho* [3].
Ó malhar das espigas
Se canta o *Albo:*
Pão branco e *binho*,
Ó senhor meu amo,
Binho e pão branco.

As eiras de terra [4] são endurecidas e alisadas antes das malhas.

Depois de se regarem, anda-se sôbre elas com um *vasculho*, isto é, uma vassoura grande com um pêso em cima.

Para varrer as eiras usam-se vassouras de codessos (*canheiros*).

— O centeio é *barroso* quando se semeia cedo e dá ferrã, que o gado come depois de segada ou na própria sementeira; ao que se semeia mais tarde, chama-se *galego*.

— O primeiro milho (*milhão*) que se semeia chama-se de *fôlha;* o semeado nos campos que já produziram centeio ou trigo é *restivo*. Além do *milhão* ainda semeiam alguns lavradores *milho alvo* e painço.

O pão *meado* de que falam os prazos antigos e o *Livro do registo dos testamentos* da freguesia de Areias (v. g. um testamento de 1775), era metade de centeio e metade de milho alvo.

Os feijões que costumam semear os lavradores em Areias

---

[1] *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 234.

[2] É possível que haja aqui referência à casa dos Reis, na freguesia de Avidos (Famalicão).

[3] *Andòbinho* quer dizer: venha vinho!

[4] *Calcadouros* (*Livro dos Usos e Costumes da freguesia de Areas*).

teem os seguintes nomes: *amarelo, branco, galego* ou *miúdo* [1], *manteigueiro* (branco também), *moleiro* [2] (amarelado), e *de trepar*.

— As qualidades de vinho são: *Bastez, vinhão* ou *tinto, vinhão mole, bogalhal* ou *borraçal; azal, azal doce* e *azal branco; pé-de-perdiz; espàdeiro* ou *espadal, mourisco, verdelho, alvaroco* e *americano* (êste último de introdução moderna).

Num testamento de 1775 (Livro do respectivo registo da freguesia de Areias) lê-se: «...*doze almudes* (de vinho) *sendo* **mole** (isto é, logo depois de pisado) **aquatorzeado** (de catorze canadas)...»

Na época das vindimas, onde a animação é tam grande como na da ceifa e malha de centeio, os vindimadores que vão à frente gritam para os retardatários:

— *Venha a vassoira!*

Além do vinho, muitos lavradores fabricam *água-pé* ou *dispensa*. Para isso estendem o *brolho* ou *bagaço* (depois de espremido, quási sempre) no lagar, juntam-lhe alguns almudes de água, e pisam sôbre a mistura uns poucos de cêstos de uvas para que ela ferva.

Em anos de pouco vinho, usa-se a *chincherineta*, que se obtêm lançando o bagaço dentro duma vasilha que se enche de água.

Por cada cêsto de bagaço costumam os proprietários dos alambiques dar um quartilho de águardente. Quando os areómetros já não registam graduação, chama-se ao líquido destilado *água-doce*, a qual é aproveitada para regular os graus da águardente e na fabricação de licores de *café*, de *canela* e de *hortelã*.

— Processo de curtir azeitonas:

Deitam-se num cântaro cheio de água, que se muda duas ou três vezes de oito em oito dias.

Tiradas daquela água, metem-se em *salmoura*. Para se reconhecer se a solução tem o sal suficiente, deita-se dentro um ôvo. Se êste vier à superfície, a água está boa.

As azeitonas devem tirar-se com uma colher e nunca com a mão para não ficarem *sapateiras* (moles) (Areias).

— No focinho dos porcos espetam-se arganeis, para que aqueles não possam fossar na terra e arruinar as paredes ou tabuado do *côcho* [3] (corte).

---

[1] *Fradinho*, em algumas terras.

[2] *Nogueirinha* (colhido na feira da Régoa).

[3] *Côcho*, o mesmo que porco, diz o *Novo Dicionário*. Mas em Areias emprega-se: *côcho* dos porcos, isto é, a corte dos porcos.

Os *porcos de corda* são aqueles que, não sendo já de leite, vão para a feira com uma corda atada a uma perna.

— Em frente das casas há um espaço de terra, onde se racha a lenha, e se dispõem as achas em castelos, servindo também para depósito de lenha. É a *bouziaria* ou *frascal.*

— Às dez horas da manhã e pela tarde distribui-se aos jornaleiros uma pequena merenda a que se dá o nome de *pêgo.*

5 — A um lavrador surpreendi a frase: — *Os carpinteiros agora teem senhoria!*

Queria êle dizer que se tornava necessário andar de chapéu na mão a pedir aos carpinteiros fôssem fazer êste ou aquele trabalho.

6 — Nesta *Revista* (vol. XVIII, pág. 189) referi-me a certos termos usados pelos pedreiros.

Eis alguns *verbos* que a muito custo arranquei de um antigo pedreiro:

Aquesso, *adv.* acolá, aqui.
Aureta, *f.* Água.
Bitânculas, *f. pl.* Ventas, rosto.
Beguio, *m.* Olho.
Bucha, *m.* Patrão.
Chusmo, *m.*, ou **chusmeira,** *f.* Vinho.
Enes, *pron.* Nós.
Gido, *adj.* Bonito, bom.
Guito, *m.* Pão.
Inhorrento, *adj.* Feio, desageitado.
Marafunho, *m.* Nariz.
Murrona, *f.* Mulher.
Parar, *v.* Aparecer, ver-se, dar.
Trefe, *adj.* Feio, mau.
Vai dó, *interj.* Quem dera! Não há dúvida. (Antónimo de *tó rôla!* = isso sim!).

Quando passa uma mulher diz um, por exemplo:

— *A murrona que se pára àquesso é gida; tem as bitânculas gidas.*

Se assim é, dizem outros:

— *Vai dó!*

De contrário, respondem:

— *É muito inhorrenta,* ou *muito trefe.*

O primeiro que vê o patrão ou mestre grita:

— *Pára s'aquesso!*

Chegando o patrão, para lembrar que beberiam de boa vontade:

— *O bucha dos nossos enes se parasse chusmeira àquesso...*

Respondem outros:

— *Vai dó! era gido.*

— Os mineiros também comunicam uns com os outros, sem que os entendam os estranhos à arte, designando o vinho por *baio*. A frase — *separ se moca!* — indica a chegada do patrão [1].

7 — Nos dias de feira vêem-se muitas pessoas, voltando da vila com enfiadas de sardinhas: Arranjam um ramo de salgueiro, terminado em gancho, e enfiam na haste as sardinhas pelos olhos.

8 — No dia de S. Vicente (13 de Janeiro) leva-se uma luz ao monte, à meia noite, para se verificar pela direcção da chama de que lado corre o vento.

Se o vento soprar da serra (leste), o ano será sêco e de muito vinho; soprando do sul, o ano correrá húmido e os moleiros ficam sabendo que não precisam ir ao Rio Ave no verão [2]; estando o vento norte, haverá muito frio (nortadas).

Voltando-se as pombas para Santo Tirso (vento sudoeste), é sinal de chuva, e o mesmo sucede ouvindo-se os sinos daquela vila ou os carros chiar na estrada de Guimarães aí por altura de Rebordões (S. Simão de Novais, Famalicão).

Indica chuva também o tocar dos sinos de Santa Cristina (sul), S. Martinho de Bougado e Ribeirão (oes-noroeste) (Areias).

As *Sortes* ou *Têmporas* de Santa Luzia tiram-se a começar no dia 13 de Dezembro. O aspecto dêsse dia indica o que será o mês de Janeiro; o dia 14, Fevereiro, e assim por deante até 24. De 25 em deante faz-se o prognóstico, mas às avessas: 25 indica Dezembro, 26 Novembro, etc. [3].

9 — Vários ditos populares:

a) — *Os de Santo Tirso...* (Esta expressão serve para designar os empregados públicos da vila, e especialmente os oficiais de diligências, que o povo das aldeias vê com maus olhos).

b) — Da comparação — *Fino como um rato* — nascem as frases irónicas: *É fino, mas não caça ratos...; caça ratos a dormir, mas, acordado, deixa-os ir...*

c) — *F. não está na peça*, não anda bom, passa mal de saúde, tem alguma coisa que o incomode.

---

[1] Cfr. *Revista Lusit.*, vol. XIX, pág. 160.

[2] Alguns costumam moer em moinhos e azenhas que existem junto de certos ribeiros durante o inverno; falhando a água no verão, passam para o rio Avé.

[3] V. esta *Revista*, vol. XVII, pág. 51.

d) — *Apanhar um orvalhico* (*Orvalhico* é alguma doença venérea).

e) — *O dinheiro não chega a meia missa*, não chega a nada. — *As cerimónias são para a missa* [1].

f) — *Vai olhar os pitos ao abade*... (Diz-se de uma criança que morre, e que, portanto, vai para o cemitério perto do qual fica a *residência*).

g) — *O lume não deve passar acima da borralheira* (É um conselho de economia, paralelo do ditado = *três luzes a arder deitam uma casa a perder*. São *falados* alguns fornos que arruinaram boas casas de lavradores).

h) — *Casaquinha de aparta barulho*, ou de *rabo de pêga*, fraque, casaca.

i) — *Trovoada ao norte!* (Diz-se quando passa alguêm de cartola).

j) — *Ui! que saem as tripas gordas, que as finas não cabem*... (Dizem-se estas palavras, zombando das crianças, quando elas choram por se terem ferido ligeiramente).

k) — Chama-se *pelote* a um homem que se apresenta bem vestido. *Em pelote, em leitão*, nu.

l) — *Olhar para ontem*, ser distraído ou pouco activo no trabalho.

m) — *Ver Braga por um canudo, ficar a ver navios*, ser logrado, não conseguir o que se deseja.

n) — *Com tolos nem para o céu!*... (Diz-se quando se ficou mal por tratar com pessoa pouco assisada).

o) — *Vá sempre ao direito do nariz*... (Frase irónica para ensinar o caminho a alguêm).

p) — *Vai-te* e *sai-te!* (Exclamação de espanto perante algum acontecimento extraordinário).

q) — *Tomar os cãezinhos*, zangar-se com alguêm.

r) — *O demónio é tendeiro, fêz a tenda sem dinheiro*... (Os trabalhos levantam-se debaixo dos pés).

s) — *Você não tem mais nada, você pega*... (Princípio duma indicação qualquer).

t) — *Pesa-te pelo que fica!*... (Censura dirigida aos *comilões*).

u) — A comida apanhou *bispo*, isto é, esturrou-se. Informaram-me que, em Vila Rial, quando a sopa está salgada, é costume dizer-se: *A cozinheira lembrou-se hoje de casar!*

---

[1] Cfr. esta *Revista*, vol. XVI, pág. 139.

v) — *Parece que tem bichos carpinteiros a rabear*... (Diz-se de uma criança demasiadamente brincalhona, traquina).

w) — *Que é* dela? (Pronuncia-se — *Q'a dela*). *Anda aos cãis* (Resposta maliciosa).

x) — As crianças designam-se pelo nome genérico de *canalha* (Cfr. Snr. Alberto Pimentel, *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 219).

y) — *Parece um calça-púc'ros*... (Diz-se de uma criança pequena que começa a usar calças). *Calça-púcaros* é a pedra que serve para calçar as panelas ou púcaros na lareira.

Ver-se em calças pardas, numa camisa de onze varas, atrapalhado.

z) — *Põe-me o sal na moleira* (=Dá-me trabalhos, aflições, faz-me zangar).

a') — *Ter fastio comedor* (Frase irónica que costuma aplicar-se a quem nunca sofre do fastio).

b') — Quando se chama bonita a uma rapariga, ela responde às vezes: — *As bonitas andam pelas paredes*... (*Bonitas* são as dòninhas).

c') — *Dar terra para feijões* (Fugir a tôda a pressa com mêdo, *dar aos calcanhares*...).

d') — *Se não podes, aluga* (Aplica-se a quem alega não poder com êste ou aquele trabalho).

e') — *Ficar na fresca ribeira* (Não fazer caso de algum insulto, ser indiferente a desgostos, achar-se em óptimas condições) [1].

10 — As formigas são classificadas assim:

a) *Do Senhor* — Pretas, activas, acarretando grãos, etc., etc.

b) *Do Inferno* — Pequenas, avermelhadas.

c) De *arrebita-rabo*, de cabeça vermelha, vivendo nos troncos carcomidos e nas traves das ramadas.

d) *De asas*, que aparecem às vezes nas soleiras das janelas.

e) *Formigões*, grandes, desconfiados, parecendo não viver em sociedades como as outras espécies [2].

11 — Vozes para chamar os animais:

Para os porcos:

— *Curri, curri*...; *côche, côche*...; *bicá, bicá*...; *tó!* (para enxotar).

---

[1] Cfr. Camilo, *Eusebio Macario*, pág. 54 (3.ª ed.).

[2] V. esta *Revista*, vol. XVII, pág. 53.

Para os bois:

— *Touma, touma...*, *Ouxe, ouxe...* (para levar a beber); *ei, ei...; anda, anda...*

— Para as aves: *Pi-pi, pi-pi...* (os pintainhos); *chi-chu, chi-chu...* (as galinhas grandes), *choca, choca...* (para as galinhas com pintainhos); *scht, scht...* (para enxotar).

— Para os gatos: *bich, bich...; bichinho, bichinho...; sape!* (para enxotar).

— Para os cães: *Pucho, pucho...; passa fora!* (para repelir).

— Para as cabras: *Mica, mica...*

— Para incitar os burros: Dão-se estalidos, encostando os bordos da língua contra os dentes (Cfr. *Trad. pop. de Port.* cit., pág. 190).

12 — Quando se ouve bater à porta, pregunta-se: — *Quem é?* — *Alguêm é* — responde a pessoa que bate.

Aos pais, avós, tios, padrinhos e aos padres, pedem as crianças a bênção: — Bote-me a sua *bença!* (Cfr. Alberto Pimentel, obr. cit., pág. 218).

E os superiores dizem: — *Deus te abençoe e te fade bem!*

13 — *Ao tocar da Santíssima Trindade*, descobre-se a gente, rezando três ave-marias (Cfr. Alberto Pimentel, obr. cit., pág. 218).

— Quando falam no nome de alguêm já falecido, acrescentam: *Deus le perdoe, Deus le fale na alma, Deus tenha a sua alminha no céu...*

— Muitas pessoas não empregam a palavra burro, porco, sem acrescentarem — *com licença.*

14 — Aviso pôsto numa taberna de S. Miguel das Aves:

Aqui não se fia,
Nem de noite, nem de dia,
Porque o fiar dá-me pêna,
A pêna me dá cuidado;
Se eu hei-de viver em pêna,
Não posso vender fiado [1].

15 — Nas Alminhas a inscrição mais vulgar é:

— Ó vós, que ides passando,
Lembrai-vos de nós que estamos penando.

---

[1] Informação do meu amigo, Snr. Júlio Padrão. Cfr. esta *Revista*, vol. XVII, pág. 194, e *Lusa*, ano II, pág. 102.

Na estrada de Caniços a Riba d'Ave (Famalicão) li outra, que rezava assim:

—Nós penamos e vós zombareis
Mas lembrai-vos que em breve
Como nós sereis.

16 — Nesta *Revista* (vol. XVIII, pág. 195) referi-me às assuadas feitas nos casamentos de velhos.

No *Jornal de Santo Thyrso*, n.º 169 (30 de Julho de 1885) lê-se:

«Casaram hontem na egreja desta villa um pobre viuvo... com uma mulhersinha bastante edosa...

Os noivos dirigiram-se depois para uma cabana no logar da Carvoeira...; ...à noite pelo estrondo que produziam os cortiços, caixas de folha, buzinas, chocalhos e outros instrumentos tocados com toda a força por grande numero de pessoas...».

O noticiarista protesta contra a costumeira já relatada noutros números mais antigos, lendo-se num deles que os arruaceiros chegaram a destelhar a casa dos pobres velhos, deitando um cântaro de água sôbre o catre dos noivos!

No n.º 285 (de 20 de Outubro de 1887) relata o mesmo *Jornal* outro caso sucedido na freguesia da Lama, onde entraram instrumentos velhos, vozearia, ditos picantes, sendo lançados de tempos a tempos alguns foguetes sem estalos [1].

— Como vi duma notícia do *Jornal de Santo Thyrso* (de 1886?) os casamentos eram festejados às vezes com tiros de bacamarte, que se prolongavam pela noite dentro.

17 — Direitos dos párocos em Areias:

— A *côngrua* era repartida pelos fregueses proporcionalmente à décima de cada um. Hoje acrescentam-na muitos fregueses voluntáriamente à oferta e à primícia.

— A *oferta* era voluntária por sua natureza, mas podia ser exigida quando constituisse costume [2].

No *Livro dos Usos e costumes da Igreja de S. Thyago de Areas* [3] já a *oferta* aparece como uma obrigação.

---

[1] Cfr. na *Aguia* (último número de 1916, pág. 126), o vocábulo *cornetada* com a nota abonatória, e nesta *Revista*, vol. XVI, pág. 230 e 248 os termos *cortiçada* e *latada*.

[2] *Constit. do Arcebisp. de Braga*, I, tit. XXXI, pág. 397.

[3] Uns usos foram registados em 20 de Maio de 1709 e outros em 13 de Novembro de 1730, em virtude de uma ordem geral do arcebispo Dom Rodrigo de Moura Telles.

Hoje a oferta é de meia rasa de milho para os viúvos e solteiros e de uma rasa para os casados.

— Para o pagamento das *primícias* dividem-se os lavradores em três classes:

Os grandes dão ao abade um almude de vinho e duas rasas de milho; os *meios lavradores*, um cântaro de vinho e uma rasa de milho; e os pequenos três canadas de vinho e meia rasa de pão.

— Pelos baptizados recebe o abade uma rôsca de pão branco (trigo) de pataco e uma galinha, e pelos casamentos o mesmo [1].

— Além disso é costume brindar o abade na Páscoa com um folar, maior ou menor conforme as posses.

— Os acompanhamentos do lugar de Paradela (S. Martinho de Bougado) param numa encruzilhada, e num sítio em que houve outra, para se rezarem responsos.

— Por cada defunto paga-se para *reza ánua (amentas)* 1.600 rs. no primeiro ano, e nos seguintes o que estiver na vontade dos doridos. A reza consiste num *memento* todos os domingos.

— Para *levantar* o corpo em casa, paga-se uma quantia variável conforme as posses, havendo na igreja uma reza simples, não tendo casa o defunto, e um *ofício* de cinco ou dez padres conforme as possibilidades, o qual costumava repetir-se no fim do ano.

A êsse respeito diz o *Livro dos Usos*: «He costume nesta freg.ª os defuntos q. nella morrẽ fazerse lhe tres off.os por sua alma, do prezente, mez, e ano, com tantos P.es, conforme sua possibilidade, ou conforme deixa ẽ seu testam.to: *antigam.te costuma*(vam), *quando se sepulta*(vam) *os defuntos offertar hũ Carn.o, hũ Almude, ou cantaro de uinho; Tantos pãis brancos;* hoie offerta(m) duas moedas nouas de Quintos menos uinte, outros dois cruzados, outros hũa pataca, outros conforme suas possibilidades».

Quanto a *ofertórios* já disse o costume nesta *Revista* [2].

— Havia duas disposições caritativas no *Livro dos Usos e Costumes*.

Uma diz respeito aos *moços* de soldada:

---

[1] Antigamente pagavam uma galinha e uma rôsca. Hoje substituiu-se a galinha por 500 rs.

[2] V. vol. XVIII, pág. 195.

«E se por nenhum dos meyos ouver de q̃ se lhe faça algum suffragio, nesse caso, procurará o Par.º... dizerlhe hũa missa de corpo pres.te, sem por elle leuar esmola».

Outra atende as almas dos escravos:

«Tem mais obrigação os Senhores dos Escravos, q̃ falecerem de sete annos, até quatorze, a lhe mandarem dizer hũa missa de corpo presente, e fazer os gastos do enterram.to E morrendo dos quatorze annos para sima, sendo macho, e as femeas de doze annos para sima a lhes mandarem dizer a missa de corpo presente, e mais tres missas resadas e offertadas».

O dízimo, no *Livro dos Usos*, abrangia: *Madeiras* e *mattos* vendidos («de dez tostões hũ»); *Bezerros* e *Bezerras* («hũ tostão»); *Bestas* (quando tiverem seis meses, o que valerem «de dez tostões hũ»; galinhas, q̃ cria(m) frangos («de dez hũ...; e se criar hũ so, he do dizimo»); «os *Leitões sendo sinco*» (põe-se a lanços o melhor: «entã(o) larga ou toma (o criador), dando ao Reudr.º (o abade) a metade da quantia em q̃ o pos».

18 — No *Livro do registo dos testamentos* da freguesia de Areias, encontrei expressa a última vontade de muitos fregueses falecidos desde 1720 a 1829.

Êsses registos são muito importantes, na minha opinião, para a história, estudo dos costumes e vestuários.

Fui levado a concluir que antigamente, talvez pela facilidade de exarar os actos da última vontade, estes eram mais freqùentes que hoje, confessando até uma testadora ser o seu estado de «proveza miseravel».

Até 1799 não me recordo de ter encontrado o pedido de os cadáveres serem enterrados em caixão, recomendando muitos testadores, embora remediados, que «os envolvam *em hum lançol*».

De 1799 a 1832 insta-se cinco vezes pelo depósito em caixão, dispondo porêm ainda um testamento de 1829 que o testador seja «envolto em lençol».

Há uns quarenta anos, ainda havia a casa da *tumba* — uma espécie de maca em que se levavam os pobres à cova.

— Geralmente pedem que lhes vistam o hábito do Patriarca S. Bento, talvez por influência do mosteiro dos Beneditinos de Santo Tirso, e um abade da freguesia (1725) declara que deseja ser «*amortalhado em hũa alua de rendalho e em hũa vestimenta preta roxa q̃ tudo mandei fazer p.a a tal função...*».

— Tomam sempre para advogados algum santo ou todos, a virgem, a «arvore da bela cruz», e um pede «a Deos e Espirito Santo que (o) *inomee* com o seu Divino Dom».

— Dois testadores deixaram estabelecido que lhe *agasalhassem* as confrarias. (O *agasalho* é o que chamam hoje em S. Martinho de Bougado o *beberete* do entêrro que se repete no ofertório [1]).

— Num testamento de 1787 há um legado:

«...e mais des (missas) pela alma dos Escravos, que falecerão em seu poder todas da esmolla de cento e vinte reis».

Uma mãe declara (1799):

«...que vindo a esta terra meu filho D. Frei João será senhor de se utilisar p.ª viver emq.to lá estiver de todas as casas, ortas, e fruto de vinho, e mais que produzirem, isto no caso, que elle venha a ferias e *não se desfradar*».

Alêm dêsses dois exemplos, um de piedade e talvez remorso, e outro de desconfiança, há uma afirmação de independência por parte dum homem que se fêz rico no Brasil (1782):

«Declaro que tenho Irmãs e a todas estas lhe dei Dotes para haverem de cazar do dinheiro que eu adqueri nas partes do Brazil pelo meu suór, e trabalho, pois de meus pays não erdey nada...».

— Um padre deixa o *catre* em que dormia e a *caixa* em que dormiam as irmãs (1720); um pedreiro, «hũ *marrão* e coatro *cunhas* e *palmitos* de ferro, coatro *picoõis* (?), hũ *camartel* (1724); uma mulher, «tres *manteos* (espécie de saia ?) dous de *varas* e hũ de *vaeta* e hũa saia... *mantilha*» (1782). (As *mantilhas* eram capas compridas até aos pés, com um capuz que cobria o lenço, e que se usavam há uns sessenta anos ainda. Eram mais populares as capas de pano preto de grande roda e sem capuz, e que vão caindo em desuso); outra mulher lega «hũs *brincos d'ouro com aljofres*» (1780); uma terceira deixa «hũa capa de *drugete* (droguete?) nova e hũ colete de *duqueza*» (1788); num testamento de 1816 figuram uma «saia de *brilhante*» um «*gibão* (casaquinho que apertava à cinta com uma pequena cauda) de *sêda* e outro de *pano*, dois lençois de estôpa *sedeira* (a mais fina, que se obtêm na segunda assedagem), a «*capa preta* que fiz da minha mantilha» e «uma saia de *camelão* vermelho» (1816); um homem que veio do Brasil descreve «seis cadeiras e hum *ganipé* (canapé) com assento de palhinha» (1832).

19 — Achei muito interessante, e deve ser um informador

[1] Ficou célebre um banquete dado por ocasião da morte de um chefe de família na freguesia de Água Longa. Consumiram-se duas pipas de vinho, muitos queijos, etc. etc. Li o caso num número do *Jornal de Santo Thyrso* de 1888 (?).

precioso em muitas terras, o «*Livro para os capitolos das visitas* [1]. Os visitadores começavam ordináriamente pela fórmula:

«Vesitei pessoalmente esta igreja de sam Thiago de Areas em presença do Reverendo Parocho e da mayor parte dos seus fregueses fiz a prociçam dos defuntos, vesitei os santos oleos e pia Baptismal e provendo ao temporal ordenei o seguinte...».

O visitador de 21 de Outubro de 1721 manda «enterrar a imagem de Sam Sebastião pequena em sima do presbiterio junto ao altar mor separado do lugar em que se sepultão os defuntos; e isto sob pena de suspenção de suas ordens ipso facto e para o fazer com mais desencia lhe recomendo embrulhe a dita imagem em hum pano limpo».

Naturalmente a imagem encontrava-se, como muitas, em péssimas condições.

— Nos capítulos de 1737, manifesta-se revolta contra as seguintes «indecencias indignas»:

«Constando-lhe que algum clérigo de ordens sacras anda em trajes que não são *prometidos* (permitidos) ... ou q̃ traz o cabello comprido, ou *apulvilhado*...».

Vê-se que era justificado o disposto nas *Constituições* citadas sôbre as vestes sacerdotais, entrada dos padres em espectáculos, etc.

— O visitador de 1738 ordena:

«Os freg.es mandarão dentro em hũ mes dealbar pela p.te de dentro a Igr.a por esta se achar indecente com os escarros, que as mulheres lhe tem lançado nas paredes, o q̃ é m.to escandalozo, do aceyo, e decencia com q̃ deve estar a caza de C.º...».

Actualmente as mulheres, quando querem escarrar dentro da igreja tiram por vezes as chinelas e escarram na sola.

— Em 1757 lembra o visitador a obrigação que há de repicar o sino quando sai a porta da igreja o sacramento da eucaristia (costume ainda hoje em uso), e expõe os perigos de distúrbios nos clamores que andavam à volta da freguesia e percorriam por vezes grandes distâncias [2].

Minha mãe lembra-se ainda dos clamores a S. Sebastião em volta da freguesia (*cercos*).

À frente ia um homem com uma fouce roçadoira para cortar os ramos das árvores a fim de passarem os andores (de S. Sebastião, da Senhora do Rosário e de Santo António).

---

[1] No cimo lê-se: *Visitadores da segunda parte de Vermoim e Faria.*

[2] Cfr. esta *Revista*, vol. XVIII, pág. 203.

Na Senhora da Tôrre, por exemplo, parava o clamor, e distribuiam-se doces e vinho pelo abade e músicos.

A juiza dava um andor e as quatro mordomas outro.

Nas procissões de penitência cantava-se:

S. Sebastião milagroso,
Vós sois médico sagrado;
Livrai-nos da peste, da fome e da guerra,
Sois nosso advogado [1].

Os velhos lembram-se com saùdade dêsses tempos em que se obrigava «Deus a andar pelo mundo» abençoando as searas, como os Pòveiros pedem à Virgem que abençoe o mar... [2].

Alguns visitadores preocupavam-se com o estado dos caminhos e ordenavam que os fregùeses os compusessem.

20 — No «*Rol dos ornamentos da Igreja*» de Areias e no «*Liuro p.ᶜ inuentario dos bẽns moveis*» à margem das diferentes verbas lêem-se freqùentes vezes as notas: «*forão rouvados pellos do Porto*»; «*foi rouvado pelas tropas do Porto*»; «*foi rouvado pelas tropas do Porto em 1828*»; «*Tirados pelos ditos*».

Eis um pequeno elemento para o estudo das lutas liberais. Lembro-me de ler no *Livro dos Usos e Costumes de Val-Nogueiras* (Vila Rial), várias notícias sôbre fomes, invasões estrangeiras, as importantes inscrições das pedras, descritas por Contador de Argote (*Mem. para a Hist. Ecclesiast. do Arcebisp. de Braga*), e pelo Snr. D.ᵒʳ Leite de Vasconcelos nas *Religiões da Lusitania*.

Isto serve para provar mais uma vez a importância histórica dos arquivos paroquiais, que a Igreja mandava conservar sob pênas graves e que o desleixo nacional tem desperdiçado.

21 — No *Jornal de Santo Thyrso*, n.º 174 (de 3 de Setembro de 1885), transcreve-se do *Economista* um artigo do Snr. Alberto Pimentel sôbre a vila de Santo Tirso e a romaria da Senhora das Dores (S. Martinho do Bougado), onde há uma referência às *vacas*, indispensáveis antigamente no *fogo* [3] de tôdas as festas.

A propósito de *vacas*, eis o que li no mesmo *Jornal* (n.º 285, de 1886), descrevendo uma esfolhada na Argemil:

---

[1] V. esta *Revista*, vol. XVII. pág. 161.

[2] O mesmo costume se observa nas praias do Furadouro. (Informação de um aluno da segunda classe do Liceu de Rodrigues de Freitas).

[3] O *Fogo* é o arraial que se realiza ordinàriamente na véspera das romarias com foguetes, músicas, etc. Cfr. Cam., *Lucta de gig.*, pág. 216.

As môças cantavam, e lá para o fim «apparece a correr por meio das raparigas, um d'elles (dos rapazes) com uma *vacca* de madeira ás costas, parodiando a que alguns fogueteiros apresentam á noite nos arraiaes». Vários moços deram pancada na vaca, até que a deixaram como morta, e, ao outro dia, publicaram pelos arredores que havia carne para vender naquele lugar, caindo muitas pessoas no lôgro.

— Os leilões de prendas ocupam um dos lugares principais como fonte de receita para as romarias.

Os assistentes riem a bandeiras despregadas ao ouvirem as graças, por vezes pesadas, dos leiloeiros [1].

Entre as prendas figuram lenços bordados pelas raparigas da terra — o que obriga os mancebos a disputá-los com brio. Já vi num leilão (Palmeira) render um dêsses lenços a quantia de 4.000 rs.!

— As *romeiras* vão a cada passo cumprir promessas aos santos e principalmente nos dias de romaria. Pelo caminho param de vez em quando e cantam a *Ave-Maria* e a *Santa-Maria*. Ao chegaram à capela ou igreja estacam, cantando o *Gloria Patri*.

Entre as quadras próprias das *romeiras*, colhi:

Milagrosa Santa Luzia,
De longe vos venho ver;
Que vós destes a saúde
A quem 'stava p'ra morrer.

. . . . . .

Vinde abaixo à igreja,
Que vos quero adorar
Onde tôda a gente veja.

. . . . . .

Aqui tendes as romeiras;
Se as não quereis casadas,
Aqui as tendes solteiras.

Entre as promessas mais vulgares figuram: ir amortalhado com uma vela na mão, deixando depois a mortalha na capela; percorrer um certo espaço de joelhos; dar algumas voltas à capela, e ir de casa à romaria sem falar [2].

---

[1] Cfr. o Snr. Alberto Pimentel, *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 248.

[2] Daí a frase irónica dirigida a pessoas caladas: *Aquele prometeu a romaria sem fala*...

Os mordomos das festas costumam andar pelas portas com uns sacos (fronhas de travesseiros) a pedir pratos de cereais. As estrigas de linho eram noutros tempos dádiva vulgar.

As mordomas recebem no fim da festa uma rôsca de pão [1].

— Grupos de tamborileiros anunciam algumas romarias [2].

— Na romaria da Senhora de Valinhas saem os caçadores pelos montes e aparecem no arraial com a caça, expondo-a suspensa de uma vara ao pé do lugar onde fazem a sua merenda.

Êle diz que mata e esfola, sim senhores..., mas «quantas peles tem êle à porta?»

Lembrei-me do dito quando li em *Filinto* [3] uma referência aos caçadores que pregavam nas portas despojos de alimárias, «como antigos heróes pregavão nos templos os escudos dos vencidos».

— O snr. Alberto Pimentel [4] já tinha registado a liberdade de se falar em matérias mal cheirosas no arraial de Santa Eufémia, e que aparece censurada no *Jornal de Santo Thyrso*, n.º 229 (23 de Setembro de 1886).

Êste ano observei que algumas pessoas voltavam daquela romaria com um rosário de alhos ao pescoço — o que me disseram ser um costume antigo e muito arreigado. O caso é interessante, pois os *rosários* de alhos empregam-se como amuletos [5].

22 — No *Jornal de Santo Thyrso*, n.º 174 (4 de Fevereiro de 1886), noticia-se a representação dumas *Reisadas* em Monte Cordóva, por onde fiquei sabendo chamar-se vulgarmente *casco* o manuscrito onde se encontra a peça.

O termo aparece na última edição do *Novo Dicion.* como «*Prov. trasm.* Entremez, comédia».

23 — Uns dias antes do Natal, havia em Santo Tirso um *feiroto* que costumava ser anunciado com uma tambor no dia de feira ordinária (às segundas-feiras) usando-se o pregão: *Sexta-feira* [6] *há um feiroto!*

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.

---

[1] Cfr. esta *Revista*, vol. XVI, pág. 142.

[2] Sôbre as danças dos tamborileiros v. o Snr. Alberto Pimentel, obr. cit., pág. 227, e esta *Revista*, vol. XVII, pág. 176.

[3] *Obras*, t. IV, pág. 260.

[4] Obr. cit., pág. 313.

[5] V. esta *Revista*, vol. XVII, pág. 37, e XVI, pág. 120.

[6] No ano em que observei o costume caía o *feiroto* a uma sexta-feira.

O trovador Martim Soares e sua familia

(Documentos)

No vol. v da *Revista Lusitana*, estampado em 1898, publiquei bastantes documentos relativos ao trovador Martim Soares e seu filho João Martins, com elementos biograficos que a Ex.ma Snr.a D. Carolina Michaëlis considerou a pag. 334 do II vol. do seu *Cancioneiro da Ajuda*, publicado em 1904. Passados anos, fui encontrar, relativos a esses individuos, mais documentos, que nos trazem novos factos, e aumentam o cabedal de noticias sobre eles e sua familia. Não me atrevo agora a explora-los e aproveita-los em novo estudo, com receio de que outras pesquisas me facultem elementos, que destruam as conjecturas que eu por acaso pudesse agora fazer. Se as pesquisas que eu ainda encetar forem frutuosas ao publicar os respectivos documentos, farei então um estudo completo da familia do trovador e sua descendencia, e dos locaes onde viveram.

Seguem-se agora as copias de 22 documentos, que vão de 1282 a 1370.

PEDRO D'AZEVEDO.

I

29 de Março de 1272

In dei nomine. Hec est carta venditionis et perpetue firmitudinis quam iussimus fieri ego Johannes Martini dictus Trobador et vxor mea Tharasia Ermigij uobis Siluestro Petri et vxor uestre Marie Menendi de toto nostro herdamento quod habemus in termino de Azambugia in loco qui dicitur Villa Noua vendimus et concedimus uobis predictum herdamentum cum herdamentibus ruptis et inrruptis cum montibus fontibus pascuis cum ingressibus et egressibus et omnibus Juribus et pertinencijs suis pro précio quod de uobis recepimus scilicet Trescentas libras monete veteris Port. quia tamen nobis et uobis bene complacuit et de precio apud uos nichil remasit (*sic*) pro dare. Habeatis uos ipsum herdamentum firmiter in perpetuum et omnis posteritas

vestra post uos. Et si aliquis uenerit tam de nostris propinquis quam de extraneis qui hoc factum nostrum frangere uel temptare uoluerit non sit licitum sed pro sola temptatione quantum quesierit tantum uobis in duplum conponat. Et nos sine Consilio uobis predictum herdamentum concedere noluerimus uel defendere non potuerimus componamus uobis illud duplatum et quantum fuerit melioratum et domine terre aliud tantum. Facta carta iiij.° kalendas Aprilis. E.ª M.ª CCC.ª Decima. Nos supradicti qui hanc cartam iussimus fieri eam coram bonis hominibus roboramus. Qui presentes fuerunt Petrus Menendi. Dominicus Menendi clericus dictus Corrigia. Johannes Iohannis mercator de Farragenali. Johannes Petri Sacerdos. Et ego Geraldus Michaelis publicus Tabellio Sanctaren rogatus a partibus supradictis hiis omnibus interfuit et hanc cartam scripsi et presens sig+num meum apposui in eadem.

Nas costas. — Carta de uendiçõ que Johã Martiz trobador e sua molher fezerom a Siluestre Pirez e a ssua molher de todo ho erdamento que he na Zambuja honde chamõ Ujla Noua por iij.ᶜ libras [1].

II

26 de julho de 1282

Sabhã quantos este estrumento uirẽ e léér ouuirẽ que como contenda fosse antre os Religiosos varões e honestos, os frades méores de Santarem da hũa parte e os frades de santa Trijdade de Santarem da outra, sobre húú arco dalpenderada de préégaçõ que esses frades meores queriã leuãtar a par do cãto desses frades da Trijdade: E esses frades da Trijdade diçyam que o leuãtassem em tal guysa que lhj nõ brĩtasem sa parede nẽ seu telhado e os de suso ditos frades méores dixerõ dante muytos homéés bóós que o Menistro lhis outorgara cũ outorgamento dos seus frades que ficassem aly esse arco e de mays deçiã que este era o custume da terra que se Algúú homẽ queria laurar en sa parede que destelharia da casa de seu vezĩo per que laurasse e derribaria da parede e de poys que a adubaria e rrefaria e esto leyxarõ en uista do Alcayde e dos Aluazijs e dos Almotacéés e dos homéés bóós que a esto forom chamados e os Almotacéés

[1] Caixa 85 da Colecção Especial, 29 de março de 1272.

cũ conselho do Alcayde e dos Aluazîis e dos homéés bóós Julgando mãdarõ que os ditos frades méores leuãtassem seu arco naquela sa parede e se algũa cousa derribassem da sa parede ou destelhassem da sa casa que lha fezessem e lha corregessem assy como ante estaua. En testemoyo da qual cousa os ditos ffrades méores pedirõ ende a mj Pedro Iuyayo publico Tabellian de Santaren húú publico estrumento. Esto foy en Sanctarem a par do de suso dicto logar dos frades méores. xxvj. dias de Julho Era M.ª CCC.ª xx.ª Que presentes forom dõ Steuã dauoym. Johoã Botelho Johã Martíjz Trobador. Martîanes téénte as uezes do Alcayde. Siluestre Piriz. Steuã Ramos Aluazijs. Philipe Guylemi. Váásco Cecorîo. Pedro Esteuayz almoxarife. Giral Marquiz. Johã Lourenço. E eu Pedro Iuyayo de suso dito Tabellion a rogo dos de suso ditos frades meores a esto foy presente e este estrumento cũ mha mááo propria escriuy e ééle este presente meu sinal que tal est + apposy en testemoyo das cousas de suso ditas [1].

III

27 de Outubro de 1289

Nouerint vniuersi presentis instrumentj seriem inspecturi Quod in Era M.ª CCC.ª xx.ª xxvij die Octobris in Concilio Sanctarene corã viris uenerabilibus ac discretis Martinus iohannis vicepretoris et Stephanus Gomecij Aluazile Sanctarene et corã testibus infra scriptis lecta fuit per me Petrum iulianj publicum Tabellionem Sanctarene quedam carta *(sic)* dominj Dionisij Illustrissimi Regis Portugalie et Algaruij Cujus de uerbo ad uerbũ tenor talis est:

Dom Denis pela graça de deos Rey de Portugal e Algarue A uos Alcayde e Aluazijs de Sanctaren saude. Sabede que eu uy húú estrumento feyto per mão de Steuã Iuyayz publico Tabelliam de Santaren en que he contéuda hũa mha carta per que uos eu mãdey que alçassedes força aos frades da Trijdade dos ffrades méores se lhis lha façiã en aquele logar sobre que am a contenda Éénsse (= en esse) estrumento he conteudo que de poys que o Priol da Trijdade uos pediu que lhis alçassedes força assy como uos eu mãdava que Steuã Gomez Aluazil mãdou a

[1] Arch. Nacional. Cartorio do Convento de S. Clara de Santarem, Maço, 7, n.º 322.

este Steuã Iuayayz e ao Porteyro do Concelho que dissessem aos ffrades meores da parte do Alcayde e dos Aluazijs que nã fezesse... nemigalha en esse lagar sobre que era a contenda antreles. E esses ffrades da Trijdade ata que sayssem per seu dereyto. E elles dixerõlhis nosso mãdado. e entõ quando lhis lho disserõ nõ era aynda en esse lagar sobre que he essa contenda nẽ hũa telha posta. E esse Tabellion diz que depoys que esta defesa foy dicta da parte do Alcayde e dos Aluazijs aos frades meores ca uyu esse lagar da cõtenda telhado. E assy bẽ pareçe que esses frades façem força yndo contra nosso mãdado. Porque uos mãdo que logo uista esta carta derribedes todaquelo que depoys que defesa foy posta hy fezerã. de guysa que fique en aquel estado en que era quando a defesa foy posta. e desy chamade assy esses frades meores como os da Trijdade. e ouvydeos sobre esse logar e dade a cada húú seu dereyto. onde al nõ façades Se nõ peytarmyades quinhentos. quinhentos soldos e tornarmya por ende a uos. se mj uéér ende outro queyxume. E mãdo que esses frades da Trijdade ou outri por elles tenhã esta carta. E porque nõ tija aqui o meu séélo grande fiz séélar esta carta do meu séélo redondo pequeno. Dada en Louriçal. xxiij. dias de Octobro. el Rey o mãdou. Ayras Martijz a fez. Era M.ª CCC.ª xx.ª.

Qua carta perlecta et etiam publicata supradicti ffratres minores petierunt michi dicto Tabellionj quod dictam cartam in publicam formam reddigerem et ex inde conficerem quoddam publicum instrumentum. Acta Sanctarene Era die et loco superius nominatis. Qui presentes fuerunt Martinus iohannis vicepretor. Stephanus Gomecij Aluazilis. Johannes Martinj miles dictus Trobator. Petrus Petri dictus Uerga. Stephanus Caçapo· Alfonsus benedictj et alij quod plurimj. Ego uero Petrus iulianj publicus Tabellio Sanctarene rogatus a dictis fratribus minoribus dictam cartam in publicam formam reddegi et ex in hoc instrumentum confeci manu propria conscriptum et presens signum meum quod tale est + in eadem apposui in testimonium primissorum [1].

[1] Archivo Nacional—Cartorio do Convento de Santa Clara de Santarem, Maço 7, n.º 304.

IV

7 de agosto de 1300

In dei nomine. Hec est Carta vendicionis et perpetue firmitudinis quam iussi fieri Ego Dominica iohannis Mulier quondam dõnj Sebastianj de Ryuo Mayore vobis Dominico Stephanj Fiscayo et vxori uestre Margarite Pelagij de una mea vinea qua habeo in Varzea de Ryuo Maiore. Cujus istj sunt terminj in Occidente dõna Maria Mulier Johanes Trobador in Aquilone Dominicus Ferrarius in Africo Laurentius Gonçaluj. vendo uobis et concedo dictam vineam cum ingressibus et egressibus et omnibus Juribus et pertinencijs suis pro precio nominato quod a vobis recepi scilicet Duodecim marabitīnos quia tantum michi et uobis bene cõplacuit et de precio apud uos nichil remãsit in debito pro dare: Habeatis uos dictam vineam firmiter in perpetuũ et omnis posteritas uestra post uos. Et si aliquis uenerit tã de mis propinquis quam de extraneis qui hoc factum meũ frangere uel temptare uoluerit nõ sit ej licitũ sed pro sola tẽptatione quantum quisierit tantum uobis in duplo cõponat. Et ego si in Concilio uobis dictam vineam noluero uel defendere nõ potuero cõponã uobis illam duplatam et quantum fuerit meliorata et dominus terre aliud tantũ. Facta Carta vij die Augusti E.ra CCC.a xxx.a viij. Et ego supradicto qui hanc Carta iussi fieri eá carta bonis hominibus roboro et cõcedo. Qui presentes fuerunt Saluator Didacj. Franciscus Martinj. Dominicus iohannis Tabelliones. Ego Petrus Iuliani publicus Tabellio Sanctarene rogatus a partibus supradictas huic venditionj interfui et hác Carta propria manu conscripsi et sig + nũ meũ iu eadem apposui in testimoniũ veritatis [1].

V

5 de dezembro de 1302

Sabham quantos este estrumento virẽ que na era de Mil e Trezentos e quarenta anos çinquí dias andados de Dezembro no Concelho presentes Gil Guedat Alcayde de Santaren en logo de Gonçalo Esteuãez e Joham Eanes de Maruã Aluazil da dita vila e en presença mya Domingos Iohanes publico Tabeliõ de Santaren e das testemũyas adeante escriptas. Martin Anes mũge dalcobaça per mjn dito Tabeliõ leer e publicar tes húú estrumento. do qual o tẽor tal e:

---

[1] Cartoria da Collegiada da Alcaçova de Santarem, Março 2, pêg.º 40.

(É o documento latino de 11 de abril de 1301 já publicado na *Revista Lusitana*, v, 131).

O qual estrumento perleudo o dito Martin Anes rogou mjn dito Tabelliõ que o dito estrumento lhj tornasse en publica forma e lhj desse ende húú publico estrumento e eu Domingos Iohanes publico Tabelliõ de Santarẽ a rogo do dito Martin Anes este estrumento escreuj e meu sinal y pugi ffeyto o estrumento no dia e no Mes e na Era de suso dito. Testemunhas Pedro Uéégas. Vasco (*sic*) Nuniz Martin Chancellas. Martin Anes. Vaasco Piriz. Joã Antiocho. Pedro Dominguiz e outros [1].

VI

13 de novembro de 1303

En nome de nostro senhor Amen. Sabhã quantos este strumento uiren que en presença de mjn Saluador Diaz publico Taballiõ de Santaren e das testemoyas adeantes scritas Joham Martijz trobador Caualeiro mostrou e léer e publicar fez hũa carta seelada do seelo pendente de Don Abade dAlcobaça da qual carta o teor tal e:

Sabhã quantos esta carta uiren que nos frei Pedro Abbade e o Conuento dalcobaça por béés deuidos que auemos cõ Joham Martijz trobador e por aiuda e prestança que dele atendemos na uida e na morte mandamos e outorgamos que esse Johã Martijz trobador aia e pessoya en todolos dias de ssa uida tã solamente a nossa parte do Moyo de Ryo Mayor e das Casas de Santaren as quaes a nos e ao nosso Moesteiro acaecerõ de parte de dõna Maria Scariz madre do dito Joham Martijz e nos ditos logares que ele receba ende os nouos e béés e dereitos do nosso Moesteiro tã solamente en sa uida e de ende a nos en cada hũu ãno de cõnhecimento de propriedade e de senhorio da nossa parte do dito Moyo hũa téeiga de pã meyado e da nossa parte das casas de Santaren. v. soldos por dia de Natal. E ele deue mantéér o dito Moyo e a nossa parte das Casas e adubar e refazer das cousas que hy mester fezeren de guisa que nõ defalescã nen mazcaben per sa culpa. E de pos morte desse dito Joham Martijz as nossas partes do dito Moyo de Rio Mayor e das Casas de Santaren deuen ficar a nos e ao nosso Moesteiro en saluo

[1] Collecção Especial. Caixa 100.

e em paz e sen outro enbargo e ele nõ deue emplazar nẽ apenhorar nen alhear nen obligar nen escanbhar nen en outra maneira enbargar as nossas partes do dito Moyo e das ditas Casas en maneira que o nosso Moesteiro perça ende o seu dereito e seu fazer nõ ualha. E se per uentuyra algũa contenda recodisse de qualquer maneira sobrelos nossos dereitos e partes do dito Moyo e Casas esse Joham Martijz deue cõ nossa aiuda recodir e sayr da demanda e fazer y sa posse eno defender e nos cõ ele dessũu. E o dito Joham Martijz prometeu aa boa fe aguardar todalas cousas de ssuso ditas e cada hũa delas. En testemoyo destas cousas demos ende a esse Joham Martijz esta carta seelada de séélo de mjn Abbade. E por que nos Conuento de ssuso dito séélo proprio nõ auemos o poymento do séélo do dõ abbade nosso outorgamos e louuamos. Dada en Alcobaça .xj. dias de Nouenbro Era de Mil e Trezentos e quareenta e hũ ãnos.

Aqual carta perleuda e publicada o dito Joham Martijz cõfessou e cõnhoceu que recebya a parte do dito Moyo de Rio Mayor e das Casas de Santaren as quaes casas son a par das faãygas de san Nicoláão da parte de don Abbade e do Conuento e do Moesteiro dalcobaça de Graça so as condições que na dita Carta son contendas. E assi as prometeu a guardar e cõprir a boa fe e sen engano. E eu Joham Martijz sobredito dou a mha beençõ a todos aqueles que as sobreditas condições aguardaren e todos aqueles que contra elas uéeren ou enbargar quiseren ao dito Moesteiro dalcobaça e seu dereito e partes do dito Moyo e das Casas de Santaren aiam a maldiçõ de deus e a mya pera todo sempre e nõ lhys seia outorgado mays pola sóó tentaçõ peyten ao Moesteiro dalcobaça Dozentas libras de pea e ao senhor da terra outro tanto das quaes cousas sobreditas frei Martĩn Anes Munge dalcobaça pedyu a mjn dito Saluador Diaz Tabelliõ de Santaren hũu strumento. Esto foy feito en Santaren nas Casas en que screuen as Tabellioes .xiij. dias de Nouenbro Era de Mil e Trezentos e xlj ãno. Que presentes forõ Rodrigue Anes e Afonso Dominguiz Tabelliões Joham Dominguiz conlaço do dito Joham Martijz. E eu Saluador Diaz publico Tabelliõ de Santaren a rogo do dito frei Martin Anes ao publicamento da dita Carta e a outorgamento e mandamento do sobredito Joham Martijz presente fuy e este strumento cõ mha maao propria screuy e eel este meu si+nal pugi en testemoyo desta cousa [1].

[1] Caixa 93 da Collecção Especial.

VII

18 de maio de 1304

In dej nomine Sabham quantos este stumento viren que eu Affonsso Piriz dito Pinheyro recebi hũa procuraçõ de Fernam Reymondo feyta per mão de Joham da Pedra Tabelliõ da Pena da Rẽya e de seu sinal assinada da qual o tẽor tal e:

Sabham quantos esta procuraçõ uiren que eu ffernam Reymondo filho de Eluira Eanes e de Reymondo Eanes e neto de Maria Soariz que foy de Santaren ffaço e estabelesco meu procurador lijdimo e abastosso Affonso Piriz dito Pinheyro portador da presente procuraçõ sobrelos béés e herãças que a mjn acaecerõ ou de dereyto deuen acaecer ou sobre parte deles das sobreditas ma madre e me (*sic*) Auóó na vila de Santarẽ e en seu termo per dante qualquer alcayde ou alcaydes Aluazil ou Aluazijz (*sic*) ou per dante outra qualquer pesõa ou pesõas ou perdante outro qualquer Juyz ou Juyzes assi eclesiasticos come segraes a pidir e a demãdar e a contradizer e a responder e a deffender e contradizer e cõpõer e a iurar en sua alma todo iuramento que deue iurar e apelar e a seguir apelacõ e a fazer en seu logo outro outros (*sic*) procurador ou procuradores e a reuogalos se mester for e tornar en si o preyto desta procuraçã cada que uir que mester e e pera mandar fazer Carta ou Cartas dos meus béés e heranças ou sobre parte delas que a mjn acaecerõ de parte da sobredita ma madre e ma auóó en Santarẽ e en seu termo assi de uenda come de dõaçõ come de cambo come doutra qualquer fimidõe per o Tabelliõ ou Tabelliões dessa vila de Santarẽ E prometo so obligamento de todolos meus béés auer firme e estauil todalas cousas que foren feytas e por todas per o dito meu procurador ou per aquel quer outro ou outros procurador ou procuradores que el fezer nas ditas cousas sobreditas e sobre cada hũa delas e pera todalas outras cousas e cadahũa delas que uerdadeyro procurador fazer pode e que eu faria se presente fosse per ma pesõa e que esto nõ uenha en duuida rogey e mandey a Joham da Pedra Tabelliõ da Pena da Rẽya que esta procuraçõ escreuesse e seu sinal y possesse e eu Joham da Pedra Tabeliõ sobredito a rrogo e a petiçõ esta procuraçõ escreui e meu sinal aqui pugi que tal e. Testemũyas que forõ presentes Goncalo Eanes de Mira escudeyro. Joham Charalõ (?). Martin Tonas (?). Pedro Dornelas. Joham Piriz do Viso e

outros. ffeyta a procuraçõ. vij. dias dabril Era .M.ª CCC.ª xxxxij.ª

E eu Affonsso Piriz dito Pinheyro consijrando e seendo certo de mũyto bẽ e de muyta aiuda e de muyta onrra que dõna Maria de Santarẽ auóó do dito ffernam Reymõdo recebeo en sa uida e en sa morte do Abade e do Conuento e do Moesteyro dalcobaça. Consijrando aeynda e seendo certo de muyto ben e de muytas orações que se cada dia fazen no dito Moesteyro dalcobaça e faram para todo senpre polos uiuos e polos mortos querendo que o dito ffernam Reymondo fosse quinhoeyro en esses béés esgardando aeynda o bẽ e aiuda que se a (*sic*) dito ffernam Reymõdo adeante pode seguir desse Moesteyro e as bẽas diuidas que el e sa linhagen am cõno dito Moesteyro e senpre auuerõ. Por tanto per o poder que a mjn e dado per a dita procuraçõ dou e outorgo pora todo senpre ao Abade e Conuento e Moesteyro que des aqui a deante façã e desponhã dos ditos bẽẽs assi come de seu proprio herdamento. E se per a uentuyra o dito ffernam Réymondo cujo procurador eu sõõ ou algen da sa parte contra este feyto uijr quiser nõ lhj seia outorgado mais solamente pola sõõ tentaçõ peyte aos ditos Abade e Conuento cinquoenta libras en nome de pẽa e a dõaçõ seer firme e estauil pora todo senpre e aquesta dõaçõ fix per o poder que a mjn e dado na dita procuraçõ e por esto seer mays firme e mais estauil meti Martim Anes munge dalcobaça e Meestre dos frades en corporar possissõ dos ditos bẽẽs per porta e per telha e per terra en logo e en nome dos ditos Abade e Conuento e outro si louuo e outorgo pelo dito ffernam Reymondo cuio procurador sõõ a dõaçõ que a dita dõna Daria sa auõõ fez ao dito Abade e conuento e Moesteyro dalcobaça da sa terça e as partições e as auença (*sic*) que a dita dõna Maria fez per si ou per seus procuradores cõ nos ditos abade e conuento. No testemũyo da qual cousa este estrumento fix fazer per mão de Domingos Iohanes publico Tabelliõ de Santaren e eu Johanes publico Tabelliõ que a esta doaçõ e entregaçõ specialmente fuy chamado e a rrogo do dito Affonso Piriz este estrumento escreui e meu sin + al y pugi. Testemunhas Domingos Bertolameu Correyeyro. Vicente Çarafa. Joham Martiiz de Rio Mayor. Feyto o estrumento .xviij. dias andados de Mayo E. M.ª CCC.ª xxxxij.ª [1].

[1] Caixa 97 de Collecção Especial.

VIII

18 de maio de 1304

In nomine domini Amen. Sabham quantos estrumento viren que eu Affonso Piriz dito Pinheyro recebi hũa procuraçõ de Sancha Reymondo sua molher feyta per mão de Pero Eanes Tabelliõ de ffloyam e de seu sinal asinada da qual o tẽor tal e:

Sabham todos quantos esta Carta de procuraçõ viren e ouuiren que eu Sancha Reymondo filha de Eluira Eanes e de Reymondo Eanes e neta de Maria Soariz de Santarẽ ffaço e estabelesco e ordĩo por meu procurador lijdimo e auondosso Affonsso Piriz dito Pinheyro meu marido sobre todalas bõas e heranças que a mjn ficarõ e eu de dereyto deuo auer de parte da sobredita Maria Soariz sua auóó na vila de Santaren e entodo seu termo hu quer que a eu aia de dereito de parte sobredita sua auóó tam ben no movil como nariz (*aliás:* na raiz) pera demandar e pedir e receber todolos bẽẽs e as heranças sobreditas ou parte delas per dante o alcayde o (*sic*) alcaydes ou aluazil ou aluazijz da vila de Santaren ou perdante outro ou outros qual quer Juyz ou Juyzes conuenhauil ou cõuenhauis tam bẽ eclesiastico come segraez ou perdante o muyto alto senhor Don Denis pela graça de deos Rey de Portugal e do Algarue ou perdante seu sobreiuyz ou sobreiuyzes pera demandar e pidir e receber e pera meter vogado ou vogados ou procurador ou procuradores en seu logo qual quer e quaes quiser e per quantas uezes uir que lhj séẽra mester e pera filhar o preyto en si cada que quiser ou que uir que lhi e mester e pera dar iuriamento en sua alma de qual quer juramento que a preyto for mester. E pera ueder (*sic*) e dar e dõar e enpenhorar e enplazar todas estas bõas e heranças sobreditas ou parte delas e pera mandar ou fazer Carta ou Cartas de pura uendiçõ e pera reuoralas en no meu nome e no seu per o Tabelliõ ou Tabelliões de Santaren e pera receber ende o preço ou os preços. E aeynda lhj dou todo meu comprido poder a este meu procurador e meu marido per a partir e marcar e sortes deytar e pera apelar e apelaçõ seguir se uir que lhj mester e e pera reuogar apelaçõ quantas uezes quiser e uir que lhi e mester e pera filhar o preyto en si cada que quiser. Eu prometo auer por firme e por estauil so obligamento de todos os meus [bens] toda ou todas aquela ou aquelas cousa ou cousas que per este meu procurador e meu marido for

ou foren feyta ou feytas ou procurada ou procuradas ou per aquel ou per aqueles que el en seu logo meter assj come se eu estevesse presente per ma pesõa. E por esta cousa séér mais firme e mais estauil e nõ uijr pois en duuyda rogey e mandey a Pedro Eanes Tabelliõ de ffloyam que lhi fezesse hũa procuraçõ a mais firme e mais stauil que podesse e eu Pedro Eanes Tabelliõ de ffloyam sobredito a todas estas cousas presente fuy e a cada hũa delas e a rogo e a mandado de Sancha Reymondo esta procuraçõ fix e meu sinal y pugi que tal e que presentes forõ Martin Dominguiz de Chamosios Affonso Dominguiz do Couto de Monçõ Lourenço Dominguiz Steuam Dominguiz do Couto de Duraes. ffeyta a procuraçõ .xxiij. dias andados do mes de abril. Era. M.ª CCC.ª xxxxij.ª

E eu Affonso Piriz dito Pinheyro consijrando e seendo certo de muyto bẽ e de muyta aiuda e de muyta onra que dõna Maria de Santaren auóó da diia Sancha Reymondo ma molher recebeo en sa uida do Abade e do Conuento dalcobaça e seendo certo outro si que a sa morte recebeo muyta onrra dos ditos Abade e Conuento dalcobaça consijrando aeynda e seendo certo de muyto bẽ e de muytas orações que esse Moesteyro dalcobaça cada dia se fazẽ e faram pora todo senpre polos uiuos e polos mortos querendo eu que eu e a dita ma molher fossemos quinheyros en estes béés e outro si esgardando muytas bõas diuidas que nos e a nossa linhagen senpre ouuerõ e am cõ no Moesteyro dalcobaça por muyto bẽ e por muyta aiuda que eu e a dita ma molher recebemos e atendemos a receber do dito Moesteyro dalcobaça por tanto pelo poder a mjn dado pela dita procuraçõ Dou e pera todo senpre outorgo no meu nome e de Sancha Reymondo ma molher cuio procurador eu sóó a don Abade e o Conuento dalcobaça todolos béés mouis e nõ mouis que a mjn e a dita ma molher que os ditos Abade e Conuento daqui adeante façam e desponham dos ditos béés todalas cousas que a eles prouger assi come de seu proprio herdamento. E se pela uentuyra algen uéér assi da sua parte come da dita ma molher que éste feyto queyra britar nõ lhj seia outorgado mays solamente pela sóó tentaçõ peyte ao abade e ao Conuento en [nome] de pẽa cinquoenta libras e esta dõaçõ seer firme e estauil pera todo senpre e por esta dõaçõ seer mays firme e mais estauil meti Martin Anes munge dalcobaça e Meestre dos frades en corporar possissõ dos ditos béés en nome e en logo de don Abade e do Conuento per porta e per telha e per terra. Pormeto aeynda a bõa fe por mjn e pola dita ma molher a nunca

uijrmos per nos nẽ per outrẽ contra esta dõaçõ e louuo e outorgo e ey por firme e por estauil per mjn e pola dita ma molher a dõaçõ que a dita dõna Maria fez ao dito Moesteyro dalcobaça da sa terça e as partições e as auenças que fez per si ou per seus procuradores cõ nos ditos Abade e Conuento. No testemũyo da qual cousa este estrumento fix fazer per mão de Domingos Iohanes publico Tabelliõ de Santaren e eu Domingos Iohanes publico Tabelliõ de Santaren que a esta dõaçõ e a esta entrega especialmente fuy rogado e chamado e per a autoridade da dita procuraçõ e a rrogo do dito Aftonso Piriz este estrumento con ma mão propria escreui e meu sin + al y pugy. Testemunhas Domingos Bertolameu Correyeyro. Vicente Migééz dito Çarafa. Joham Martijz de Ryo Mayor. Feyto o estrumento xviij. dias andados de Mayo. Era. M.ª CCC.ª xxxxij.ª [1].

IX

14 de julho de 1304

En nome de deus amen. Sabhã quantos esta carta de quitaçon vyren e léér ouuiren Que eu Náámã ffilho de Josep Náámã e de dõna Dõna sa molher e procurador da dita dõna Dõna mha madre per hũa procuraçom feyta e asinááda per mão de Erancísco Martjnz Tabelliõ de Santaren primo dia de abril da Era de Mil e Trezentos e Quaraenta e dous anos. E eu per outoridade e per poder da dita procuraçom pola dita mha madre cuio procurador sóó e por mjn. E eu Faras jrmão do dito Naamã de nossa bõa e liure uóóntade Damos por quites e por liures pera todo sempre ó Abade e o Conueuto e ó Moesteyro dAlcobaça de todalas deuydas que dõna Maria Soarez madre en outro tenpo de Johã Martjns deuia a Raby Náamã nosso auóó e á Josep Náámã nosso padre per prazos dos quaes prazos hũu ffoy feito per mão de Pero Iuyaiz en outro tenpo Tabelliõ de Santaren primo dia de Março da Era de Mil e Trezentos e vijnte anos no qual prazo era conteudo que a dita dõna Maria Soarez e sa filha deuiã ao dito Raby Náámã nosso auóó Sete libras. E outro prazo ffoy feito per mão do dito Tabelliõ Noue dias de Nouẽbro da Era de Mil e Trezentos e vijnte e hũu En que era conteudo

[1] Caixa 97 da Collecção Especial.

que a dita dõna Maria Soarez deuia ao dito Raby Náámã nosso auóó dez libras. E o outro prazo foy feito per mão do dito Tabelliõ sex dias de Dezenbro da Era de Mil e Trezentos e vijnte e dous anos no qual prazo era conteudo que a dita dõna Maria Soarez deuia ao dito Raby Náámã noso auóó Dez e sex libras. E o outro prazo era feyto per mão do dito Tabellíõ dez e oyto dias de Março da Era de Mil e Trezentos e vijnte e quatro anos no qual era conteudo que a dita dõna Maria Soarez deuia ao dito Raby Náámã nosso auóó vijnte e çinque libras. E o outro prazo floy feito per mão do dito Tabelliõ Treze dias de Janeyro da Era de Mil e Trezentos e vijnte e çinque anos no qual prazo era conteudo que a dita dõna Maria Soarez deuia ao dito Raby nosso auóó Dez e sex libras. E o outro prazo foy feito per mão de Saluador Diaz tabelliõ de Santaren vijnte e tres dias de ffeuereyro da Era de Mil e Trezentos e Trinta e noue anos no qual prazo era conteudo que a dita dõna Maria Soarez deuia a Josep Náámã nosso padre Quinze libras. Damos por quites e por liures os sobre ditos Abade e Conuento e o Moesteiro dAlcobaça da terça parte da sobredita deuyda que e conteuda nos sobreditos prazos per razõ dos bẽẽs que o dito Moesteyro dAlcobaça oúúe e a da sobre dita Maria Soarez que floy ffamilyaira do dito Moesteyro e madre do dito Johã Martinz trobador. E outro sy Damos por quites e por liures os sobreditos Abade e Conuento e Moesteyro dAlcobaça de dous quinhões que o dito Moesteyro cuue da parte de Fernã Reymondo e de Sancha Reymondo filhos de Reymonde Anes e de Eluira Anes e netos da dita dona Maria Soarez per razõ das deuydas a que eles erã teudos e obligados per razõ dos ditos bẽes que ouuerõ da dita ssa auóó e per razõ dos ditos prazos a que erã obligados os ditos bẽes asy como he conteudo nos prazos de suso ditos. E de mays obligamos nos per todos nossos bẽes que auemos e aueremos da qui adeante assy mouez (*sic*) come de Rayz e éu Naamã de suso dito pora dita mha madre cuio procurador sóó que se pela uentura alguen uéér tan ben nos da nosa parte come dos estrãyos que contra os ditos Abade e Conuento e Moesteyro uijr quiser per razõ dos ditos prazos que nos liuremos ende os sobreditos Abade e Conuento e Moesteyro dAlcobaça sen sa perda e sen seu dano e a seu saluo. En testemũyo desta cousa e que poys nõ possa vijr en outra duuyda Rogamos Affonso Dominguez Tabelliõ de Santaren que fezesse ende esta carta aos ditos Abade e Conuento e Moesteyro dAlcobaça. Feyto ffoy esto Quatorze dias de Julho. Era de Mil e Trezentos e Quaraenta e dous

anos. Os que presentes ftoron Francisco Martinz Saluador Diaz Domingos Martinz de San Juyão Tabelliões Francisco de Ponte procurador no concelho. Pero Uéégas, uogado. Durã Pirez e Martī Fageyro porteyros. Martin Bertolameu e Martī Anes dito Rebotī e Salomõ criado de dõna Avizibõa e outros muytos. E eu Affonso Dominguez publico Tabelliõ de Santaren a todas estas cousas presente ffuy e a dita procuraçom uy e lij e esguardey que nõ era rassa nẽ antrelinhada nen en nẽhũu logar de ssy sospeyta na qual procuraçon era conteudo antre as outras cousas que a dita dõna Dõna daua conprido poder ao dito seu filho e seu procurador pera dar por quites e por liures pera senpre todos aqueles de que algũa cousa reçebese e pera fazer auéénça cõ todos aqueles que a ela algũa cousa deuesẽ ou lhy ffosem obligados per qual quer maneyra e esta carta a rogo dos susos ditos cõ mha mão propria screuy e en ela este meu si + nal pugy en testemũyo de uerdade [1].

X

18 de fevereiro de 1305

Notum sit omnibus presentibus et futuris quod Ego Johanna Martini uxor quondam Geraldi Petri dicti ftarmadi do et concedo pro libero et immuni pro ad senper Mon. ordinis Alcobacie de tota tercia parte sexaginta duarum librarum et xviij.º solidorum quos denarios dõna Maria quondam uxor Martini Suerij dicti trobador militis debebat dare predicto Geraldo Petri quondam meo marito pro unum instrumentum factum per manum Dominici Iohannis xxij.ª die aprilis de Era xxxiiijª et per alium instrumentum factum per manum Saluatorem Didacj xxvjª die april de Era xxxvj.ª It do et concedo nomine meo et pro partem et quineonem ffredinandus reymondi et Sancia Reymondi filij Reymondj Iohannis militis tenebantur per soluere pro parte sua ratione dictarum Lx.ª et duarum librarum et xviij.º solidorum contentorum in dictos duobus instrumentis ratione predicte dõne Marie que terciam partem predicti debiti dictum Monasterium tenebatur dare rratione tercie partis bonorum predicte done Marie qua dictum Monasterium recepit et habuit ad oram Mortis

[1] Caixa 102 da Collecção Especial.

sue quia erat ffamiliaria dicti Monasteri et ideo do et cõcedo dictum monasterium pro libero et īmuni pro ad senper de tota tercia parte predicti debiti dictorum instrumentorum et de tota parte dictorum puerorum filiorum predicti Reymondi Iohannis nomine meo quia sum inde bene pagata et intregata pro parte mea. It. Ego Johannes Stephani portarius Concilij Santaren. do et concedo predictum Monasterium Alcobacie pro libero et inmuni pro ad senper nomine et loco Petri et Marie et Costancie puerorum sine robura quondam filiorum predicti Geraldi Petri dicti Farmado per mandatum Petri Roderici militis procuratoris puerorum orffanorum Sanctaren. quia recognosco et confiteor de predicto Monasterio Alcobacie per ffratrem Martinum Iohannis monacum dicti Monasterii Alcobacie .x. liberas recepisse meam partem nomine dictorum puerorum filiorum quondam predicti Geraldi Petri per mandatum prenominati Petri Roderici procuratoris orffanorum ratione predicti debiti dictorum planctorum. Actum fuit hoc Sanctaren. xviij^a ffrebruari Era M.^a CCC.^a xl.^a iij.^a Qui presentes fuerunt Saluator Didaci. Dominicus Martini de Sancto Julião. Alfonsus Dominici Tabelliones. Et ego Dominicus Martini dictus de ffreyra publicus Tabellio Sanctaren ad rogatum predicti fratris Martini Iohãnis magistri fratrum predicti Mon. predictis recognicioni et quítacioni dicte Johãne Martini et dicti Johãnis Stephani portarij et intregacioni dictarum. x. librarum quas dictus Portarius recõgnouit se recepise interfui et hoc instrumentum ex inde scripsi in quo instrumento super .ix.^a lineam superius ... tres diciones interliniaui ubi dicitur filij Reymondi Iohannis et hoc sig + num meum in eodem apposui.

Nas costas—Estromento pelo qual Johana Martijz deu por liure o Moesteyro da terça da diuida de sa auóó dõna Maria de Ryo Mayor [1].

XI

19 de dezembro uo 1305

Sabhã todos que eu Johãna Martīz e eu Margarida Martīz filhas en outro tenpo de Martī Dominguiz Priol de Sam Pedro da Arrifana e Raçõeyro da Egreja de Sam Nicolas de Santaren e netas de dõna Maria Soariz molher en outro tenpo de Martin

[1] Collecção especial. Caixa 93.

Soariz trobador en nosso nome e de nossos filhos damos e outorgamos por liure e por quite pera todo senpre o Moesteyro dalcobaça de toda a terça parte de quatorze libras e meya as quaes liuras a dita dõna Maria deuya a dar ao sobredito Martin Dominguiz nosso padre per hũu stromento feyto per mãao de Pero Iuiãez tabelliõ de Santaren noue dias de fleuereiro Era de mil trezentos e dez e noue e per outro stromento feyto per mão de Johã Paez en outro tenpo Tabelliõ de Santaren vijnte e dous dias de Março Era de mil trezentos e uijnte e quatro. Outrosy damos e outorgamos o dito Moesteyro dalcobaça por liure e por quite pera todo senpre de toda parte e quinhon a qual parte Fernã Reymondo e Sancha Reymondo filhos de Reymonde Eanes caualeyro erã teudos a pagar por sa parte das quatorze libras e meya conteudas nos ditos stromentos de suso ditos per rrazõ da dõa Maria nossa auóó. A qual (terça) parte da dita deuida o Moesteiro dalcobaça era teudo a pagar per razõ da terça de seus bẽes dessa dõa Maria que ouue o dito Moesteyro a ssa morte porque era sa familiayra. E porende damos e outorgamos assy como de suso dito é o dito Moesteyro dalcobaça por liure e por quite pera todo senpre de toda a terça parte da dita deuida conteuda nos ditos stromentos e outro sy da parte dos sobreditos filhos de Reymonde Anes. E damos nos por entregadas e por pagadas de toda a quantidade e parte da dita deuida que o dito Moesteyro dalcobaça e ditos filhos de Reymonde Anes erã tehudas de pagar. En testemõyo da qual cousa fezemos ende fazer ao dito Moesteyro aqueste stromento per mãao de Domingos Martinz Tabelliõ de Santaren. Feyto foy esto en Santaren. Dez e noue dias de Dezenbro Era de mil trezentos quaraenta e tres anos. Os que presentes forõ Saluador Diaz tabelliõ de Santaren. Frey Pedro çalareyro dalcobaça en Santaren. Affonso Fernandiz de Sam Saluador filho que foy de Fernam Galego. Johã do Monte homẽ de Johane Anes raçõeyro de Maruilla. Steuam Martinz çapateiro dAlprã. Johã Pirez dito Pequeno porteyro do Concelho de Santarẽ a rrogo das ditas Margarida Martinz e de Johãna Martinz e a rrogo de ffrey Martĩo en outro tenpo Celareyro dalcobaça a estas cousas presente fuy e aqueste stromento screuy e presente si + nal meu ẽ ele pugi [1].

---

[1] Caixa 93 da Collecção Especial.

XII

11 de setembro de 1313

Inomine dey amẽ. Sabhã quantos esta Carta virẽ e leer ouvirẽ que nos Ayras Martjnz Caualeyro e Aldonça Anes ssa molher ffilha de Johã Martinz Trobador damos e outorgamos a fforo a uos Lourençe Anes de Vila Noua da freeguesia de San Pedro da Arriffana do termho de Santarẽ e a uossa molher Giralda Viçente toda a parte dos tres quinhões que nos cõprastes de Johã Viçente e de Maria Dominguez ssa molher e de Domjngos Iohanes ssalgado e de Domingas Viçente ssa molher nossos yrmãaos e duhũa coyrela que nos conprastes de Maria Martinz nossa Madre na dita freeguesia de San Pedro da Arrifana Damos e outorgamos a uos a fforo os ditos herdamentos e a todos uossos ssoçessores despos uos por Cem marauydys que de nos en dinheiros damos a uos os ditos herdamentos a fforo per tal preyto e per tal condições que uos e todos uossos ssoçessores de pos uos os aiades e pessojades pera todo ssenpre E os lauredes e ssemẽtedes e chantedes bẽ e ffielmente como bõos lauradores e todos uossos socessores dę pos uos e que dedes ende a nos e a todos nossos ssoçessores de pos nos a quarta parte do Pam e do vinho e da Tinta e das oliuas e do Linho e da Legumha e dos alhos e das çebolas do al que deos hy der Conuẽ a ssaber o pam na Eyra e o vinho aa bica do Lagar e a tinta na Eyra e as oliuas na Eyra como he costume e o linho no tendal E os alhos e ass çebolas na Eyra enrestadas ẽ cada hũu ano e sse per uentura uos e uossos ssoçessores os ditos herdamentos ou parte deles quiserdes uender deuedelo ante ffazer ssaber a nos e a todos nossos soçessores se os nos e nossos ssoçessores quisermos comprar os ditos herdamentos deuemollos a auer de tãto por tãto e negũu nõ nolos possa tolher E sse per uẽntura nos nẽ nossos soçesores os nõ quisermos conprar nos nẽ nossos ssoçessores de pos nõ os possamos vẽder a caualeyro nẽ a dona filha dalgo nẽ a clerigo nẽ a Ordẽ nẽ a mouro nẽ a Judeu nẽ a homẽ mais poderoso ca nos mais deuedelo a uẽder aa tal pessoa ou pessoas que bẽ e cõpridamente ffaça ende a nos o dito fforo e nos de suso dito Lourenço Anes e Giralda Vicente rreçebemos os ditos herdamẽtos sso as condyções de suso ditas. E obrigamonos per todos nossos bẽes mouys e raiz a cõprir todatas cousas de ssuso ditas e cadahũa delas En testemunho da qual cousa

ffezemos ende ffazer antre nos este estromento per mãao de Domjngos Iohanes Tabeliõ de Santarẽ. Feito ffoy en Santarẽ onze dias de setembro da Era de Mil e trezentos e Cinquenta e hũu Anos (*sic*). Testemunhas que presentes fforã Johã Dominguez tabeliõ e Martin Giraldiz Pego e Pedre Anes e Johane Anes homẽ do Comendador e Affonso Dominguez e nos partes de ssuso ditas todos emsembra cada hũu per ssy mãdamos e louuamos que a parte de nos que nõ cõprir as cousas de ssuso ditas que pejte a outra parte que o cõprir Cem libras ẽ nome de pea e o feito seer firme e estauil pera todo ssenpre como dito he. Eu Domingos Iohanes probico Tabeliõ de Santarẽ a rrogo das partes de ssuso ditas a este ffeito presente ffuj e este estromento escreui e este meu ssinal. (*Tambem não tem signal publico*) [1].

No verso do pergaminho: Não se tresladarão estas duas escrituras por não terem sinal publico e não fazerem fee; mas servirião sempre para informação, e noticia da origem destas fazendas).

XIII

19 de novembro de 1325

Enome de deos amẽ. Sabhã quantos esta carta de fforo virẽ e leer ouvirẽ que no (*sic*) Ayras Martinz ffarazõ Caualeyro e Aldonça Anes ssa Molher damos a fforo pera todo ssempre a uos Lourẽçe Anes e a Giralda Viçente uossa Molher e a todos uossos ssessores (*sic*) despos uos a nossa Coyrela do Vimeeiro e a nossa Coyrela da Torre e o al que hy nos auemos saluo a Casa da morada e as Coyrelas de Vila Noua que uos compramos os quaes herdamentos sson ẽ termho de Santarẽ na ffreeguisia de Sam Pedro da Arrifana damos a fforo e outorgamos a uos e a todos uossos ssessores e depos uos oss ditos herdamentos con mõtes e con ffontes rrotos e por arromper con ẽtradas e ssaidas e dereytos e pertẽeças por tal preyto e sso tal condiçõ que uos que os arronpades e chantedes de vinhas e doliuaees e lauredes bẽ e ffielmente e deuedes ende dar a nos e a todos nossos ssessores desspos nos a quarta parte de todo o ffruyto que deos hi der conuẽ a ssaber o Pam na Eyra e o vinho aa

[1] Tombo 1.º dos pergaminhos de Almoster, documento n.º 40.

bica e o lynho no tendal e as oliuas e a tinta na Eyra e hũu capõ, e hũa galinha e dous Alqueires de trijgo pera ffogaça de fforo. E uos nõ deuedes a uẽder nẽ alhear os ditos herdamentos nẽ parte deles a Caualeiro nẽ a Dona nẽ a Clerigo nẽ a Judeu nẽ a mouro nẽ a ouẽeçal del Rey nẽ a homẽ nẽ a molher poderosos e sse uẽeder quiserdes os ditos herdamentos ou parte deles deuedelo a ffazer saber a nos e sse os nos quisermos deuemolos a auer de tanto por tanto e sse os nos nõ quisermos a uos os deuedes a uẽder aa tal pessoa que ffaça a nos o dito foro e nõ seia das pessoas de ssuso ditas. E uos Lourençe Anes e Giralda Vicente ssa molher por nos e por todos nossos sessores Recebemos os ditos herdamentos sso as condições de ssuso ditas e obrigamonos per todos nossos bẽes a cõprilas e a gardalas assy como en esta carta sson conteudas e a parte de nos que contra esto. ueer e nõ quiser cõprir nẽ a guardar peyte a outra parte teente e agũardante Enome de pea ij^{c} (200) libras. Feito ffoy esto en Santarẽ nas Casas do dito Ayras Martinz e ssa molher dez e noue dias de nouẽbro da Era de Mil e trezentos e ssasseenta e tres anos os que presentes fforõ Martin Pirez Alffayate da Alcaçeua e Steuõ Dominguez homẽ de Dona Maria e de Lourenço Escalla e Ruj Pirez homẽ dAjras Martjnz e Pedre Anes Johã Galego e outros e Eu Johã Dominguez probico Tabeliõ de Santarẽ e esto presente ffuj e a rrogo das ditas partes duas cartas deste fforo escreuj e ẽ cada hũa delas meu ssinal pugy que tal he. (*Não foi lavrado o sinal publico do tabelião*) [1].

XIV

18 de junho de 1326

Sabhã todos que en presença de mjn Steuã Dominguiz Tabeliõ de Santarem e das testemunhas que adeante som escritas Johã Periz procurador de Giomar Affonso Abadesa do Moesteiro dAlmoester mostrou hũa carta del Rey a Vicente Louuado da qual carta o teor a tal he:

Don Affonso pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue a uos Vicente Louuado vizinho de Santarem saude. Sabede que Giomar Affomso Abadesa dAlmoster me disse en qual

[1] No mesmo pergaminho do n.º XII.

guisa ha demanda e entende a auer cõ Ayras Martinz Farrazõ caualeiro vizinho desa villa per Razõ de bẽes que diz que tẽ per ffoça desse Moesteiro os quaes diz que lhi leyxhou a sogra dese Ayras Martinz e pediome por merçee por que ela nõ podia andar en Audienciias que lhy desse hũu Juiz de graça que ouuisse este feito. E eu uẽedo o que my sobre esto dizia e querendo lhy ffazer graça e mereçéé tenho por bẽ que seiades seu Juiz en este feito. Por que uos mãdo que ffaçades as partes perante uos uijr e ouujde os e desenbargadeos de guisa que cada hũa dellas aia Jgualdade e cõprimento de dereyto. Unde al nõ façades. Dante en Torres Uedras vinte e oyto dias de Mayo. El Rey o mãdou. Martin Annes a ffez. Era de mill e trezentos e seseẽta e quatro anos. Iohan Affomso.

A qual carta mostrada e probycada o dito Iohã Periz dise e pedio ao dito Vicente Louvado que cõprise a dita carta del Rey e que lhy dese porteyro per que citase o dito Ayras Martinz e sa molher que ueesem ffazer dereyto áá dita Abadesa e cõuento. E o dito Vicente Louuado disse que en esto e ẽ todalas cousas que el poder que obedeçeria e ffaria mãdado del Rey mais disse que deste feito nõ podia conheçer per Razõ que era enbargado en mujtos negocios cõuẽ a saber en ffeito do Julgado do Juiz dos Orffaos de que era Juiz. Outrosy disse que era oubrigado en negocio do testamento de dona Maria molher que ffoy de Johã Simhõ. Outrosy nos bẽes do Bispo dEuora que ha de uéér e de procurar per mandado de Vaasco Martinz sobrinho do dito Bispo e en outros negocios en que ha dobedecer en mãdado del Rey en enquerições e en outras cousas que dise que lhy mãdara ffazer e asy dizia que nõ podia entender deste ffeito móómente que dise que auya demãda cõ o dito Ayras Martinz per Razõ dũu seu homẽ o qual dise que lhy tẽ presso per Nome Franciscc. E por esta Razõ disse que pedia por merçéé a El Rey que lhy dese outro Juiz. E o dito Johã Periz disse que ao que dizia o dito Vicente Louuado que auya de uéér estas cousas de suso ditas disse que cada hũa ele podia ouuir en sseu tenpo e ao que dizia que auya demãda cõ no dito Ayras Martinz per Razõ do seu homẽ disse que quando lhy Ayras Martinz quisese poer Recusaçõ que nõ auya por que séér seu Juiz pela dita Razõ disse que ele Responderia e porria a dereyto dá ábadesa e do cõuento e que per tal Razõ nõ auya ele por que se escusar que nõ cõprise a dita carta e ouuylo preyto e determinhalo cõ dereyto e pediolhy que a cõprise e como El Rey mãdaua. E Vicente Louuado dise o que dito auya e que o ouuyria de bõa-

mente se podese mais que nõ podia pelo que dito auya. Feito o stromento en Santaren na Egreia de sam Johan dezoyto dias de Junho. Era de mill e trezentos e Sesẽeta e quatro anos. Testemunhas Steuã Periz Lobato. Nicolaáo Durães Affonso Anes Cheyra Vinho. Steuã Periz. Gonçalo Giraldiz e outros. E eu dito Tabeliõ a Rogo do dito Johã Periz a esto presente ffuy e este stromento scriuy e en el este meu sy ✝ nal pugi [1].

XV

8 de julho de 1326

En nome de deos amen. Sabhã quãtos este stromento uiren e léér ouuirem como na Era de Mil e trezentos e sesseẽta e quatro ãnos en Santaren oito dias de julho da dita Era perdante o hõrrado baron e sages Mééstre Antonio priol da Eigreia de ssan Saluador de Lixbõa e ouuidor do honrrado padre e senhor Don Johane pela merçéé de deos Bispo de Lixbõa no arçidigado de Santaren seẽdo ouuindo os preitos no adro da Eigreia de Santa Maria de Maruila En presença de mjn Steuã Vicente tabelliam de Santaren e das testemunhas que adeante sson scriptas Iohã Pirez procurador de dona Guyomar Affõmso abbadessa dAlmoester e de dona Maria Gomez Monia do dito Moesteiro mostrou e per mjn leer e publicar ffez hũu stromento ffeito e assináádo per mãao de Iohan Gonçaluez Tabelliõ de Santarẽ segũdo en ele parecia da qual o teor tal he:

Sabhã todos que en presença de mjn Johã Gonçaluiz publico tabelliõ de Santaren e das testemunhas que adeante sson scritas dõna Maria Gomez abadesa do Moesteiro dAlmoester mostrou e poblicar ffez per mjn dito Tabelliõ hũu scrito que sse cõtaua testamento scrito en pulgaminho de coiro do qual o teor tal he:

En nome de deos amen. Eu Costança Lourenço temente dia do meu passamento ffaço e ordio e stabelesco meu testamento cõ todo meu comprido siso e entendimento e mando mha alma a deos e a uirgen gloriosa santa Maria e filho toda terça de meu auer pera darem por mha alma e mãdo que mj ssoterrẽ no Moesteiro dAlmoester e mãdolhj cõ meu corpo çinque libras.

---

[1] Tomo 2.º dos pergaminhos de Almoster, documento n.º 56.

Item a ssan Pedro da Arriffana çinque libras por ffalhas. A San Nicolaao de Santaren cinque libras e mãdo per o dia da sepultura e por missas cãtar en esse dia e por çea de sabado trinta e cinque libras. Item mando por missas cãtar vijnte libras. Item mãdo a meu criado Nicolááo quarẽeta libras e a Maria mha criada quarẽeta libras e hũa coçedra e dous chumaços e a Maria Galéga e a ssa filha çinque marauidis. Item dez libras aa Madre de Nicolááo. Item mando quatro libras a Martin Paaez. Item tres libras a Sancha Rodriguiz. Item a Sancha Martinz dez libras. Item a meu abbade don Pedro tres libras. Item trinta soldos a Lourenço Abril. Item a cabo do ano vinte libras pera misas e pera sairen sobre mjn. Item mãdo que vendã os panos de meu corpo e dem ende os dinheiros por mha alma e en missas cantar e ffaço mhas testamenteiras donas Maria Gomez abbadesa dAlmoester e mha coirmãa Guiomar Affomso prioressa do dito Moesteiro e mãdolhis Palo Affomso que hi auerem aa (?) dita abbadessa trinta libras e aa dita prioressa quarẽeta libras e Rogolhis e peçolhis por deos e por mesura que do meu auer paguẽ esta mha manda assy como en ela he cõteudo e de ssuso scrito e mãdo e rrogo áás ditas mhas testamenteiras que pagado este meu testamento assy como de suso he scrito mãdo que todalas outras cousas que fficarem da terça do meu auer hu quer que possam seer achados tãbem mouil come raiz que os dem aa ẽffermaria do dito Moesteiro e Eu dita Costãça Lourẽço hej ffirme e stauil este testamento e dou o por ualioso e se algũu testamento ou testamentos parecerem cõtra este nõ valhã nẽ tenhã nen seiã ualiosos mais rreuogoos e cõffirmo este e se as mhas testamenteiras esto nõ quiserem cõprir por nõ quererẽ ou nõ poderen peço por merçéé a nossa senhor a rraynha que filhe este en ssy en esmolla de ssa alma ca en esforço de sa mercéé me deito ẽ este sseu Moesteiro. Feita foy esta manda ẽno Moesteiro dAlmoester a vijnte e seix dias de oitubro Era de Mil trezentos e Çinquenta e oito anos. Os que presentes fforã ffrey Pedro e ffrey Martinho monges dAlcobaça Pedro Acenço priol de Santiago dAlanquer Pedro Perez sseu capllam e Bertolameu Lourenço rraçõeiro de san Pedro dAlenquer e Ruy Perez criado do dito priol. Lourenço Abril priol de Santa Maria dAlmoester, Feito este testamento acrecento mais Çinquoẽeta libras ao Moesteiro dArrouca. Item estas son as diuidas que eu dona Costãça Lourenço deuo a Martin Perez hũa duzea (*sic*) de trigo. Item seix libras a Domingue Anes e dez libras e treze soldos áá Molher de Domingos de Cardjn. Item a Maria Steuẽz áá dela çinque libras

e Airas Martjns que my demanda diuida de dous casáães que diz ca lhy tolhj ende os nouos du nũca ouue cousa ca o tomou Lourenço Anes rredondo eles disseron ca o tiraron do outro ouuy hy xb buzeos cada ano por que mj tomou ele vijnte libras na Maya e hũu rroçim e o pã que mj tomou das couas e fforçoumy do Erdamento da meyadade da mha contenda que ouuj de fazer pela alma de Johã Martinz e de ssa molher e ha oito anos que desto stou forçada e naquel tempo que eu tijnha ualia a aldea a mheyadade çerta de trjnta libras.

O qual scripto perleudo a dita dona Maria Gomez abbadessa do dito Moesteiro dAlmoester pedio ende a mjn dito tabelion o teor dele en publica fforma e sso meu sinal fteito ffoj no Moesteiro dAlmoester termo de Santarem treze dias de Oitubro. Era de Mil trezentos e Cinquoẽeta e noue annos. Testemunhas ffrey Johã Celareiro do que Alcobaça ha en Santaren ffrey Pedro frade monge Alcobaça Steuã Anes Iohan Dominguez clerigos dAlmoester e outros e eu Iohã Gonçaluez publico tabelliõ de Santarẽ a rrogo e de mãdado da dita abadesa o teor do dito cõ mha mãao de uerbo screuy e en este estromento e ele este meu sinal pugj que tal he em testemunho desta cousa.

O qual stromento perleudo per dante frey Pedro e frey Martinho e Pedro Perez testemunhas sobreditas o dito Meestre Antonio preguntou per iuramento aos auangelhos as ditas testemunhas sse a dita Costança Lourenço cõ seu entendimento outorgara a dita Manda como en ela era cõteudo e disseron que ssy e ẽ come o dito Méestre Antonjo en scriptos a Julgou por testamento no qual testamento o dito Johã Perez ẽ nome das ditas testamenteiras dise que nõ consentia senõ cõ protestaçõ dos seus bẽes das ditas donas nõ seerẽ a mais obrigados que quanto auõdasem os bẽes da dita passada e o dito Ouuidor com a dita protestaçõ lho mandou receber. Feito ffoy esto en Santaren no logo e no dia e na Era da suso scripta. Testemunhas Johã Martinz Johã Cheyo. Saluade Anes Pedre Anes Steuã Martinz Lourenço Martinz e outros e Eu Steuã Uiçente tabelliam de Santaren a rrogo do dito Johã Perez e per mandado do dito Ouuidor este stromento screuy e en ele este meu sig + nal pugj.

No verso do pergaminho: Testamento de D. Constança Lourenço manda que dos bens de sua terça se paguem seus legados e o que sobejar delles fique á Enfermaria deste Moesteiro. Era prima da Abbadesa D. Guiomar Affonso que então era prioresa e a deixou por testamenteira e á Abbadessa D. Maria Gomez da

Silua, com varios Legados a estas e a muitas pessoas, e Igrejas, etc. [1].

XVI

7 de outubro de 1327

Sabhã todos que na presença de mjn Vaasco Ródriguez Tabeliõ en Santaren e das testemõyas que adeante som scriptas Pedro Uicẽte Priol da Egreia de ssan Pedro da Arriffana procurador dAiras Martinz e dAldonça Anes sa molher per hũa procuraçom da qual o theor tal he:

Sabhã quantos esta procuraçom vijrẽ que eu Airas Martjnz farazom e eu Aldonça Anes sa molher fazemos nosso procurador Pedro Uicente Priol da Egreia de ssan Pedro da Arriffana a que el por nos e ẽ nossos nomes possa partir os bẽes que a nos ficarõ per morte de Costança Lourenço madre de mjn dita Aldonça Anes cõ dona Guyomar Affonso Abadessa do Moesteiro dAlmoester e cõ dona Maria Gomez Mõia do dito Moesteiro testamẽteiras da dita Costança Lourenço e cõ cada hũa delas. E pera lhis dar dos nossos bẽes mouil e Raiz cousa assũada pola sa terça pera a poderem melhor vender e ffazer o que a dita Costança Lourenço mãdou ẽ sseu testamento. E pera obrigar por nos e ẽ nossos nomes os nossos bẽes pera lhis darmos dinheiros ata cem libras e pera os darmos a tempo sabudo e pera mãdar fazer dous Instromentos cõ quaes pẽas e cõdições ouuer por bem. E pera as meter em posse E pera mãdar fazer stromento ou stromentos. E pera demarcar e deuisar todalas ditas cousas. E todalas ditas cousas que pelo dito nosso procurador por feito nos o auemos por firme pera senpre so obrigamento de todos nossos bẽes. feita a procuraçom en Santaren nas Casas do dito Airas Martinz quatro dias dOutubro. Era de mill e trezentos sassẽeta e cinque anos que presentes forom Domingos Iohanes filho de Ioham Perez Johan Lourenço e Gil Soariz homẽes do dito Airas Martinz. E eu Vaasco Rodriguez Tabeliõ en Santaren a rrogo dos de ssuso ditos esta procuraçom scriuy e ẽ ela este meu signal pugy.

E o de ssuso dito Pedro Uicente per poder e per outoridade da dita procuraçom ẽ nome dos de ssuso dito Airas Martjnz e

---

[1] Tombo 2.º dos pergaminhos de Almoester, documento n.º 53.

dAldonça Anes sa molher meteo en posse e en corporal possisson dona Guyomar Affomso abadesa do Moesteiro dAlmoester e dona Maria Gomes Mõia do dito Moesteiro testamenteiros de dona Costãça molher que foy de Johã Martinz trobador de dous Casaaes que os ditos Airas Martjnz e Aldonça Anes sa molher ham os quaes Casaaes som ẽ na freguesia de ssan Pedro da Arrifana os quaes tragem a ssa mãao Lourenço Iohanes Pregacho e o ffrãco e as Casas da Torre e o quinhõ da Torre cõ todolos dereytos assy come (=*como é*) conteudo en hũus stromentos feitos per mjn Vaasco Rodriguez Tabeliõ deste dia deste stromento dantre os ditos Airas Martjns e sa molher e as ditas testamenteiras. A qual posse a elas fez per hũa Casa e curral e hũa figueyra que sta ẽ Vila Noua dapar da Arriffana per talha e per terra e per erua e pela dita Casa disse o dito Pedro Uicente que per esto as metya en posse de todalas ditas cousas per Roy Fernãdiz homẽ da dita Abadesa. Da qual posse o dito Roy Fernandiz polas ditas testamenteiras pedyo a mjn dito Tabeliõ hũu stromento. Feito foy no dito logo sete dias dOutubro Era de mill e trezentos sesseenta e cinque anos. Que presentes forom Affomso Dominguiz Tabeliõ Iohã Frade Don Fruytoso Andre homẽ de Nicolaao Durães e outros. E eu Vaasco Rodriguiz Tabeliõ sobre dito este stromento screuy e ẽ el este meu sig + nal pugy [1].

No verso do pergaminho: Trobador parece *Trovador* e assim chamavão antigamente aos que fazião versos.

XVII

23 de julho de 1329

Sabyã todos que eu Ajras Martinz Caualeyro Eu Aldonça Anes ssa molher moradores e vezinhos de Santarem damos e outorgamos a uos Steuã Dominguez e a uosa molher Luzia Joanes que morõ ora na Tore dos Viláás e a uosos ffilhos e netos e a todos uosos ssusesores que de pos vẽeren a fforo pera todo senpre hũu nosso Casal que nos auemos en Vila Cháá o en que seue Joã Gil asy como o el auja de pam e de vinho e dazejte e

[1] Tombo 1.º dos pergaminhos de Almoster, documento n.º 45.

con todas sas aruores con montes ffontes Reçios apascoamentos Rotos e per Ronper que uos e uossos ffilhos e netos e todos uosos ssusesores que de pos uos ueerem dedes a nos e a todos nosos susesores que de pos nos uẽerem a quínta parte de todos ffrujtos e nouos que deus der no dito Casal e en cada hũu ano conuen a ssaber o pam nééjra e as legumhas e o vinho áá bica e a Tjnta nééjra e as oliuas ao péé dóóliuejra colhendo se per sy e o linho no Tendal e dardenos en cada hũu ano por dia de san Miguel de Setenbro dous Capões affousinhados e hũa galinha e hũa duzea douos e quatro alqueires de trigo pera ffogaça e morardes no dito Casal e uos o deuedes a ronper e laurar e adubar en cada hũu ano ben e fielmente come uosos uezinhos e milhor. E uos nõ deuedes veender a Moestejro nem a Albergaria nen a Caualejro nen a dona nen a nenhũa pesõa mais poderosa que nos. E se o uos quizerdes vender todo ou parte dele uos o deuedes a ssaber a nos. E se o quizermos auermolo de tanto por tanto e se o non quizermos venderdelo uos áá tal pesoa que ffaça a nos o dito fforo. E dardesnos de quantos ffogos foren no dito Casal tantos fforos como dito he. E nos Steuã Domingues e Luzia Joanes ffilhamos e Recebemos o dito Casal con todalas condições de suso ditas por uos e por uosos ffilhos e netos e por todos uosos ssusesores que o dito Casal ouueren que de pos nos uẽeren. E obrigamos nos per todos nosos bẽes moujs e Raiz aas guardar e manteer e dar a uos ou a quen esta carta mostrar o dito fforo en cada hũu ano e nõ uolo dando como dito he que nos seiamos penhorados e costrengudos pelo uosomen sen contenda. E a parte que contra esto vẽer e o nõ quiser acaber pejte áá outra parte que o teuer e aa couber en nome de peua Cem libras e valer e estar a Carta em ssa fforça. Das quaes cousas e fforo os ditos Ajras Martinz e Steuã Dominguez por ssy e por todos sseus sussesores que de pos eles vẽeren pidirõ a mjn Tabelliõ ssenhas cartas ssemelhaujs dũu Teor. Fejtas fforõ en Santaren na casa do díto Caualejro uinte e tres dias de Julho. Era de Mil e Trezentos e ssaseenta e sete anos. Testemunhas que presentes fforõ Steuã Dominguez Tabelliõ Joã Nuniz Dominga Anes Joã Pirez Saluado Martinz Creligo e outros. Eu Lourenço Anes Tabelliõ de Santaren a Rogo per mandado das ditas partes duas cartas ssemelhaujs dũu teor escrevj e en cada hũu delas este meu sinal pugj + que tal e,

Nas costas: De Villa Chãa na era de j iij.ª lx vij per Ayres Martinz a Esteuão Dominguez. Nõ tem confrontações.

Idem. Não serue de mais que para mostrar a antiguidade da quinta [1].

XVIII

15 de agosto de 1330

En nome de deus amen. Sabyã quantos esta carta uyren e léér ouuyren que nos Ayras Martinz ftarazõ e Aldonça Anes sa molher damos a fforo pera senpre a uos Lourence Anes e a uosa molher Margarida Pirez hũu Casal derdade que nos auemos en Cháá termho de Santaren o qual teue Lourenço Martinz e Agada Pirez per tal preyto e condiçõ que uos o aiades pera senpre e que o moredes uos e uossos susessores e que o lauredes e sementades e sachedes e mondedes en cada hũu ano ben e ffielmente e dedes ende a nos e aos nosos susesores de pos nos a quinta parte de todo o fruyto que deus hy der conuen a saber o pã e as olyuas e a tinta na Eyra en paz e en saluo pagamdose os segadores ante de todo o monte. E o vyo no lagar e o lyho no tendal e os alhos e as çebolas enrrestadas. E en cada hũu ano quatro alqueires de trigo linpho por fogaça e dous capões por dia de san Miguel de Setenbro e hũa galyha e doze ouos por natal. E quantos ffogos hy ftezerdes dardes tantos foros. E quantos ffogos hy ffazerdes dardes tantos foros. E o nosso homen poder penhorar pelos ditos fforos e dereitos sen cóómha nẽ hũa sen outro Porteyro. E uos nõ deuedes criar no dito Casal nẽ hũ ffidalgo sen nosso mandado. E sse uos ou uossos susesores quiserdes vender o dito Casal ou parte del deuedelo ante saber a nos e se o nos quisermos conprar auermolo ante que outren tanto por tanto. E sse o nos nõ quisermos conprar uos nõ deuedes el uender a dona nen a Caualeyro nen a Orden nẽ a homees ffilho dalgo nen a mouro nen a judeu nen a Ouéénçal del Rey nẽ da Raya nen de seus filhos nen a outren homẽe poderoso maijs venderdes el aa tal pesõa que a nos ffaça os ditos fforos e nos de os nossos dereitos e nos seia cõ eles obediente. E nos sobreditos Lourençe Anes e Margarida Pirez sa molher reçebemos o dito Casal so as ditas condíções e obrigamos nos áás conprir e aguardar per todos nossos béés auudos e por auer por nos e por nossos susesores. E a parte de nos que

[1] Caixa 112 da Collecção Especial.

contra estas cousas uéér per ssy ou per outren en parte ou en todo peyte aa outra parte conprinte e aguardante as ditas cousas. Cem libras en nome de peã e todauya estar este feito en sa ffirmydõe e ualer pera sempre. En testemũyo deste fezemos ante nos séér feitas duas cartas dũ tẽor per mão de Affonso Dominguez Tabelliõ de Santaren. Das quaes cada hũa das partes deue tẽer hũa. Feito ffoy esto em Santaren nas Casas do dito Ayras Martinz quinze dias dagosto. Era de Mil e Trezentos e seséénta e oyto anos. Os que presentes forom Domingos iohanes Tabelliõ Affonso Martinz homẽe del Rey Steuã Dominguiz homẽe de dona Maria. Johane Anes çepelheyro e outros. E eu Affonso Dominguez Tabelliõ de Santaren a estas cousas presente ffuy e a Rogo das partes duas cartas dũu teor ende scriuy en cada hũa delas este meu si + nal pugy.

Nas costas. Prazo de Vila Chaa per Ayres Martinz farazã e Aldonça Anes sua molher foy feyto na era de j ííj^c lx v̇ííj anos pera ser aforado a Lourenço Anes e Margayda Pirez sua molher. Nõ tem confrontações.

Idem. Não serue mais que pera constar da antiguidade da quinta que não tem confrontações [1].

XIX

10 de novembro de 1333

Sabhan todos que na Era de Mil e trezentos e sateenta e hũu anos dez dias de Nouenbro na Egreia de Santa Maria de Maruila perdante Mestre Antonynho vigayro do honrrado Padre e senhor dom Johane pela graça de deus e da ssanta Eigreia de Roma Bispo de Lixbõa nos feitos da audiancia de Santaren em prezença de mjn Miguel Martinz tabelliõ da dita vila e das testemunhas que adeante son escritas Saluade Anes procurador de dona Mayor e Pero Affonsso procurador de dona Eynes molher dAffonso Martinz Froyam parecerõ em Juyzo per dante o dito vigairo. E entõ o dito Pero Affonsso procurador sobredito disse que a dita dona Eynes he da linhagem de Fernam Dade e sa parenta e que queriã ueer o testamento do dito Fernam Dade ca

[1] Caixa 112 da Collecção Especial.

entendia a tirar del dereito. E pedia que costrangesse a dita dona Mayor en pesoa do dito seu procurador que mostrasse o dito Testamento em Juyzo. E logo o dito Procurador mostrou hũu stromento que dezia que era testamento do dito Fernam Dade feito e asínaado per mãao de Pero Iuyãaez que foy Tabeliõ da dita vila ssegundo em ele parecia o qual assi mostrado em Juyzo o dito Pero Affonsso en nome da dita dona Eines pediu ao dito vigairo que lhy mandasse dar o tralado de todo. Ca el o queria redargoyr de falsso e poer que era nẽhũu de dereito. E logo o dito vigairo veendo o que pedia o dito Pero Affonsso por que dezia que queria o dito testamento e redargoyr de falso mandou a mjn dito Tabeliõ que lhy desse o teor do dito testamento todo de uerbo a uerbo come em ele e conteúdo do qual testamento o teor tal he:

In nomine domini amen. Ego Fernandus Dade timens diem mortis mee im meo pleno sensu et cõ meo salute et in salute anime mee et in remissione omnium parentorum meorum facio ordino meum testamentum in hunc modum. Primo accipio pro tercia de meo habere quatuor mille libras. Et mando cum meo Corpore fratrum predicatoribus sancti Dominici Sanctarene x. libras. It. Ecclesie Sancti Juliani .x. libras et pro meio filijs (falijs?). C. libras. It. mando fratribus minoribus .x. libras. It Minorissis .x. libras et maiorissis .v. libras. It. dona Merie Dade .x. libras. It done Merie Dade .x. libras et done Eynes Dade meis germanis .x. libras. It mando fillijs et filiabus domini Johanis Petri et mee germane done Marie Dade. .v.v. libras. It mando meo primo cõgermane Roderico Fernandi filio de domini Fernandi Martini Curutelo .xb. libras et Maiori Fernandi sue germane .xv. libras. It mando Ecclesie Sancte Marie de Alcaceua .L. libras. It pro anima Petri Dominici iam defuncti .L. libras. It mando omnibus albergarijs ville .xx.xx solidos. It operi Sancte Marie de Monte .v. libras. It. operi Sancte Herene .v. libras. It. operi Sancti Antonij .iij. libras. It. leprosis .iij. libras. It. omnibus inclusis ville et heremitatis sancti dominici .v. libras. It pro missis celebrandis pro anima mea. CC. libras. It. pro ad pauperes induendum .C. liberas. It. mando meis doncelis scilicet Marie Stephani et Eines Alffonssi et Costancie Roderici filie Geraldo Roderici et Eines Valasci filie Valasci Petri. L.L. libras. It. Petro Juliani Tabellioni Sanctarene .x. libras. It. mando meo germana dõno Martino Dade. CCC. libras. Et mando et concedo quod soluto isto meo testamento illud quod residuum fuerit de toto meo habere quod habeat totum donam Maior Stephani mea mulier si se nõ casaue-

rit et deyte se ille ubi ego me deito in domum ffratrum predicatorum sancte Dominici et si forte se casauerit mando quod mei Executores diuidant totum meum habere et dant inde totum meum Jus et mea medietatem pro anima mea ubi uiderint mei Executores quod eris magis comodum anime mee tamen quod non dent magis meis germanis filiabus done Tarasie nisi .x.x. libras quas sibi mando. It. mando quod capele de dona Maior Stephani mea uxor omnia supra dita que ego mando quod ad suam mortem et ad mortem dentur pro anima mea et sua et facio Executores istius mei testamenti donam Maiorem Stephani meam vxorem et donum Martinum Dade meum germanum quod teneât illud et quod saluant pro anima mea sicut ego mando Et quod Episcopus Vlixbonens. qui pro tempore fuerit faciat teneri et ad ad impleri hoc meum testamentum sicut ego mando. Et ut hoc meum testamentum habeat firmitatem maiorem feci illud fieri per manum Petri Iuliani publici Tabellionis Sanctarene. Actum fuyt hoc Sanctarene .xvij. dias Augusti Era .M.ªCCC.ª xxxiij. Qui presentes fuerunt Dominicus Martini Tabellioni. Alffonsus Munionis milles. Stephanus Naualha armiger. Et ego Petrus Juliani publicus Tabellio Sanctarene rogatus a predicto Fernam Dade constitutioni huius presenti testamenti interfui et illud proprij manu conscripsi et presens signum meum quod tal est in eodem apposui in testimonium primissorum.

Das quaes cousas o dito Pero Affonso em nome da dita dona Eines pediu a mjn dito Tabeliõ hũu stromento ffeito foy no dia e na Era de suso dita. Testemunhas Steuom Affomso Domingue Anes. Affonso Diaz. Steuom Ayras. Domingos Lourenço e outros. E eu sobredito tabeliõ aa petiçõ do dito Pero Affonso e per outoridade que a min he dada do dito vigairo o teor do dito Testamento escreuy e meu sinal hy pugi que tal + est [1].

XX

9 de julho de 1343

Sabham todos que en presença de mjn Affonsso Dominguiz Tabelliõ en Santaren e das testemunhas que adeante som scritas per ante Steuã Affonsso aluazil geeral en na dita villa sendo en Concelho no Alpender da ffeyra ffoy mostrada e leuda e pobri-

1. Caixa 98 da Collecção Especial.

cada hũa carta de fforo scrita en polgamynho ffeita e assynaada per mha mãao da qual o teor tal he:

En nome de deus amen. Sabhã quantos esta carta viren e leer ouuyren que nos Airas Martinz Farazõ Caualeyro e Aldonça Anes sa molher damos a fforo a uos Martim ffernandiz da Patameyra termho dObydos e a uosa molher Domingas Iohanes hũu nosso casal que nos auemos em Villa Chãa o qual uos conprastes de Pascoal Dominguiz da Maçussa per tal preyto e per tal cõdiçon que uos lauredes e sementedes e sachedes uos e todos uossos sussesores. E que dedes ende a nos e a nossos sussessores daren nos a quinta parte de todo o fruyto que deus hy der conuem a saber o vyo no lagar e o Linho no tendal e o pam e a tinta e as oliuas na Eira em cada hũu ano en paz e en saluo e os alhos e as Çebolas enrrestados e quatro alqueires de trigo linpo pera fogaça e dous Capões e hũa galinha e doze ouos en cada hũu ãno conuem a saber os capões por sam Migel de Setenbro e a galhinha e os Ouos por Natal e nosso homen penhorar por todos estes fforos. E uos e uossos sussessores deuedes arronper e fazer vinhas e Oliuãães aly hu ffor mester. E nõ deuedes criar no dito Casal nẽ hũu filho dalgo sem nosso mandado. E ss uos quizerdes vender o dito Casal ou parte delle deuedes lo vender a nos e aos nossos sussessores ante que a outren tanto por tanto se o nos quizermos conprar. E sse o nos nõ quizermos conprar uos nõ deuedes el vender a dona nen a Caualeyro nen a Ordem nen a mouro nen a judeu nen a uoençal del Rey nen de Raya nen a homen mays poderosso ca nos mays deuedes el uender aa tal pessoa que a nos seia obediente e nos façam os ditos fforos en cada hũu ano ben e conpridamente. E a parte que contra esto uéér per ssy ou per outren en parte ou en todo peyte aa outra parte conprinte e aguardante as ditas cousas Çem libras en nome de pea e todauya estar este nosso feito en sa firmidoem e ualer pera todo senpre. Eu sobredito Martin ffernandes reçebo o dito Casal so as ditas condições e obrigome por mjn e pola dita mha molher e per todos nossos sussessores aas conprir e aguardar per todos nossos bẽes auudos e por auer so a dita pea. En testemuynho destas cousas sobreditas fezemos ante nos fazer duas cartas dũu teor per mãao dAffonso Dominguiz Tabelliõ de Santaren das quaes cada hũa de nos partes deue teer hũu. Feito ffoy en Santaren en cas do dito Ayras Martinz vinte e sete dias de Dezenbro. Era de Mill e trezentos e sesseenta e cinque anos. Os presentes forom ffrancisco Martinz Tabelliõ. Johã Martinz seu filho. Lourenço ffernan-

des irmão do dito Martin Fernandiz. Johã Lourenço. Airas Lourenço e Gil Esteuez escudeyros do dito Airas Martinz. Eu Affomso Dominguiz publico Tabelliõ de Santaren a estas cousas presente ffuy e a rrogo das ditas partes duas cartas dũu teor ende screuy e en cada hũa dellas este meu sinal pugy.

A qual carta assy mostrada e leuda e pobricada per ante o dito aluazil Gil uaasquis Leitom escudeyro morador e vezinho de Santaren pediu ao dito aluazil que de ssa outoridade ordynhayra mandasse a mjn dito Tabelliõ que lhy desse o teor da dita carta en pubrica forma so meu sinal. E o dito aluazil lho mandou dar. Feyto foy en Santaren no dito logo noue dias de Julho. Era de Mill e trezentos e outeenta e hũu anos. Testemu-Vaasco Mãrtinz. Steuã Uicente tabelliões. Johã Gil mercador e Pero Anes uogado e outros. E eu Vicente rodrigiz scriuam jurado per El Rey dado Affomso Domingiz Tabelliõ cõ el e cõ as ditas testemunhas a esto presente fuy e este stormento per seu mando screuy.

Eu Affonso Domingiz Tabelliõ sobredito a esto presente ffuy e pugy meu si + nal.

Pagou doze soldos.

Nas costas: Scriptura de Villa Chãa donde procedeo e quẽ foy Señor dela e como foy vendida. Foy feita na de mil iii.c lxv anos. Aires Martinz a Martím Fernandez.

Id.—Este pergaminho he bom para se saber de quem foi Villa Chãa e porque se vendeo que a comprou Gil Uas Leitão en prassa, anno de 1365 [1].

XXI

8 de maio de 1370

Dom Fernando pela graça de deos Rey de Portugal e do Algarue. A uos Diego Gil meu vassallo e Corregedor por mjn en Santarem e en seu termho e a todos as outras mhas Justiças e Apuradores das cõpanhas do meu Senhorio que am dhijr en meu seruiço aa fronteyra que esta carta virdes saude. Sabede que a abbadessa e Conuento do Moesteyro de sancta Clara dessa vila de Santarem me envyaram dizer que elas teem duas

[1] Caixa 112 da Collecção Especial.

quintaas. A hũa en Monte Junto. E a outra a par da Romeeyra de que am seu mantymento. E que en cada hũa das ditas quintaas teem senhos homẽes que lhas am de véér e procurar e mynstrar. E que outrosy téém en essa vila de Santarem dous homẽes que lhjs procuram e Requerem aquello que am en Santarem e en seu termho. E dizem que ora lhjs cõstrangedes esses homẽes que váám aa fronteyra. Pola qual Razõ se lhjs segueria grande perda e dãpno. E pedijrome sobrello merçee. E eu veendo o que me Pidiam e querendolhjs fazer graça e merçéé Tenho por bem e Mandouos que lhjs nõ cõstrengedes esses ditos homẽes que esteuerem nas ditas suas quintáás que seia hũu Caséeyro en cahũa quintáá e mays nõ. Outro ssy nõ lhjs cõstrengades os outros ditos homẽes que lhys Requerem e procuram aquelo que elas am essa vila de Santarem e en seu termho que váám seruir aa fronteyra nẽ a outros logares en quanto assy os sobreditos ouuerem de véér procurar e Requerer essas quintáás e aquelo que assy am en Santarem e en seu termho como dito he. E elas digam per ante uos os nomes desses homẽes e fazedeos escreuer no liuro dalgũu tabelliom de cada hũu desses logares pera se en elo nõ fazer outra malicia e engano con entendjmento que nehũu dos sobreditos homẽes nõ seia daqueles que am quantya pera téér Cauallo, nẽ seia béestejro do Comto. Unde al nõ façades. E as ditas Abbadessa e Convento do dito Moesteiro de Santa Clara tenhã esta carta. Dante en Santarem oyto dias de Mayo. El Rey o mãdou per Fernam Martjnz e Rodrigo Esteuez seus vassalos. Váásqueanes a fez. Era de mil e quatrocentos e oyto anos. = Fernandus Martinj [1].

XXII

Sem data

Noticia Ementa et Memoriale de hereditatibus possessionibus terris cultis et incultis domibus Molendinis et de omnibusque Monasterium alcobacie habet in villa de Riuuolo maiori et in terminis suis.

---

[1] Archivo Nacional—Cartorio de Santa Clara de Santarém, maço 1, pergaminho 24. Embora este documento não diga respeito a João Martins, em virtude da sua curiosidade fica registado aqui.

It. in alia parte Monasterium alcobatie debet habere quartam partem de hereditatibus vineis domibus et omnibus aliis que fuerunt Martini suerii trobatoris in villa in terminis de Riuuolo maiori. (ex parte Martini suerii trobadoris).

It. Monasterium alcobacie habet ad portam de rippa frigida mediatem unius hereditatis sicut diuiditur cum decano et Martino Dade.

It. In primis Monasterium alcobacie debet habere de hereditate de Mata quartam partem.

It. In varzena de Mata vnam quairelam quomodo iacet et partit cum Petro Fernandi. Monasterium alcobacie debet habere quartam partem.

It. de alia quairela de bacellis Monasterium debet habere quartam partem.

It. de alia quairela de mentrestal Monasterium alcobacie debet habere quartam partem ultra fluuium contra Sanctaren.

It. de alia quairela de carualial Monasterium alcobacie debet habere quartam partem.

It. de alia quairela de carualial Monasterium alcobacie debet habere quartam partem (*bis*).

It. in ipso loco aliam quairelam de qua Monasterium alcobacie debet habere quartam partem.

It. in ipso loco ultra fluuium contra sanctaren aliam quairelam de qua Monasterium alcobacie debet habere quartam partem.

It de Molendino de barrocha cum suo resyo Monasterium Alcobacie (etc.).

It. de quairela de Mola Monasterium alcobacie (etc.).

It. de quairela de lacuna Monasterium alcobacie (etc.).

It. de quairela de Molendinis de plano Monasterium alc. (etc.).

It. de quairela ubi dicitur herie uetule (etc.).

It in almonia Doni honorici vnam quarelam inter nos et S. Maconẽ.

It. ad pontem ecclesie quartam de una almonia [1].

---

[1] Caixa 81 da Collecção Especial, 1.º maço.

TURQUEL FOLKLORICO [1]

Usos e costumes

I—Actos do culto

Natal, Ano-bom e Reis.—Em a noite de Natal, a missa-do-gallo é, de ordinário, muito concorrida, figurando entre os assistentes numerosa pequenada, que vae admirar um antigo e curioso presépio, cheio de anachronismos.

Depois da missa, o celebrante dá a beijar ao povo, nua e deitada em exígua manjadoira, uma imagemzinha do Menino Jesus.

Tambêm nos dias de Anno-bom e de Reis elle dá o Menino a beijar; mas então a imagem, mais crescidinha, está já vestida e de pé.

Quaresma.—Durante a quaresma—quadra penitencial em que é de uso manter uma certa compostura—não se fazem bailaricos, não se cantam nem se tocam profanidades, evitam-se públicas e ruidosas demonstrações de regozijo.

Na matriz, ou em alguma capella pública, reza-se todas as noites o têrço; e em alguns lugarejos faz-se igual devoção em casos particulares, acorrendo ahi a vizinhança. Quem não póde ir assistir a essa prálica reza no próprio domicílio, e, de ordinário, a um canto da lareira, as suas contas:—têrço, coroa ou rosário.

Aos domingos ha prédica na igreja parochial, depois da missa.

Subido ao púlpito, o prègador canta o *Bemdito*, alternando com o povo, e começa depois o sermão,—um sermão penitencial, accommodado ás circumstâncias, e em que elle procura illuminar os entendimentos e, sobretudo, commover os corações de seus ouvintes.

Este último empenho frequentemente o realiza (testemunham-no o chôro, por vezes bem nutrido, da parte feminina do auditório, e o ar compungido de alguns homens); e para isso,

---

[1] Vid. *Revista Lusitana*, XX, 54 ss.

além dos motivos oratórios, lança habitualmente mão d'um velho *truc* [1].

Após uma excitação aggressiva dos affectos, o prègador, que pintara vivamente a hediondez do peccado e fizera entrever os rigores do castigo, proclama, emfim, o valor do arrependimento, que desarma a justiça divina. Porque Deus é bom, porque Deus é pae;—não quer Elle a morte do peccador, senão que se converta e viva: e neste passo—«*Apparecei, Senhor!*»—fendem-se as cortinas que velavam a tribuna do altar-mór e apparece um chagado crucifixo. O prègador, se é hábil, attinge, no lance, o ambicionado pathético, e conclue então prestes o seu discurso no meio da commoção geral, bem impressa ainda nos semblantes.

Como remate batem-se as temporas [2], enxugam-se as lágrimas, sossegam-se os peitos, e, num côro colossal composto de mil vozes potentes, a multidão, alternando com o prègador canta com desafôgo:

Senhor Deus: misericórdia!

Virgem Mãe de Deus e Mãe nossa: alcançae-nos de vosso amado Filho misericórdia!

Por occasião dos officios da Semana Santa, a coxia da igreja era noutro tempo sempre juncada, isto é, atapetada de junco verde, ao qual se ajuntava ordináriamente espadana, alecrim e rosmaninho.—Os habitantes dos casaes espalham ainda hoje fôlhas de abrótea á entrada das portas, quando hajam de receber a visita de boas-festas que o párocho lhes costuma fazer pela Páschoa.

Ascensão.—Na quinta-feira da Ascensão, muitas crianças levam á paróchia açafates de flores, que alguns indivíduos, durante a solemnização da *hora* [3]. espalham pela egreja.

Festa de Santo António [4].—Promove a realização da festa um grupo de indivíduos com especializadas funcções, e que se compõe de *juiz, juíza, procuradores, enfeitadeiras* e, ás vezes, *mordomos*.

O juiz superintende em tudo que á festa diz respeito, e tem quatro ou seis mandatários,—os procuradores.

---

[1] Cumprê-me registar que d'esse artifício nunca o actual párocho se valeu.

[2] É uma forma de exteriorizar a compuncção. Familiarmente, o povo costuma bater na própria face, ás vezes na cabeça, como demonstração de pesar.

[3] A hora de Noa, uma das sete do officio divino.

[4] Como esta, á parte leves differenças de cerimonial, se celebram aqui as demais festas de santos.

A juíza dá a fogaça, que consiste num taboleiro de bolos, enfeitados, ás vezes, de cravos; não raro, porêm, exhibe essa fogaça fórmas algo caprichosas, como, por exemplo, um açafate com uma grande garrafa de vinho circumdada de filhós ou coscorões, e ostentando sôbre a rôlha uma laranja circularmente guarnecida de moedas de prata.

São duas as enfeitadeiras, a saber: uma *procuradora* e uma *thesoureira*. Aquella trata de obter, por empréstimo, cordões de oiro e outras jóias, fitas, etc., de que a segunda toma conta, cumprindo a ambas ataviar a imagem do Santo e seu andor, sempre que ella haja de sair em procissão.

As mordomas, que são em número indeterminado, dão uma offerta a seu talante: filhós ou farófias, pão-de-ló, bolos, frutas, etc.

Aos procuradores compete fazer o peditório para as despesas da festividade; e no desempenho d'essa obrigação tomam elles opportunamente a bandeira do Santo e percorrem, com ella, toda a frèguesia (ás vezes, tambêm as circumvizinhas), munidos de alforge para o grão, espêto para a carne e uma canna fendida para o linho [1]. Após o recebimento de cada esmola exôra um d'elles, dando a bandeira a beijar: *Santo António lhe accrescente o que fica*, ou *Santo António lhe accrescente os bens e a saúde*, ou *Santo António o livre de tentações*, etc.

Na véspera do dia do Santo, á noite, fazem esses procuradores, sob a direcção do juiz, três grandes fogueiras de alecrim, que vão buscar á serra: a primeira—a maior—ao pé da capella do Santo (entretanto deitam-se foguetes, bichas e bombas, tange-se gaita de folle [quando não ha outra música] e toca-se a sineta); a segunda, junto á residência parochial; e a última, á porta da juíza, que lhes serve, na ocasião, um beberete.

Na manhã do dia da festa, o juiz e demais festeiros, acompanhados d'um gaiteiro ou d'uma philarmónica, fazem o peditório na *villa* [2] e proximidades, depois do quê vão buscar ou esperar a juíza, que acompanham á igreja, assim dispostos: adiante, o gaiteiro; atrás do gaiteiro, o juiz, empunhando a bandeira; seguidamente, os procuradores com a fogaça; e na rectaguarda, a juíza e seu séquito. Havendo philarmónica, esta vae no coice.

Segue-se a missa, que é a instrumental ou tão sómente can-

---

[1] Dinheiro, poucos o offerecêm.

[2] A povoação de Turquel ainda aqui não perdeu a antiga designação de *villa*.

tada. Neste último caso, á *Elevação* e ao *Agnus Dei* executa o gaiteiro, independentemente do que no côro a esse tempo se canta, umas melodias tradicionaes.

Depois da missa sae a procissão, com seus andores, cruzes, bandeiras, ás vezes anjos, tudo precedido pelo fogueteiro e seu ajudante, que vão na frente, e pelo gaiteiro, que segue atrás do fogueteiro e adiante do guião, tocando modilhos apropriados [1].

Á tardinha ou á noite, isto é, concluída a venda das fogaças, que são rifadas ou leiloadas, vão os festeiros cumprimentar, em suas casas, a nova juíza e o novo juiz, entregam a este a bandeira, deitam ahi alguns foguetes [2]: e assim termina a festividade, deixando, talvez, em muitas saudosas recordações.

Santa Suzana.—É invocada nesta região como advogada dos bois [3]. Ha cêrca de quarenta annos que se lhe faz aqui a sua festa com grande luzimento, graças principalmente aos donativos dos lavradores d'essa frèguesia e circonvizinhas.

Em tempo, os bois iam á igreja, levando em saccos, sôbre o dorso, esses donativos.

Procissões.—As festas de santos são quasi sempre seguidas de procissões, que não differem muito d'aquella a que me referi acima. (Veja *Festa de Santo António*).

Quando, pela semana-santa, se celebravam os respectivos officios, no fim do de quinta-feira [4], isto é, alta noite, saía illuminada por archotes, a chamada *procissão dos ferrolhos* [5], composta e acompanhada só por homens. Os da frente levavam grandes painéis e iam cantando o *Bemdito;* atrás seguia um crucifixo, entoando-se ahi a ladaínha de Todos-os-Santos.—Esta

---

[1] Não ha ainda muitos annos, as ruas por onde houvesse de passar uma procissão eram varridas e atapetadas de verdura (murta, loiro, etc.).

[2] Nestas festas faz-se grande consumo de foguetes. Deitam-se foguetes (alternados, ás vezes, com morteiros) ao toque das Ave-Marias da tarde, na véspera, e, no dia da festa, ao toque das da manhã; quando se anda fazendo o peditório; ao acompanhar a juíza á igreja; durante a procissão; durante o percurso que a música costuma fazer pelas ruas da villa; etc.—Ha também o uso de presentear com foguetes as pessoas que dão esmolas mais avultadas, os procuradores, as enfeitadeiras e o juizado do anno futuro.

[3] O invocarem aqui Santa Suzana como protectora do gado bovino, provêm da circumstância meramente fortuita de se haver localizado a grande feira do Landal junto d'uma sua ermida. O agiológio é estranho a esse patronato.

[4] Sexta-feira segundo os judeus, cujo dia civil começava ao pôr do sol.

[5] Assim chamada porque, em antigos tempos, era costume irem na frente alguns individuos que batiam ás portas para despertar os dorminhocos, incitando-os a chegar ás janellas.—Foi ha poucos annos supprimida essa procissão.

procissão estranha, algo tumultuária, evocava um pouco a perturbação dos fiéis ao tempo da paixão de Christo.

Na procissão do Entêrro, em sexta-feira mór, figurava, em tempo, a *Padeirinha*, que exhibia, a espaços, a Verónica e cantava: *O vos omnes*... Iam também muitos anjinhos com os instrumentos da paixão.—Durante a parochialidade de Fr. António Gaspar Borges [1], além da Padeirinha (*Verónica* lhe chamavam também), entravam nessa procissão várias personagens biblicas: Adão e Eva, Abrahão e seu filho Isaac, o rei David, as três Marias [2], que iam cantando: *Heu, heu, Domine*, e ás quaes, por isso, o povo chamava as *Marias do Bèú*, etc.

O préstito que percorre a povoação de Turquel nos três dias das Rogações [3], estaciona successivamente junto d'umas cruzes de pedra que a vizinhança, nesses dias, cobre litteralmente de flores.—Outr'ora esse préstito perfazia longo giro, e visitava as capellas—da Granja (a 1 kilómetro da villa), do Silval (a 3 kilómetros) e de Val-de-Ventos (a 5 kilómetros).

Em annos de grande sêcca, além das ordinárias preces *ad petendam pluviam*, fazem-se, ás vezes, procissões de penitência, que são extraordináriamente concorridas, havendo sermões em determinados pontos do itinerário. A imagem do Senhor do Hospital sae nessas occasiões, excepcionalmente; conduzem-na alguns homens robustos, que se vão revezando. O traje de rigor, para os que levam insígnias, é capa preta com capuz, que então se deve levar na cabeça.

Promessas.—Em suas tribulações e angústias, muitas pessoas fazem votos a Deus, á Virgem, aos Santos, e, em certos casos restrictos, ás Bemditas Almas,—votos que, attendidos seus rogos, ellas tratam de cumprir na primeira opportunidade, transferindo, comtudo, a seus herdeiros os respectivos encargos, quando d'elles não puderam desempenhar-se.

Muitos d'esses votos consistem em missas, sermões e offerendas.

Devotos ha que promettem dar uma fogaça ou uma vigília (veja *Vigília*); assistir á missa com uma vela accesa na mão; pedir ao povo, na igreja e durante esse acto cultual, um Padre Nosso e uma Ave-Maria, ou uma Salve-Rainha, por alguma intenção par-

---

[1] Meados do século passado.

[2] Maria Magdalena, Maria Cléophas e Maria Salomé (ou tão sómente Salomé). *Math.*, XXVII, 56; *Marc.*, XV, 40).

[3] *Ladainhas de maio* lhes chama o povo, por cairem quasi sempre neste mês.

ticular; pesar-se a trigo numa capella ou sanctuário, deixando ahi esse trigo como offerenda; etc. [1].

Ha promessas cujo cumprimento consiste num acto penitencial; taes são: jejuar a pão e água; percorrer, de joelhos, uma igreja ou o seu ádito; mendigar, pelas portas, até obter a quantia necessária para mandar dizer uma missa ou prègar um sermão; visitar um templo distante, ás vezes fazendo o percurso a pé e descalço; etc.

Outr'ora havia pessoas que, por ignorados motivos, se impunham a estranha penitência de subir, alta noite, a um ermo cabeço, e d'ahi, em bradadas vozes que se ouviam num largo circuito, *ementar as almas*, isto é, angariar-lhes suffrágios.—De ordinário, os nomes d'essas pessoas ficavam ignorados.

Vigilias e offerendas.—Era de uso, antigamente, tomar nas igrejas, qualquer collação durante as representações com que então se celebravam as vigílias de certas solemnidades. D'essa costumeira, que várias leis civis e eclesiásticas expressamente prohibiram, ainda por aqui subsistem uns restos,—as *vigílias*.

Uma vigília, actualmente, consiste na distribuição de pequenas merendeiras, feita numa igreja ou capella e em honra d'um santo, cumprindo a cada um dos contemplados rezar, segundo a intenção dos offerentes, um Padre-Nosso e uma Ave-Maria, ou uma Salve-Rainha.

As merendeiras são de milho, ou de farinha meada milho e trigo), com mel e erva doce.

Nos domingos e demais dias santificados affluem á matriz e á capella do Senhor do Hospital várias offerendas, as quaes são ordináriamente vendidas a lanço, pelas ruas, á saída da missa.

Segundo as épochas do anno, esses donativos, offerecidos o mais das vezes ao Senhor Jesus, A Nossa Senhora ou ás Almas, constam de lombos de porco, nacos de toicinho, chouriços ou morcellas, leitões, frangos, cabritos, velos de lã, estrigas de linho, favas e ervilhas verdes, patarecos, abóboras, couves ou repolhos, mólhos de nabos, cabazes de fruta, cestas de batatas, almotolias de azeite, cereaes (trigo ou milho), etc.

A alguns santos são tambêm offerecidos ex-votos (figuras de

---

[1] Certos votos revelam grande simpleza; assim, a S. João Baptista, advogado contra as dores de cabeça, promettem alguns seus devotos *chapelladas* de trigo ou de milho. A Santa Martha de Minde offereceu uma vez um serrenho as suas botas cheias de trigo, por o haver livrado dos callos!

cera, mortalhas, tranças de cabello), flores, fitas, joias e bastantes velas de cera, que ardem em dias festivos, ás vezes em grande número, diante de suas imagens.

Vária.—Alêm das apontadas, muitas outras práticas se notam por aqui entre o povo; taes são:

Benzer-se ao ouvir algum caso tétrico.

Depois de se benzer, beijar o pollegar.

Rezar o *Credo* em cruz, isto é recitá-lo fazendo ao mesmo tempo, com o pollegar, cruzes no peito [1].

No fim de um sermão penitencial, bater na face.

Rezar a estação ao Santíssimo com os braços um pouco abertos, isto é, em attitude de *orante*.

Trazer ao pescoço, por baixo do vestuário, uma medalha, uma cruz, uma nómina ou umas contas [2].

Trazer na lapela uma *medida*, ou um registozinho encaixilhado, da Senhora da Nazareth.

Ao pronuciar o nome de *Deus*, ajuntar: *Nosso Senhor*.

Descobrir-se ao pronunciar ou ouvir pronunciar a expressão: *Santíssimo Sacramento;* ao toque dos sinos quando annunciam o *levantar a Deus* (elevação eucharística); ao rebombo d'uma forte trovoada; ao lançar á terra o trigo da semente; etc.

Rezar uma Salve-Rainha ao avistar, de alguma eminência, o templo da Nazareth [3].

Por occasião de trovoada, rezar a oração de Santa Bárbara e S. Jerónymo; pôr sôbre brasas um pedacinho do madeiro do Natal; queimar umas fôlhas de palmito bento; accender um dos côtos que arderam aos lados do sacrário, no dia da Ascensão.

Proferir a fórmula: *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!* para intimar a operários ruraes a hora das refeições. Aquelles rematam: *Para sempre. Amen.*

Para despegarem, propor aos mesmos operários, á noite: *Rezem por as almas!* ou: *Rezem uma Salve-Rainha!* (aos sábbados).

---

[1] Ha quem o rezê três vezes seguidamente, fazendo a primeira vez cruzes na testa, a segunda na bocca e a terceira no peito.

[2] Estas, de ordinário, trazem-se na algibeiro, e são como um talisman de que raro se prescinde ao fazer alguma longa jornada.

[3] As cruzes de pedra erectas na serra de Albardos e em sitios d'onde se avista a Nazareth, são monumentos votivos.

II.—Vida doméstica e social

A mulher na familia.—No campo, a mulher, relativamente ao consorte, não é só uma companheira dedicada, é tambêm uma prestimosa collaboradora. Para os camponeses, constituir família é subpor-se a um jugo em que marido e mulher cooperam harmónicamente, trabalhando solícitos, cada um em sua esphera, para a prosperidade e relativa independência do casal [1].

Em geral, a mulher faz todo o serviço doméstico: asseia a casa, prepara as refeições, coze o pão, lava a roupa, cria os filhos. A capoeira e a córte dos suínos estão tambêm a seu cargo [2].

Muitas trabalham a roupa branca da família e o seu próprio vestuário; fazem meia, renda e *crochet;* algumas ainda hoje, como todas antigamente o faziam, fiam o linho de seus linhares e a lã de seus rebanhos como preparo para o fabrico das teias com que, anno a anno, vão accrescendo o seu modesto bragal [3].

O fabrico do pão.—Todas as operações concernentes ao fabrico do pão, desde a peneiração da farinha, a mulher as executa.

Ao concluir a amassadura, a mulher faz sôbre ella uma cruz, premendo-a com a mão direita posta de cutello, e profere alguma d'estas fórmulas:

San-Mamede [4] te levede,
San-Vicente te accrescente,
San-João te faça bom pão.

San-Bento e San-Vicente te accrescente,
Para sustento d'esta gente.

Deus te accrescente,
Para amparo da minha gente.

Deus te ponha a virtude,
Que eu já fiz o que pude.

---

[1] Empregando expressões populares, diriamos: *é preciso que elles, um ao outro, se ajudem a levar o barco; mal vae á casa quando a canga, d'um lado, vae de rojo.*

[2] O ganho, resultante da creação de gallinhas, reserva-o a mulher para os seus alfinetes. Afora esta restricção, olha-se como mo mal governada a casa em que ha *duas tôlsas.*

[3] Esse bragal costumam algumas perfumá-lo, introduzindo na arca da roupa alfazema, mangerico, trevo, cevada da Índia, etc.

[4] Em vez de *San-Mamede* dizem algumas *San-Bernardo.*

Em geral, na aldeia come-se broa; comtudo, após a colheita dos cereaes de pragana e em quanto não ha milho novo, faz-se, ás vezes, *pão de toda a farinha* (farinha de trigo não espoada), *pão de segunda* (trigo moído na mó segundeira) e *pão de mistura* (trigo e cevada *idem*, em proporções variáveis). Cevada estreme, poucas vezes a panificam.

Quanto ao *pão alvo*, esse só em algum dia festivo apparece nas mesas rústicas.

O pão — «pão de Deus», lhe chama ás vezes o povo carinhosamente — é objecto d'uma espécie de culto. Quando cae ao chão, tomam-no e beijam-no. Pisá-lo, seria quasi um sacrilegio.

Alimentação. — No campo é costume tomar diáriamente três refeições: o almôço, cêrca das oito horas, o jantar, ao meio-dia, e a ceia, ao regressar do trabalho, isto é, pouco depois do escurecer. No verão, algumas pessoas merendam tambêm, ahi por meia tarde.

Os camponeses deitam-se cedo e erguem-se tambem cedo. No tempo da azeitona, as mulheres que se empregam na colheita d'esse valioso fruto levamtam-se de madrugada para fazer o almôço, que todos comem antes de ir para o olival. Ao jantar contentam-se com pão e peixe, pão e azeitonas ou outra leve comida, que levam em saquitéis, e só á noite tornam a servir-se de alimento cozinhado.

Os jornaleiros, quando trabalham longe de casa, tambêm só duas vezes se servem de comida feita: ao meio dia e á noite. O jantar, levam-lh'o suas mulheres; para o almôço munem-se elles quasi sempre d'um pedaço de broa e dois ou três peixinhos, que assam na occasião [1].

Na quadra própria, figos com pão (broa) colhidos directamente na árvore constituem, para muitos, um bom almôço, agradável e nutriente.

É o peixe miúdo, — carapau ou sardinha sêca [2] — um dos conductos de mais repetido emprêgo entre aldeões. Para o adquirir e prover a outros arranjos, aos domingos vae habitualmente a Alcobaça uma pessoa da família, a qual, se na occasião carece de dinheiro, leva, para o obter, um taleigo de grão ou uma medida de legumes, que vende na praça.

---

[1] Mesmo ao jantar não comem alguns senão pão e peixe; alguns tenho eu visto que apenas comem pão sêcco, que muito demoradamente vão rilhando, ingerindo de quando em vez uns goles de água.

[2] Quando novo é de boa qualidade, é bastante apreciado o carapau sêcco da Nazareth, preferindo-o muitos ao melhor bacalhau.

Por via de regra, o dinheiro não abunda na casa do pequeno agricultor; tendo-a elle, porêm, recheada de productos, não soffre mingua: — «oiro é o que oiro vale». — D'esses productos estão em primeiro plano o trigo e o milho. Com este se sustenta o agricultor e família; o trigo, esse reserva-o, — é o seu numerário.

Uma refeição consta, trivialmente, d'um só prato: *misturadas*, por exemplo [2]; ás vezes, porêm, accresce a esse prato algum adminículo, á guisa de sobremesa: carapaus ou outro peixe miúdo, queijo, azeitonas, etc. Tudo isso acompanhado da competente broa, e tambêm d'uma pinga, quando a ha.

Ordináriamente, é na cozinha que se tomam as refeições. Ahi, sôbre uma tripeça ou mesita de pernas baixas situada junto á chaminé, ás vezes sôbre a lareira, se colloca, cheio de comida, um tigelão ou pratalhaz d'onde todos se servem directamente. Pratos pequenos são dispensáveis. Havendo pinga (vinho, mistura ou água-pé), bebem todos da mesma caneca, que gira de mão em mão.

Para os camponeses, a mesa posta, isto é, coberta com sua toalha e provida de alimentos, é um como altar a que elles tributam certa reverência. Quando a ella se sentam, descobrem-se; voltados para ella dão, ao levantar, graças a Deus. Se, por necessidade, têm de fazer ahi alguma referência menos decorosa, ajuntam sempre: «com perdão da *menza*».

Depois de darem graças, os mais novos pedem a bênção, não apenas a seus naturaes superiores, mas a todos em geral, ou, pelo menos, *a quem é mais velho*.

Em geral, o nosso camponês é bastante sóbrio; ha, porêm, circunstâncias em que elle sae um pouco da sua estreiteza habitual. Assim, pelo Entrudo (de domingo a têrça-feira gorda) só algum indigente deixará de abastecer a sua mesa de, pelo menos, pão, carne e vinho. Commummente, a carne é de porco, salgada ou fumada, costumando alguns reservar os chispes para esses dias de comezana.

Em a noite de-Natal e antes da missa-do-gallo é da praxe fazer filhós, — frituras essas muito do agrado dos trabalhadores. Tambêm as fazem no dia da Senhora das Candeias (a 2 de fevereiro), em virtude d'uma superstição a que na secção competente me refiro, — parecendo que numa superstição igualmente

---

[1] Hortaliça com legumes seccos, — quasi sempre couves e feijão branco

se funda a prática de, pelo Natal, collocar um madeiro atrás do lume para ahi lhe ir servindo de pábulo até os Reis.

No inverno — ahi por dezembro ou janeiro — é que se effectua a matança dos porcos, sendo olhados como de festa... e de lambança esses dias, em que é costume banquetear amigos e parentes, e brindar os vizinhos com alguns boccados de carne fresca, que elles, por igual fórma, opportunamente retribuem.

Para os camponeses, a salgadeira e o fumeiro supprem o talho; ahi armazenam elles carne para todo o anno.

Em geral, considera-se remediada a família que mata porco e não compra pão, isto é, que o tem de sua lavra.

Datas memoráveis. — Referir-me-ei aqui tão sómente aos *bàtizados*, *casamentos* e *enterros*, que são uns como marcos miliários da vida familiar.

*

Uma criança bàtiza-se aos oito dias de idade pouco mais ou menos.

É um dia de festa, o do bàtizado, e para ella se convidam ás vezes, além de padrinho e madrinha, parentes, amigos e vizinhança. Anima-a, quasi sempre o estralejar de alguns foguetes.

O nome do primogénito apontava-o, em tempo, este dictado:

O primeiro filho que Deus te der,
Ou Maria ou Manuel.

Hoje, raros attendem essa indicação.

*

Os casamentos celebram-se quasi sempre á quarta-feira, muitas vezes ao sábbado; nunca á têrça nem á sexta feira.

Em regra, os esposados vão viver em casa própria, que elle manda construir, e que a noiva, como appêndice ao enxoval, provê de mobília e utensílios.

Antes de se matrimoniarem, os nubentes confessam-se, commungam, e fazem o seu exame de doutrina christã.

Na manhã do dia das núpcias, o noivo, seus padrinhos e — se é de estrondo o casamento — grande séquito de convidados, vão buscar a noiva a casa de seus paes, e ahi almoçam. Â saída pede ella a bênção a sua mãe e despede-se, lacrimosa, d'essa grande amiga, das pessoas do seu convívio, do ninho onde se criara. E partem d'ahi todos para a igreja. Noivo e noiva caminham respectivamente ladeados pelos seus paranymphos, que vão sempre munidos de confeitos para a rapaziada.

O alludido acto de ir buscar a noiva é sujeito a variantes. Em alguns povoados da região serrana procedia-se, não ha muitos annos, assim:—O noivo, acompanhado do seus, batia á porta. Perguntavam-lhe, de dentro, as madrinhas:

—Que vem buscar?

—Honra e brio.

—Entre, que tudo isso encontrará.

*

Nos Casaes Monizes (Alcobertas), quando batem á porta, o pae da noiva pergunta:

—Quem é?

—Gente de paz. Está cá...? (O nome da promettida).

—Não, senhor; foi para... (A fazenda que elle tenciona dar-lhe). Que é que vocemecê quer?

—Uma rosa em botão,
Criada no seu jardim,
Para ser minha esposa
Para sempre, sem fim [1].

A porta, então, abre-se, a noiva apparece, e juntos os de dentro com os de fóra, lá vão todos a caminho da igreja.

*

Noutro lugarejo da mesma serra, á chegada da comitiva a noiva recolhe-se com as madrinhas a um quarto escuro, sendo proposto ao noivo ir lá buscá-la. Este, annuíndo, entra no quarto, faz a destrinça por algum signal préviamente combinado, e sae para fóra com a sua dilecta. Mas,—pouco perceptível como ás vezes é esse signal—podem dar-se e têm-se, com effeito, dado alguns quiproquós, sendo muito de ver a cara do pobre noivo que, em vez da *pequena*, traz uma desajeitada velhota, perdida de riso.

Ao acto religioso segue-se o repique, o foguetório [2] e a saraivada dos confeitos. Esta repete-se, a intervallos, por todo o

---

[1] Esta, ou qualquer trova semelhante.

[2] Os aldeões deitam foguetes como demonstração de regosijo (*não ha festa sem foguetes*, segundo um ditado local), para annunciar partidas ou chegadas, ao concluir certos trabalhos, e também como aviso ou meio convocatório. Neste último caso, e tratando-se de coligação de fôrças, empregam preferentemente a buzina.

dia, havendo ás vezes entre padrinhos e madrinhas bem sustentadas refregas.

Encaminham-se todos, depois, a casa dos noivos, fechada nessa occasião. Quando chegam, a noiva, postada no limiar, dá ahi esta fala:—«*Tenho muito que agradecer aos meus padrinhos e ás minhas madrinhas, e a todas as mais pessoas que fizeram favor de me acompanhar da casa de meu pae até á igreja e da igreja até minha casa*». Depois, pegando na chave e abrindo a porta:—«*Façam favor de entrar*». E entra ella primeiro, seguindo-a toda a comitiva. É, como se vê, um acto ostensivamente possessório.

Á mesa, que já está posta, e é formada de tábuas móveis, os primeiros lugares são ao meio dos lados maiores do quadrilátero. Ahi se sentam os noivos, em frente um do outro; elle, entre seus padrinhos, e ella, no meio de suas madrinhas. Os outros lugares occupam-nos, indistinctamedte, os demais convivas.

Depois ha bailarico, aondo occorrem, mesmo sem convite, muitas pessoas que querem espairecer... e manducar, pois todos ahi são chamados, por turmas, á mesa do festim [1], e a todos é tambêm offerecido, pelo menos, um bôlo [2].

A noiva, essa recolhe ao quarto nupcial com suas madrinhas, e ahi recebe as pessoas que a vão felicitar.

O primeiro domingo depois dos dia das bodas é tambêm dia de festa. Os conjuges vão á missa acompanhados de seus padrinhos e convidados. Ao sair da igreja ha tiroteio de confeitos, e depois, em casa dos noivos, jantar, bailarico, etc., tudo como no dia do consórcio.

É este o dla das *folhadas*, que assim se chamam os presentes que aos noivos offerecem não só os que assistiram á funcção, mas tambêm aquelles a quem os recém-casados, directamente ou por interposta pessoa, brindaram com algum dos taes bolos [3].

*

Ha pouco mais de quarenta annos, os cadáveres de adultos amortalhavam-se num lençol, a que se sobrepunha, a modo de

---

[1] Quando, na occasião, outra comida não ha, é da praxe servir pão e nozes.

[2] São em fórma de ferradura, com seus cordões, estrellinhas e lacetes, os *bolos de noivo*, iguaes aos das fogaças offerecidas aos santos.

[3] As folhadas são umas em dinheiro e outras—mais frequentemente—em géneros: cereaes, legumes, etc.

escapulário, uma tira de panno preto, cruzada, ás vezes, á altura do peito por outra tira do mesmo estôfo.

Actualmente todos os defuntos são vestidos com o seu fato melhor, indo de mãos postas quando solteiros; se casados levam os dedos enclavinhados. Os viúvos, esses descansam os braços sôbre o peito, perpassando um pelo outro.

Na casa em que se dá algum óbito e em quanto a cadáver ahi está, nãa se accende lume; os parentes, porêm, do fallecido, ou os vizinhos, têm o cuidado de prover de comida a família anojada.

A um anjinho, quem o visita prega-lhe, como lembrança, um alfinete na mortalha.

Iniciando a época do luto, os homens deixam crescer a barba; as mulheres põem de parte as suas jóias. Tiram-se as campaínhas aos bois e os búzios aos moinhos de vento, se o fallecido era moleiro ou lavrador.

Civilidade aldeã (*praxes e fórmulas*). — Quem se propõe cumprimentar individualmente uma roda de pessoas, começa por aquella que, eventualmente, lhe fica á direita, e passa successivamente ás demais, sem interpolação [1]. E assim evita questões de precedência.

Esses cumprimentos fazem-nos alguns collectivamente, dirigindo-se, para isso, a alguma das pessoas do grupo, mais velha ou mais qualificada, e dizendo: — «*Adeus, sr. F. e mais a Companhia*».

Os cumprimentos individuaes obedecem a várias fórmulas. — «*Passou bem?*» — «*Eu bem; e tu?* — *Muito bem para servir a Deus e a vossemecê* [2]. = ¿ «*Como passa, e quanto lhe pertence?*» — «*Vamos indo*»; ou: «*Vamos passando como Deus é servido*»; ou: «*Melhor do que merecemos a Deus*».

Em geral, cortejam-se todas as pessoas que se encontram, ombora desconhecidas.

Em vez de *senhor F.* diz-se, ás vezes *tio F.*, com referência a alguma pessoa mais idosa ou mais considerada. Ha, porêm, lugares em que a gente moça dá o tratamento de *tio*, indistinctamente, a todo e qualquer adulto.

Os compadres, embora irmãos, nunca se tratam por *tu*. «*Senhor compadre*», *senhora comadre*», costumam, entre si, dizer.

---

[1] A mesma ordem se observa quando, em certos ajuntamentos, se faz uma distribuição de vinho, filhós, etc.

[2] Colhi esta fórmula na vizinha frèguesia do Vimeiro.

De manhãzinha, o cumprimento ordinário é este: «*Salve-os Deus*»; ou: «*Deus os salve*» [1].

Do nascer do sol ao meio-dia: — «*Bom dia*»; ou: «*Deus nos dê muito bom dia*».

Do meio-dia ao pôr do sol: — «*Boa tarde*»; etc.

Depois do sol-pôsto: — «*Boa noite*»; ou: «*Boa noite nos dê Deus*»; etc. [2].

Offerecendo a casa, diz-se: — «*Tire-se da rua. E servido do nosso pão?* — «*Obrigado; tantas vezes virei que enfadarei*».

Ao ver uma criança desenxovalhada: — «*Benza-te Deus; bons olhos te vejam*»; — *Deus lhe dê saúde* (a algum dos paes) *para ter bons gostos d'elle*»; — *Nossa Senhora lhe dê tão boa sorte como eu para mim desejo;* — *Deus lh'o deixe criar para bem*».

A quem anda trabalhando: — «*Deus o ajude*».

A um recêm-chegado: — «*Venha com Deus*».

A um passageiro: — «*Vá com Deus*»; e, ás vezes: — *Guarde-o Deus*»; ou: *Guarde Deus a vocemecê*» [3].

A quem parte para uma terra distante: — «*Deus o acompanhe*»; ou: «*Deus o encaminhe bem*».

«*Quer ir comigo?*» — é, segundo o povo, falar de dois entenderes, que póde significar: — *Leva-me a cavallo? permitte-me que eu monte?*» Deve, pois, dizer-se: — «*Quer ir em minha companhia?*» Ou então: «*Quer ir mais eu?*» [4].

Batendo-se a uma porta e perguntando alguêm de dentro: — «*Quem é?*» — responde-se: — «*Gente de paz*»; ou: «*Um seu criado*». Alguns dizem apenas: — «*Faz favor?*»

Quem, *máxime* em terra alheia, solicita d'um desconhecido qualquer informação, desbarreta-se préviamente [5].

Quem fala de porcos ou burros costuma, assim, desculpar-se: — «*com licença de vossemecê*»; «*falando mal e depressa...*»; etc.: — a não ser que em vez de *burro* diga *jumento* [6] ou *gerico*, e em vez de *porco* diga *chêno*, *marrão* ou *maltez de vista baixa*.

---

[1] Commummente, é, porque entre o povo, o pronome da 2.ª pessoa do plural caiu em desuso, emprega elle o da 1.ª, dizendo «*Deus nos salve*».

[2] Nestas fórmulas, as palavras *dia*, *tarde* e *noite* empregam-nas alguns no plural.

[3] As duas últimas fórmulas usam-se como cumprimento a pessoas desconhecidas *que passam* ou *que estão*.

[4] De um infante ou d'um adolescente também alguns estranham que se diga: — «*Está muito grande*» (grande bruto?.. grande animal?..) em vez de: «Está muito crescido».

[5] Pelo menos leva o barrete á nuca, ou levanta um pouco o chapéu acima da cabeça.

[6] Em geral, o povo diz *jimento*.

Mais justificadamente, quando, por necessidade, alguêm se refere a coisa indecorosa ou menos decente, ajunta sempre: — «*Com perdão de vossemecê;* — *da sua cara;* — *das suas barbas;* — *das suas barbas honradas*»; etc.

Quem fala d'um morto cuja memória lhe é querida, diz: — «*F., que Deus tem*»; — «*F., que Deus haja*». Alludindo a alguma das suas imperfeições, accrescenta, ás vezes: — «*Deus lhe perdoe!*».

Quando se interrompe alguêm que está falando, pede-se escusa: — «*Com perdão da sua fala*»; — «*Desculpe-me a sua palavra honrada*».

A pessoa a quem, numa taberna, servem um copo de vinho que pedira, pega nelle e, antes de beber, dirige-se, assim, a quem está: — «*Vossemecês são servidos?*» Ninguêm acceita: — «*Quem está na taberna, ou bebeu ou está para beber*», observam alguns; a falta, porêm, d'aquella attenção é sempre estranhada.

Quem, ahi, bebe d'um copo que lhe offerecem e vae passando de mão em mão, cumpre-lhe mandá-lo encher, quando vazio.

Quem acceita um copo de vinho que lhe é particularmente offerecido, diz, antes de beber: — «*Lá vae á sua saude*». — *Que lhe preste*»; ou: «*Bom proveito*» — torna o offerente.

Á mesa, sôbre falta de elegância, revela tambêm soffreguidão inclinar muito o corpo sôbre o prato. Neste, deixa-se sempre alguma comida.

Quem transporta fruta em cesto ou cabaz descoberto, obsequiosamente convida a que se sirvam todas as pessoas conhecidas que no caminho encontra. Estas, ás vezes, acceitam uma maçã, dois ou três figos, etc. Porque acceitar é cortesia, — diz o ditado.

Pequenos obséquios agradecem-se, geralmente, por esta fórma: — «*Muito obrigado, muito agradecido*»; — ou: «*Muito obrigado ao seu favor*». Resposta: — «*Não ha de quê*»; «*Nenja por isso*».

Fórmulas de despedida: — «*Tenham muito boa noite*»; «*Passem muito bem a noite*»; «*Até amanhã, se Deus quiser*».

Outras fórmulas: — «*Até outro dia*»; «*Fiquem-se com Deus*»: «*Passem muito bem*». — *Tenham muita saude*». — R.: *E vocemessê que veja*». — «*Viva muitos annos.*» — R.: «*E vocemecê que os*

---

[1] Variantes: — «*Para bem lhe preste*»; «*Que lhe faça bom proveito*».

conte». — «*Dê lá saudades a F.*». — R.: — «*Farei presente*»; ou: «*Estimará muito*»; ou: «*Serão entregues*».

O cabeçalho e o fêcho das cartas obedecem, com leves variantes, a êste modêlo: — «*Amigo F.: Muito estimarei que estas duas regras te vão achar de perfeita saúde em companhia de toda a tua família, pois a minha ao fazer d'esta é boa, graças a Deus.*

. . . . . .

Com isto não te enfado mais. Dá lá recommendações a F., F.,... e a quem por mim perguntar; e tu acceita muitas saudades de F. F.,... (toda a parentela e vizinhança); *e as minhas para comtigo só á vista terão fim. — D'este teu amigo que saúde te deseja por muitos annos e bons — F.* [1].

III — Usos agrários

Chronologia. — Para os camponeses ha, no anno, algumas épocas bem assignaladas; taes são: o S. João [2] (apresta-se tudo para a colheita dos cereaes de pragana), a Santa Suzana [3] (effectua-se a grande feira do Landal), as Festas [4] (assim se denominam, por antonomásia, as da Nazareth, que attraem enorme concorrência), o S. Miguel [5] (terminam, em regra, os arrendamentos de prédios rústicos e pagam-se as respectivas rendas), os Santos [6] (dá-se comêço ao apanho da azeitona) e o Natal [7] (finda o *mês morto* [dezembro] e começam os dias a crescer e a natureza a animar-se). — Frequentemente fazem tambêm referências ao *tempo da malva sêca* [8], ao *da vindima*, ao da azeitona; ao *anno da sêca* (?) ao *da cólera* [9]; ao *tempo dos Miguéis* [10], ao *tempo dos Moiros* [11], etc.

As phases da lua solicitam sempre, tambêm, a sua attenção.

---

[1] As cartas de namôro são ás vezes dobradas *em coração*, isto é, por uma fórma enxadrezada.

[2] A 24 de Junho.

[3] A 11 de Agosto.

[4] Começam a 8 de Setembro.

[5] A 30 de Setembro.

[6] A 1 de Novembro.

[7] A 25 de Dezembro.

[8] Nos fins do estio.

[9] 1856.

[10] O das lutas entre legitimistas e constitucionaes.

[11] A estes attribue o povo todas as construcções que apparentam grande vetustez.

Nellas se fundam algumas das suas predicções meteorológicas; por ellas, muita vez, se decidem quanto á opportunidade de certos trabalhos culturaes [1].

Pastoricia. — Os animaes domésticos são, em regra, pastoreados por crianças, que nisso se occupam desde os cinco ou seis até cêrca dos doze annos de idade.

Com excepção dos suínos, trazem ao pescoço, ás vezes, esses animaes, guisos, chocalhos, campaínhas, o que servia, noutro tempo, para afugentar os lobos, aqui, então, muito communs, — usando-se hoje para facilitar o encontro de animaes extraviados, e tambêm um pouco por garridice.

Ha uns trinta ou quarenta annos quasi todos os pastores tocavam *pifre* (pifaro), cuja embocadura era como a da flauta ou, mais raramente, como a do clarinete, tendo, porêm, em vez de palheta, uma apropriada bucha de madeira.

Esses *pifres*, de canna ou de sabugo, faziam-nos ás vezes, os próprios pastores, que facturavam tambêm outros instrumentos e grande variedade de brinquedos, taes como: gaitas de tubos (flautas de Pan), rouxinoes, assobios de canna, de casca de figueira ou de cúpulas de bolota, roncas de colmo ou caniço, chamadas tambêm, pipos, gallos de loiro, buzinas, espingardas de canna, estoques de sabugo, castanholas de canna e de raiz de oliveira, piões, pioas e balharotas, zoas, cigarras e corropios, moínhos de vento, *ândolas* (andas), *alfundas* (fundas) para atirar pedras, matracas de cardo penteador, carros de bugalhos ou de cortiça, arados e outras imitações de alfaias rústicas, etc.

Alguns fabricavam, de madeira, utensílios graciosos e pacientemente recortados, — rocas e suas agulhetas, sarilhos, bicos de escamisar, etc. — objectos estes que vão rareando e são hoje muito apreciados como elucidativos especimes de arte popular [2].

Costumam os pastores levar a tiracollo os seus farnéis, e tambêm, ás vezes, cabaças com água. Mas como, em geral, elles têm bom appetite, muitos por lá vão tambêm mandocando frutos silvestres, bulbos e outras producções vegetaes, como: bolotas, amoras de silva, abrunhos de balsa, pirlitos, murtinhos, pútegas, donzelhas, pés-de-burro, cogumelos, etc. Estes últimos, de que

---

[1] Observações dos camponeses, quanto ao plenilúnio: — Quando apparece a Lua no Oriente, ao mesmo tempo que o Sol desapparece no Occidente, é lua cheia. Se a Lua, ao nascer, avista o Sol, prestes a ocultar-se, a lua-cheia é no mar; mas se o Sol se esconde momentos antes de a Lua surgir, a lua-cheia é na serra. No primeiro caso sobrevirão humidades; no segundo, aguarde-se tempo sêcco.

[2] Veja *As rocas da minha terra* por M. Vieira Natividade — Alcobaça, 1908.

ha bastantes espécies venenosas, comem-nos elles assados, depois de muito bem espremidos, não havendo memória de alguêm haver sido aqui intoxicado pela sua ingestão.

Resta-me falar das ingénuas cantigas dos pastores de ovelhas, hoje quasi esquecidas em consequência da divisão dos terrenos do logradoiro comum, onde, não ha muitos anos ainda, numerosos rebanhos pastavam promíscuamente.

Mettendo o seu gado a caminho, aquelles pastores cantavam:

Ó lô, ó lô, ó lô;
Ó lô, ó lô, ó lô;

Encarreira, encarreira;
Leva Deus na deanteira,
Nossa Senhora no meio,
Santo António á trazeira.

Ó lô, ó lô, ó lô;
Ó lô, ó lô, ó lô.

Se algum dos rebanhos invadia uma seara, ao respectivo pastor dirigia algum dos outros, cantando, alguns d'estes remoques:

Rodela, rodela,
O meu gado na relva
E o alheio no pão;
Pastor que o guarda
É um grande ladrão.

Corta a foice, molha o dente,
Que o córte já vae rente;
O maroto, ó ladrão:
Olha o gado no pão.

Após o quê, rompiam todos em grita:

— Eh *repaz!* Olha esse gado!

Quando, para voltar ao curral, o pastor fazia a destrinça das suas ovelhas, cantava:

Aparta, aparta;
Estrema, estrema;
A minha é bonita,
A alheia é feia.

Depois, e a espaços, outras trovas se iam ouvindo; taes como:

Santo António de Lisboa,
San-João de Portugal:
Ajuntae o meu gadinho
E levae-m'o ao curral.

Ó lô, Milheirinha,
Ó lô, Cardeal,
Ó lô, p'ra o curral.

Ó lô, ó lô,
Eu p'ra casa vou;
Um boccadinho de pão
P'ra quem o ganhou.

Lavradores.—Inculcando a nobreza e isenção do lavrador, dizem os camponeses que em certos lances tem elle o direito de se apresentar a el-rei com as suas botas da lavoira ainda sujas de terra, e empunhando a arrelhada [1].

Jornaleiros [2].—Trabalham de sol a sol.

No tempo das sestas, que vão da segunda-feira da Paschoela ao dia 8 de Setembro, têm elles uma hora para o almôço (das 8 ás 9) e duas horas para o jantar [3] (do meio-dia ás 2); fóra d'esse período cabem-lhes só meia hora e uma hora, respectivamente, para as ditas refeições.

O salário d'um jornaleiro agrícola anda pelo valor de meio alqueire de milho [4]. E, porque a propósito vem, reproduzo aqui estes períodos das *Memorias de Turquel* acêrca da sua alimentação:

«Com a broa correspondente a *um alqueire de milho* e mais *meio litro de azeite* [5], sem outros adminículos, alimenta-se um trabalhador durante toda a semana (6 dias de trabalho e 1 de descanso).—É esta a *ração de trabalho* a que elle dá a preferência quando anda ao ganho por fóra da terra; comtudo ás vezes substitue o alqueire de milho por três quartas do mesmo e uma de legumes seccos, limitando-se a meio alqueire de pão quando dispõe de conductos variados [6]».

Manteias ou surribas.—Em cada fila de seis trabalhadores, e fazendo parte d'ella, ha um *mandador*.

Neste trabalho, os movimentos são isóchronos e simultâneos, bradando para isso o mandador as suas ordens numa toada monótona e plangente.

Compõem a fila três dextros e três canhos, estes empare-

---

[1] Vara de arrelhada, aguilhada.

[2] Nesta região, aos jornaleiros que trabalham a terra chamam *servos*, sobrevivência, talvez, dos antigos *servos da gleba*.—Bastantes mulheres aqui se empregam também em serviços agrícolas: mondas, sachas, ceifas, colheita de frutos, etc.

[3] D'estas duas horas tiram elles, ás vezes, meia hora para merendar, o que fazem ahi por meia tarde. Não se têm generalizado esta prática.

[4] Normalmente, os preços do milho e do trigo estão entre si como 1 está para 1 ½.

[5] São os únicos componentes da *miga fervida*, com muitos ganhões se alimentam durante semanas.

[6] Misturadas (feijão com hortaliça), peixe miúdo, azeitonas, etc.

lhados com os primeiros, para, ao limpar as valleiras, poderem unir as enxadas a duas e duas, o que facilita a operação.

Dando agora a significação dos termos agrícolas que com o caso se relacionam, direi que *mantear* é o mesmo que surribar. *Manta* é a alludida fila de seis obreiros, o sulco por elles aberto, e ainda a faixa comprehendida entre dois sulcos.—Numa fila, o primeiro lugar á direita é occupado pelo *mandador,* seguindo-se-lhe o da *chavelha;* o último é o da *rabeia.*

A sementeira do trigo.—Ao lançar o trigo á terra, o semeador descobre-se, o que se considera um acto de propiciação. «Deus lhe ponha a virtude!» ou «Fique por conta de Deus!» exora elle ordináriamente ao concluir o seu trabalho.—Se, a seu tempo, a seara se ostenta promettedora,—«Está que é um levantar as mãos ao Céu!»—observa religiosamente o agricultor.

A colheita da azeitona.—É em novembro que começa a colheita da azeitona, feita, em regra, por numerosos ranchos de homens e mulheres, governados por um capataz. Serve-se este, ordináriamente, d'um búzio para comandar a sua gente. Assim, o *leva-arriba*, a partida para o olival, o comêço e o fim da refeição que ahi tomam, á noite a retirada, tudo é ordenado a toques d'esse fragoroso instrumento.

Compõe-se o rancho de homens e mulheres, que, tendo almoçado em casa, se apresentam no olival ao sair do sol.

A cada varejada cabem duas apanhadeiras, incumbindo-se ás menos hábeis, ou a crianças, a cata das *arredias*,—azeitonas desgarradas por algum mais forte impulso do varejador.

Fazendo tambêm parte do rancho, nota-se ahi, ás vezes, o *paquete*,—um rapazinho lesto encarregado de *maquiar* as cestas das mulheres, isto é, de vasar amiúde o seu conteúdo num cesto grande, d'onde é opportunamente levado para o carro de bois.

Os ranchos azeitoneiros ou são da terra, ou de fóra. Neste último caso, o patrão dá-lhes *quartel*, isto é, casa onde se alojem, e tambêm *comedía*, que consiste em quatro decilitros de azeite e uma quarta de legumes seccos, por semana, a cada homem, e o equivalente a metade d'aquella ração a cada mulher.

Todos os dias, depois do jantar, se separam do rancho, para irem fazer a ceia commum, um homem e uma mulher. Ella prepara a refeição, e o homem faz-lhe as achegas, rachando lenha, acarretando água, etc.

No derradeiro dia de trabalho, fixado com alguma antecedência, encaminham-se todos do olival a casa do proprietário, levando á frente uma espaventosa bandeira guarnecida de ramos

de oliveira com suas azeitonas, e atroando tudo com os sons ensurdecedores de uma ou mais buzinas. Segue-se a *adiafa*, refeição ordináriamente composta de grãos com arroz, e onde nunca faltam as clássicas *filhoses*, rematando toda essa faina um animado bailarico.

Actos de posse ractificação de contratos.—Quando, em hasta pública, se vende a azeitona d'um olival, ao arrematante, como sêllo de contrato, offerece-se-lhe um ramo de oliveira. (D'ahi a locução *entregar o ramo*, que significa, extensivamente, conferir posse de coisa disputada, e tambêm desistir de algum direito ou regalia em benefício de outrem).

Feito um contrato, é costume ir *beber o vinho* para o ratificar [1]. Depois d'isso, muito estranhável seria negar-se algum dos estipulantes ao seu cumprimento.—Tambêm para firmar pazes, e ainda como simples prova de boas relações, é costume ir *beber uma pinga*.

Noutro tempo, quem comprava uma fazenda ia, acompanhado do vendedor e das testemunhas, tomar posse d'ella, dando ahi umas cavadelas, *atirando mancheias de terra ao ar e declarando, alto, que a tomava, por lhe pertencer*. Deparou-se-me esta curiosa cláusula, ainda não de todo obliterada, numa escriptura datada de 1823.

Foi em terrenos baldios que na zona serrana d'esta frèguesia se estabeleceu a maior parte dos casaes ahi existentes. E como o povo frequentemente se oppunha, por vezes enérgicamente, a essas tomadias, diz-se qde se valeram então alguns d'uma supposta regra do direito consultudinário, segundo a qual se adquiria posse de uma casa feita no logradoiro comum, desde o momento em que uma família ahi estabelecia o seu lar.

Esses então, sub-reptíciamente e no espaço d'uma só noite, levantavam ahi uma cabana de pedra ou tão só de madeira, e na manhã seguinte lá se ouvia cantar um gallo e se via, á porta, uma mulher sentada e de roca á cinta, a fiar,—factos estes confirmativos d'uma posse plena e indiscutível.

Defesa das propriedades.—Para defender seus prédios dos gados e da gatunagem, concertam-se ás vezes entre si os proprietários, e contratam um guarda rural.

Quando não ha guarda, servem-se alguns de *coimeiros*,—signaes convencionaes que se põem como aviso de que será

---

[1] Na Praia da Nazareth, os dois contratantes cospem, juntos, num têlho, que depois atiram para cima de algum telhado.

multado quem nesses prédios apascentar gado, ou por elles transitar. Consiste o coimeiro, umas vezes, numa taboleta branqueada de cal, para melhor se ver, e pregada num poste; outras, num cúmulo de terra, com um ramo de trovisca espetada no cimo.

—Para impedir os estragos que os cães fazem nas vinhas, é costume prender esses animaes quando as uvas chegam á maturação. E porque ha descuidados ou indifferentes que continuam a trazê-los á sôlta, espalham alguns vinhateiros bolas canicidas por entre as cepas, do que previnem o público, collocando ahi algumas bandeirolas de panno branco.

De ordinário, pelo S. Miguel [1] já as vindimas estão feitas, soltam-se então os cães.

—Antes da extincção do concelho de Turquel permittia-se até ao dia de Todos-os-Santos, por ser *tempo de sôlta*, pastorear gado e apanhar a azeitona dos chão nos olivaes plantados em terrenos públicos; passado, porêm, aquelle dia, era isso rigorosamente defeso, sendo encòimados os transgressores, e bem assim os que deixassem aberta alguma das cancellas que havia nas chamadas *paredes da almotaçaria*.

—Para afastar os pardaes das searas, usam-se espantalhos, moinhos de vento com traquinada, farrapos fluctuantes, etc. Das terras de trigo, quando elle começa a engraecer, são elles guardados por crianças que d'isso especialmente se occupam, chocalhando, batendo em latas, lançando bombas, fazendo, em summa, toda a casta de ruído.

Bonecos e artifícios vários se empregam tambêm contra os damninhos coelhos.

Nos milheiraes já a emmaçarocar não é raro ver luzir aqui e ali, de noite, pequenos fogachos. Põem-nos e mantem-nos ahi os fazendeiros, para espantar os texugos.

—Para que de certas pedras cravadas no solo se distingam os marcos que limitam as propriedades, quando se mette um d'estes collocam-se aos lados da parte subtérrea duas pedras pequenas; são as *testemunhas*. Alguns espetam junto d'esses marcos estacas de marmeleiro ou tamargueira,—arbustos que promptamente enraízam—para obstar a alguma furtiva deslocação.

—Nas vinhas, melanciaes, etc., armam-se ás vezes, para abrigo dos respectivos guardas, choupanas ou palhoças.

---

[1] A 29 de Setembro.

O esqueleto d'uma palhoça é formado por três varas amarradas na parte superior, tendo os pés, convenientemente afastados, fincados no chão. Uma d'essas varas é muito mais comprida e fórma o espigão da palhoça; as outras limitam-lhe a entrada.

Beneficência, mutualidade, cooperação. — Quando um indivíduo cae na indigência e, por doença ou por velhice, não póde trabalhar, o párocho informa d'isso o povo por occasião da missa dominical e nomeia logo, de accôrdo com o regedor, algumas pessoas idôneas que, para occorrer á alludida necessidade, percorrem a frèguesia toda a solicitar donativos.

—Noutro tempo, quando a um lavrador morria um boi, a sua carne, se aproveitável, era distribuída pelos demais lavradores da frèguesia. Rejeitavam-na alguns, ou a inutilizavam; nenhum,, porêm, se negava a pagar o quinhão que lhe coubera.— Em substituìção d'esta prática accordaram depois os lavradores em indemnizar integralmente, por meio de quotização, o dono da rês, quando para a sua morte elle não houvesse conscientemente concorrido.—Hoje, quasi todos seguram o seu gado bovino contra o risco da morte ou inutilização.

—Dias antes de uma terra ser lavrada, e ás vezes tambêm depois da colheita, permitte-se ahi a entrada dos gados da vizinhança, para aproveitarem o pasto.

—Quem mata porco, contempla, de ordinário, vizinhos e parentes. D'isso me occupei já ao tratar da *vida doméstica.*

—Quem visita uma doente, leva-lhe sempre algum mimo: açúcar, criação, etc. Às parturientes é costume offerecer chocolate.

—Como agradecimanto por benefícios de certa monta, era costume, ainda não de todo abolido, offerecer uma caçada, isto é, as peças várias abatidas durante uma excursão venatória. Para esta eram sempre convidados os mais hábeis atiradores.— Quando muito abundante, a caça era repartida em lotes e distribuída, assim, por várias pessoas.

—Serviços ha que se fazem quasi sempre com a cooperação dos vizinhos; taes são as escamisadas, as malhas do milho, as carpeadas, as escarpeladas ou desfiadas das camisas do milho para encher colchões, etc.

—Outra fórma de cooperação é a dos *dias trocados* (assim lhe chamam), de que vou dar um símile,—Tem um fazendeiro uma seara de milho já sachadoiro, estando o de alguns seus vizinhos ainda atrasado. Estes, pois, vão entretanto ajudar o primeiro, que depois—dia a Pedro, dia a Paulo—lhe vae opportunamente pagando na mesma moeda.

De certos trabalhos de commum utilidade,—concêrto de caminhos vicinaes, limpeza de lagoas, montarias [1], etc., incumbem-se quasi sempre os habitantes da localidade ou região a que elles aproveitam.

Partilhas inter-vivos.—Chegados a certa idade e mal podendo já trabalhar, costumam os paes de família a trôco d'uma pensão annual e vitalícia, entregar aos filhos as suas terras, para que elles as cultivem e desfrutem. Se, por ventura, a esse tempo não estão ainda exhaustos de fôrças, reservam para si uma gleba onde se entretenham, que lhe forneça hortaliça, legumes, etc., e onde haja tambêm algumas árvores, nomeadamente figueiras.

A figueira, comportando milhares de frutos, que vão amadurecendo dia a dia desde Setembro até comêços do inverno, é uma árvore preciosa, e a que mais frequentemente guarnece o circuito da vivenda aldeã. Referindo-se-lhe, costumam os campónios dizer:—«Passa o vadio, come; passa caminhante, come; vem o ladrão, come; chega, por fim, o dono, e tambêm come». Generosa e fértil como poucas, a todos proporciona um alimento saboroso e excepcionalmente nutritivo.

IV—Habitações

Algo direi, primeiramente, das antigas vivendas tradicionaes, de que pouco resta; e referir-me-ei depois á casa moderna, menos característica.

Salientavam-se algumas das velhas moradias por uma varanda de pedra anteposta á fachada principal, e que dava ingresso á chamada casa de fóra [2].

Em casas térreas, a varanda era invariávelmente resguardada por uma cobertura sustida por columnetas; sendo, porêm, alta a casa, esse annexo—que então subia á altura do segundo pavimento e era servido por uma escada exterior, simples ou dupla—nem sempre era alpendrado.

Omissa a varanda, o beiral prolonga-se um pouco sôbre a

---

[1] Montarias contra os lobos, promovia-as aqui em tempo a câmara; hoje ainda uma vez ou outra essas correrias se fazem para caçar raposas e outros animaes damninhos (os lobos desappareceram ha cêrca de meio século).—Vem a propósito dizer que o campónio que consegue matar algum d'esses animaes pega nelle e vae pedir *para quem matou o bicho*, o que lhe faculta uma apreciável receita.

[2] Para serviço da cozinha havia tambêm, ás vezes, uma varanda de menos cuidada construcção.

porta, que era frequentemente ornada de almofadas, pregos de grande cabeça e escudos caprichosamente recortados.

As janellas, em regra, desprovidas de vidraças, tinham um postigo em cada meia-porta, o que permittia regular o accesso do ar e da luz.

Outras particularidades se notavam, por vezes, no exterior d'essas habitações: assentos de pedra junto ás paredes, mísulas aos lados das janellas, relógios de sol, quadros de azulejo, etc.

Interiormente deparava-se-nos, logo á entrada, a casa de fora, muito ampla, tecto de masseira ou então pyramidal, portas baixas e sem bandeira, poiaes nas janellas, ás vezes copeiras ou armários abertos na grossura das paredes. Mesas de pau santo, cadeiras encoiradas, bancos de encôsto com gavetas ou uma comprida caixa sob o assento, eram ahi móveis usuaes.

As alcovas, muito pequenas e de ordinário sem janellas, não se fechavam; a sua larga porta vedava-a uma singela cortina. Leitos de boa madeira, torneada, entalhada e com embutidos, se admiravam ahi ás vezes [1].

A par d'essas vivendas, indicadoras de relativa abastança, havia casas modestas, humildes tugúrios. Na zona serrana, o seu typo geral era este:—casa baixa de duas águas, com sua chaminé; na frente, um desgracioso alpendre acachapado; duas portas, —uma sob o alpendre e a outra na parede traseira; carência de janellas [2].

No interior, e quando as circumstâncias do proprietário o permittiam, a casa tinha um alpendre, ou *canto da lenha*, em um compartimento pegado; seguia-se para trás a *casa de fóra*, a *cosinha*, a *despensa* e dois quartos

Era frequentemente de telha-vã a casa de fóra. Quando forrada, havia ás vezes, no tecto, dois ganchitos de ferro onde se prendia o fiado que se queria torcer; e, na aba do fôrro, o *friso*, isto é, uma tira de madeira sobre a qual se enfileiravam maçãs e peras, para ahi sazonarem.

A casa hodierna obedece a outro traçado, convindo accrescentar que ás vezes se constroe ahi tambêm, deante da porta da frente, uma varanda com cobertura de três águas [3].

---

[1] A divisória entre a casa de fóra e as alcovas nem sempre se elevava ao tecto.

[2] Excepcionalmente havia em alguns quartos de cama janellas, cuja abertura não excederia muito um palmo quadrado. Postigos nas portas anteriores e têlhas de vidro nas casas *cimeiras* (isto é, de tectos esconsos), davam tambêm alguma luz.

[3] Em lugar de varanda armam ahi alguns uma parreira.

Os telhados são de têlha de Marselha [1]; e para lhes recolher as águas, na zona serrana têm-se ultimamente construído bastantes depósitos.

Vejamos a casa de fóra.

A mobília, ahi, compõe-se principalmente de grandes e pequenas arças [2], que accommodam roupas, cereaes, comestíveis, substituindo também, em parte, as cadeiras, e ás vezes leitos. De modo que essa casa é, a um tempo, sala de recepção, guarda-roupa, celeiro, despensa e dormitório, servindo também de casa de jantar em dias de reunião ou festa de família. Na parede figuram, em regra, alguns santinhos.

Nos quartos de dormir, custodiados igualmente por imagens religiosas, as camas fazem-se sôbre barras de madeira, e também já em leitos de ferro [3]. Havendo crianças, faz-se-lhes cama commum, provendo de cabeceiras ambos os topos d'umo barra, e deitando-as ahi pés com pés.

Quando a um enfermo se leva Nosso-Pae, o respectivo quarto é litteralmente revestido de toalhas, colchas antigas, lençoes de entremeio, etc., desapparecendo tectos, paredes e móveis sob essa armação, onde se exibem as melhores peças do bragal da família.

É na cozinha que, de ordinário, se tomam as refeições.

Em regra, a lareira é baixa e desimpedida, para que todos, no inverno, ahi possam chegar-se a uma boa fogueira. [4].

Pouco acima da abertura inferior da chaminé está a vara dos enchidos.

Vários utensilios ahi se nos deparam: — candeias para azeite ou para petróleo [5], talvez ainda algum antigo candieiro de três bicos, colheres de espinheira, almotolias de barro [6], cabaças para vinho, um cortiço para o sal, etc.

Nas traseiras ou ao lado da casa, ás vezes na frente, ha o páteo, — caracteristico das vivendas ruraes [7]. No páteo, vigiado

---

[1] A têlha de Marselha foi aqui introduzida nos primeiros annos d'este século.

[2] Por vezes ha também uma mesita e três ou quatro cadeiras, acaso um relógio e talvez algum banquinho de costura.

[3] Uma ou outra vez, ainda ahi se topa algum antigo leito de pau-de-fóra.

[4] Ha lareiras ao nivel do soalho; algumas, ainda mais baixas.

[5] O petróleo começou aqui a usar-se em 1890; desde 1908 emprega-se também um pouco o acetylene.

[6] Os azeiteiros dos ganhões, em tempo, eram de chifre. Da mesma substância se faziam, ha cêrca de quarenta annos, uns tinteiros-areeiros que tiveram muita voga, cheiradeiras (hoje em desuso), polvorinhos, etc.

[7] Nas casas de simples jornaleiros não ha pròpriamente páteo; mas têm, quasi todas, o seu quintalejo.

por um ou mais cães, se localizam os curraes, os palheiros, as arribanas, as pocilgas, a capoeira, o forno de cozer pão, depósitos de matto e lenha, a pilha de estrume, ás vezes a cova do bagaço.

Para obstar á entrada dos animaes, á porta que da morada dá para o páteo, ajusta-se uma cancella ou põe-se-lhe *saltadoiro*, —grande lage ahi arrimada ás ombreiras [1].

Junto á vivenda, ou em algum próximo cercado, vicejam quasi sempre algumas flores, de camaradagem com plantas hortenses, —salsa, hortelã, etc.

V — Indumentária

Traje masculino.—O uso de calção e meia, colete de côres vistosas, véstia curta e chapéu largo com seu tufo redondo na aba, ainda no terceiro quartel do século XIX não estava inteiinteiramente banido.

Era de tripe o calção ou de banbozina, sem pestana á frente, mas provido de largo alçapão que prendia nos flancos; e sustinham-no abaixo do joelho duas grandes fivelas de prata, ornatadas. Uma abotoadura, tambêm de prata, segurava, adeante, o collarinho, muito alto, bordado, que dobrava, ás vezes, sôbre a gola da véstia.

Ao calção succedeu a calça de alçapão, a que ainda algum raro velhote dá hoje a preferência.

Para certos actos religiosos,—baptizados, casamentos, enterros e desobriga—mânteve-se até quasi o fim do mesmo século o uso do *gabão*, farto envoltório de panno grosso com enorme capuz e uma fieira de botões amarellos, lisos ou relevados.

Coberturas para a cabeça, alêm do chapéu outras se tem usado, entre as quaes tem sido sempre o barrete a mais generalizada [2]. Ha barretes azues, em tempo os de maior voga;—pretos, que são hoje os preferidos; encarnados, que já pouco se veem; e verdes com carapinha encarnada, distinctivo de republicanos.

---

[1] No tempo em que os lobos infestavam esta região, obstava-se ás suas escaladas coroando de lages de grande saliência os muros dos páteos. Usava-se isto na serra. —Ahi, os curraes de cabras, para evitar que alguma se encantoasse quando perseguida pelas outras, eram redondas.

[2] No verão, alguns jornaleiros agricolas substituem o barrete por um chapéu de palha ou de fôlha de palma.

Os barretes cónicos com botão no vértice, usados em meados do século passado, pouco tempo se mantiveram.

Desde ha annos, quasi toda a gente moça usa boné, ao qual o panamá tem feito últimamente alguma concorrência.

Os trabalhadores, em geral, não usam suspensórios, usam cinta [1]; como, porêm, a jaqueta continúa a ser relegada pelo casaco, aquellas faixas, que não condizem bem com o novo traje, vão sendo postas de parte.

Ha cintas encarnadas, cintas azues e cintas pretas. As primeiras muito flammantes, estão fóra da moda.

Uma cinta de longa franja pendente, posta com garbo, era, em tempo, uma apreciada garridice para os aldeões, como hoje o é, para os mesmos, um relógio com umo corrente de prata [2]. Objectos ostensivos são-no tambêm os varapaus e aguilhões guarnecidos de conteiras amarellas, as bôlsas enfeitadas com desenhos phantasistas a ponto de marca, e as pennas variegadas com que alguns romeiros da Nazareth emplumam, á volta, os seus chapéus.

Os aldeões, vestindo às vezes de cotim, no verão, em geral, preferem-lhe o panno de varas, por ser de mais dura, e tambêm porque—dizem elles—*o que guarda do frio, guarda do calor.*

Alguns, no inverno, resguardam o busto tão súmente com uma camisola de grosseira lã, que vestem sôbre a camisa. Camisola interior, ordináriamente dispensam-na.

Usualmente, a roupa branca é de linho caseiro, e tambêm de estopa.

Como abafo, ainda usam um pouco as antigas mantas regionaes,—quasi supplantadas pelos varinos—algumas das quaes têm, a modo de casula, uma abertura onde enfiam a cabeça.

O cabelo usam-no á escovinha, e ninguêm o corta em março, por ser o mês em que se tosquiam os burros. Quanto á barba, até começos do último quartel do século passado adoptou-se a suíça; hoje, porêm, tirante alguns homens de outro tempo, refractários a innovações, quasi todos usam bigode.

Traje feminino.—Ha cêrca de meio século, as mulheres trajavam vestido, e, mais commumente, saia e roupinhas [3]. Consistiam estas num corpete muito justo, apertado na cinta e com ampla abertura sôbre o peito, que um lenço discretamente recatava. Tinham golla e bandas de velludilho, com suas guarnições

---

[1] Os suspensórios, resistindo a certos movimentos do tronco, não convêm á maioria á maioria dos trabalhadores ruraes.

[2] Ha cêrca de trinta anos, nesta populosa freguesia apenas o párocho e mais duas ou três pessoas usavam relógio.

[3] A estas, ou ao vestido, appunham algumas um cabeção rendado.

de fita ou trancinha, e na parte posterior, um appêndicezinho a modo de asas de borboleta.

Para a cabeça, afora os lenços de algodão, de lã e de seda, que ainda hoje se usam, havia-os também de cambraia e de bòbinete. Estes eram engommados, e tinham, alguns, cercadura, ramos nas pontas e ás vezes o nome da sua dona, bordado tudo a branco, ou a ponto de marca.

As noivas, as confitentes e as viúvas iam á igreja sempre de mantilha ou bioco; as outras mulheres ou punham o chaile ou se envolviam nas suas grandes capas de panno preto, que depois substituíram as mantilhas e foram, por seu turno, — não ha ainda muitos annos — relegadas por chailes ao gôsto moderno [1].

Depois das roupinhas usaram-se uns casacos largos e sem feição, a que outros, mais airosos, succederam, e que ainda se mantêm [2]. Estes contornam ajustadamente o busto e terminam inferiormente por pequenas alas, que pretensiosas aldeãs actualmente escodem sob a saia, macaqueando, assim, o traje senhoril [3].

Sôbre o lenço usam algumas, quando jornadeiam, para resguardo da cabeça, um chapéuzinho de feltro, com sua borla na aba.

Algibeiras, todas usam. São em fórma de pêra, mais ou menos enfeitadas, e pendem da cintura, á direita, por baixo da saia.

Muito em voga está hoje o avental entre as camponesas, que é, para ellas, um adôrno, não menos que um objecto utilitário.

Quanto ao cabello, por várias fórmas ellas o dispõem, sempre, porêm, com simplicidade. Umas apartam-no ao meio da testa, ao alto, levando-o as têmporas e ao occiput; é este o uso geral; — outras, por coquettismo, fazem a risca ao lado. Muitas entrançavam-no, ajeitando-o depois em rodella, sôbre a nuca; algumas, arrepiando-o, ennovelam-no no coruto, ou mais frequentemente na parte posterior da cabeça, onde o prendem com ganchos ou travessas [4].

Nas orelhas, toda a mulher traz argolas, arrecadas ou brin-

---

[1] O chaile, que antigamente dobrava em bico, hoje põem-no de través.

[2] Como resguardo e compostura ajuntam algumas sobre o corpête um lenço franjado, ou pequenino chaile.

[3] Advirtam as camponêsas que podendo ellas occupar, na sua classe, um dos primeiros lugares, — como *senhoras*, por falta de linha e outros predicados nativos, irão para algum dos últimos.

[4] Para o segurar havia, noutro tempo, pentes próprios, e também coifas, que estiveram em moda ha uns quarenta annos, ou pouco mais.

cos de oiro. Outras jóias do mesmo metal algumas ostentam em dias de festa: cordões (d'elles pendem ás vezes corações, cruzes, imagens), annéis (que tambêm usam de prata, coralina e outras substâncias), broches, collares, etc.

VI — Diversões e folias

Esperar os reis. — Em a noite que precede o dia de Reis (de 5 para 6 de janeiro) ainda se encontram, uma vez ou outra, rapazes dispostos a cair no lôgro de irem a um sítio designado *esperar os Reis*. Estes (diz-se) distribuem, na sua passagem, grandes riquezas, convindo, pois, que cada um dos concorrentes vá munido d'um banco ou outro móvel a que possa subír, para ser fácilmente notado no meio da multidão.

Quinta-feira de Comadres e Quinta-feira de Compadres. — São as duas quintas-feiras posteriores aos domingos da Septuagésima [1] e da Sexagésima [2], respectivamente. Nesses dias os rapazes e as raparigas promovem galhofeiras reuniões para pedir á sorte caprichosa lhes indique os nomes de seus futuros compadres e comadres.

Entrudo. — Seringar os transeuntos, atirar-lhes caqueiradas, enfarinhar uns, mascarrar outros, pregar rabos, entrar furtivamente nas casas dos vizinhos e bifar-lhes a panela do jantar, etc., etc., são peças carnavalescas já em desuso. Restam as grandes petas inverosímeis; as *pulhas*, trovas primitivamente satíricas e agora o mais das vezes laudatórias, vozeadas por um e apoiadas em desentoada grita por muitos; e as mascaradas, cujas personagens, por seu traje grotesco e extravagante e por suas momices e ditos picarescos, trazem á lembrança os antigos bobos e truões, tão communs nas residências senhoriaes da idade-média.

O cuco. — É no dia de S. José (a 19 de março) que vem o cuco. Antes da sua chegada é costume indigitar, para lhe ir buscar o trem, o carreiro que tenha os bois mais magros.

Animais combalidos, se chegam a ouvir o cuco, tomam ordináriamente vigor [3].

---

[1] O domingo anterior ao da Sexagéssima.

[2] Domingo magro.

[3] Com referência a algum d'esses animaes, diz-se ás vezes: »*Se ouvir o cuco, então vae arriba*». — *Coitado! aquelle já não chega a ouvir o cuco*».

Um dos estímulos das novéis fiandeiras é a obrigação em que suas mães as constituem de proporcionar ao cuco um bom enxoval.

Serração da velha. — Fazia-se aqui em tempo a *serração da velha*, — allusão ao mear da quaresma, como se sabe.

A velha (representava-a um homem), toda alquebrada, apoiada na sua roca de canna, melena formada por estrigas de linhol que appareciam sob um velho chapéu de abas caídas, e á cinta com umas camândulas de bagalhos, divagava pelas ruas da povoação com o seu séquito, de que fazia parte a rapaziada miúda, numerosamente representada, e que ia tocando chocalhos e campaínhas de bois.

Em determinados pontos do trajecto lia-se o testamento, ordináriamente escrito em linguagem cambrónnica, e onde quasi todos os habitantes de Turquel eram contemplados, sem esquecer o rapazio, ao qual se fazia saber estar-lhe reservada uma boa maquia de *castanhas piladas*.

A velha, por fim, era mettida num cortiço, e aprestava-se tudo para a serração; nesta conjunctura, porêm, appareciam alí uns sujeitos munidos de grandes vimes, que se dispunham a cumprir uma das disposições do testamento: — zurzir a garotada.

Seguia-se grande reboliço; os rapazes tratavam de se escapulir por todos os lados, e assim acabava a brincadeira no meio de grande algazarra e balbúrdia,

Alleluia. — Em sábbado de Alleluia, nas cerimónias da capella baptismal, o indivíduo que leva o círio paschal, e que antigamente era convidado a pagar a despesa do officio do dia, proclamam-no galhofeiramente *o padrinho da criança*. Esta costumeira, com que alguns encordoam, é para outros motivo de jovialidades. — «¿Como se chama o seu afilhado?» — perguntaram uma vez a um d'estes. — «Paschoal!» — respondeu elle, muito lesto.

Neste dia apparecem ás vezes ingénuos que se prestam a levar a *pedra da Alleluia* a casa de algum dos gerentes da paróchia, que se apressa a recambiá-la pelo mesmo portador [1].

Maios. — No primeiro de maio reùniam-se aqui as crianças não ha ainda muitos annos, e ataviando de flores uma de suas

---

[1] A chamada *pedra da Alleluia* é uma pedra qualquer «tosca, bruta, dura, informe», que, para facilidade de transporte, se mette num sacco ou numa velha seira dos figos.

companheiras mais pequeninas, a quem davam o nome de *maio*, percorriam com ella as ruas da povoação.

As portas e janellas das habitações, e mesmo dos estábulos, eram também nesse dia graciosamente enramalhetados.

Santo António, S. João e S. Pedro.—Nas vésperas de Santo António, S. João e S. Pedro, á noite, fazem-se bastantes fogueiras, animadas, de ordinário, pelo estralejar dos foguetes, e ás vezes pelo estourar das bombas e pelo esfusiar das bichas. Junto a algumas habitações levamtam-se mastros.

Santo António é um santo prazenteiro, e o protector dos amores bem intencionados. Juízes e demais empregados da sua festa só o eram, antigamente, rapazes solteiros.

Durante a trezena, as suas mordomas põe-lhe, ás vezes, na mão um raminho de cravos e cerejas [1].

Estreias de vestuário reserva-as a mocidade, quanto possível, para o dia do seu glorioso patrono.

*

É benta a água recolhida na manhã do dia de S. João, antes de nascer o sol. Os gargalos das bilhas e quartas em que ella se guarda cinge-as, como distinctivo, um junco verde.

Vale por sete o banho de S. João, que os rapazes tomam ahi, de madrugada, em algum tanque ou reprêsa; muitas pessoas, porêm, vão, para isso, á Fervença, onde ha balneatórios.

Ervas medicinaes, para que hajam recebido o orvalho bento, colhem-se nesta manhã privilegiada em que o sol nasce bailando, e as moiras encantadas tomam a figura humana e assoalham os seus thesoiros. O encanto e desencanto d'essas graciosas entidades acha-se frequentemente relacionado com a noite de S. João.

Em tempo, na vizinha frèguesia do Vimeiro, as raparigas, cantando em côro junto ás fogueiras de S. João, celebravam por essa fórma o santo Precursor.

San-Pedro e San-João,
Ambos no céu têm cadeira;
Quando vão em procissão,
San-João leva a bandeira.

---

[1] Em Évora de Alcobaça, a imagem de Sant'Iago apparece no seu dia (25 de julho) com um cacho de uvas na mão.

Esta e as demais coplas que na occasião cantavam, rematava-as sempre o estribilho:

—Ai ai, meninas, ai ai!
Já o San-João lá vae.
—Já lá vae? Deixá-lo ir,
Que elle é santo, torna a vir.

Escamisadas.—Fazem-se nas eiras em agosto e setembro, quasi sempre á noite, e a ellas affluem bastantes pessoas de ambos os sexos, que se dispõem em grande círculo.

Em tempo, quem achava uma maçaroca roxa abraçava os vizinhos,—usança ainda não de todo abolida.

Um interessante tiroteio de cantigas e dichotes anima, ás vezes, essas concorridas reùniões.

Brincadeiras.—As escamisadas, como as carpiadas, escarpelladas e outros trabalhos ruraes, terminam muitas vezes por *brincadeiras* (bailaricos), onde se dansam valsas, polkas, etc., e principalmente o fandango, que alguns aqui sapateiam com grande perícia.

Na falta de guitarrista ou tocador de harmónica (o pífaro caiu em desuso ha cêrca de trinta annos), cantam-se tonadilhas (*modas*) adequadas a differentes bailados.

Pão por Deus.—No dia de Todos-os-Santos saem muitas crianças a pedir o chamado *pão-por-Deus*, recolhendo depois alegremente a suas casas com os saquitéis recheados de fatias de pão, maçãs, nozes, castanhas, tremoços, etc.

Festas e arraiaes.—As festas ecclesiásticas têm, em geral, um duplo objectivo: afervorar os sentimentos do povo e interpor ás suas canseiras alguns momentos de salutar distracção e prazer espiritual. Em frèguesias sertanejas são ellas um apreciável e ás vezes único meio de educação esthética.

Essas festas são frequentemente seguidas de arraial, abrilhantado, umas vezes, por uma banda de música; outras, tão sómente pela tradicional gaita de folle [1].

Animam o arraial a venda das fogaças e, se a festa é de pompa, outras diversões: cavalhadas, mastro de cocanha, descantes populares, fogo de artifício, etc.

Feiras e romarias.—As feiras, em geral, sobretudo as grandes feiras de gado, offerecem ao povo desenfados que elle muito aprecia.

---

[1] Este velho instrumento tende a desapparecer.

Quanto a romarias, é muito notável a da Nazareth (em setembro), concorridíssima, aonde muitas pessoas vão cumprir promessas ou tão só visitar a imagem de Nossa Senhora, sendo outras lá attrahidas pelo pittoresco do local, pelo quadro panorâmico que d'elle se desfruta, e pelas múltiplas diversões que então ahi se proporcionam aos forasteiros.

No dia 8 de agosto e em direcção á ermida e feira de Santa Suzana do Landal (Caldas da Raínha), passa aqui todos os annos o círio do Bárrio com os seus característicos *carros armados* (carros de bois a que se adaptaram armações em fórma de túnnel, cobertas de tela branca ou esteira).

Á volta, os bois trazem todos as testeiras enfeitadas com fitas de lã carmesim, préviamente tocadas na imagem da Santa. O uso de campaínhas pendentes de colleiras, — muito luxuosas, algumas d'estas — esse é geral e constante [1].

Na 1.ª oitava do Espírito Santo ia em tempo um pequeno círio da Lagoa das Talas e arredores festejar a Senhora dos Enfermos na sua capella da Atahija (Aljubarrota).

O círio, que levava dois anjos e o indispensável gaiteiro, indo todos montados, fazia, ao chegar, três giros em volta da capella, o que é da praxe em muitas romarias, seguindo-se a míssa, e depois o arraial com seus comes e bebes. Por fim circulava novamente em tôrno da capella, e todos recolhiam a penates, muito contentes da sua vida.

Os anjos, á chegada, á retirada e em vários pontos do trajecto, *deitavam* suas loas, compostas por ingenuos vates sertanejos, e de que dou, aqui, esta amostra:

Ó Senhora dos Enfermos:
Aqui vimos, aqui *estemos;*
P'ra o anno, se formos vivos,
Ainda cá tornaremos.

Ó Senhora dos Enfermos:
Cá vos vimos visitar;
P'ra o anno, se formos vivos,
Havemos de cá tornar.

Serões e cavaqueiras. — Nas grandes e frias noites de inverno, o serão, de ordinário, passa-se á lareira. Ahi se reúne toda a família, e se palra, e se ri, e se folga, vindo muitas vezes á balha lenda, contos, adivinhas.

---

[1] A bois e vaccas dão aqui estes nomes (além de outros): Boirisco (por Moirisco?), Cabano, Castanho, Diamante, Formoso, Galante, Ramalhete; Bemfeita, Bonita, Carriça, Cereja, Ligeira, Morgada.

Possuir uns bois, ao menos umas vaccas, é a aspiração de todo o camponês que se preza. Para um serviçal, confiarem-lhe um cingel e um carro de eixo cantante é o maior prazer que lhe podem dar.

As mulheres, entretanto, fazem meia ou costuram; por vezes, algum dos rapazes lê qualquer coisa:—a *Donzella Theodora*, o *Bertholdo*, a *Confissão do Marujo* [1].

Ás vezes ajuntam-se as raparigas da vizinhança em casa d'uma d'ellas e fazem serão em commum. Azeite para a candeia, cada um fornece-o uma noite [2].

Quando, não ha ainda muitos annos, toda a mulher era fiandeira, os serões, em alguns lugarejos, faziam-se em volta d'uma fogueira accesa ao meio d'uma casa de pavimento térreo.

Ahi fiavam, ensarilhavam, dobavam e davam á língua. O clarão da fogueira era sufficiente para a execução d'esses trabalhos; comtudo, para illuminar um pouco melhor a quadra, serviam-se ás vezes de hastilhas resinosas, e tambêm de pinhas, a que uma trempe servia de supporte.

As reùniões dominicaes e as dos outros dias festivos, os ajuntamentos no mercado, nas lojas de venda, na barbearia, etc., dão aso a cavaqueiras que supprem económicamente as fôlhas noticiosas. Onde essas cavaqueiras, porêm, attingem grande animação, ultrapassando, não raro, os limites da conveniência, é nos soalheiros, locaes bem expostos e abrigados do vento, frequentados, no inverno, por mulheres do sítio; nos lavadoiros, onde, como costuma dizer-se, enterram vivos e desenterram mortos [3]; e nas sachadas de milho, em que tomam promíscuamente parte homens e mulheres, sendo ahi noticiados, esmerilhados e apimentadamente comentados todos os acontecimentos locaes, e ainda regionaes, de preferência aquelles em que se vislumbra algo de ridículo ou de escandaloso.

Turquel (Alcobaça), 30-11-917.

José Diogo Ribeiro.

---

[1] Além d'estas conhecidas producções da litteratura de cordel, outras ha que o povo muito aprecia; taes são: *A Princesa Magalona*, o *João de Calais*, o *Carlos Magno*, o *Infante D. Pedro, que correu as sete partidas do mundo.*

[2] A candeia fixam-na, de ordinário, num velador, a que chamam *mancebo*.

[3] «*Isso ate já é falado na pedra do rio*»,—diz-se, depreciativamente, de algum caso que ahi se discuta.

Enquisas onomatologicas

São tantos os materiais que possuo, ainda ineditos, a respeito de Historia da lingoa portuguesa (Lexico, Dialectologia, Gramatica etc.), que talvez me não chegue a vida para os coordenar, e publicar coordenados: por isso resolvi ir dando a lume alguns, por partes e soltos, a fim de poderem ficar desde já á disposição dos estudiosos. Cabe agora a vez a diversos apontamentos de «Nomes proprios», quer pessoais, quer geograficos, quer de outras especies.

I

Apelidos, de origem geografica, sem «de»

É muito natural que, querendo determinar bem a individualidade de uma pessoa, a designemos com o nome, a patria ou a residencia: *Fulano de tal parte*, isto é, natural de tal parte, ou aí residente. Assim se explica que haja numerosos apelidos precedidos de *de*, como em: *F. do Couto* (de um lugar ou sítio chamado *Couto*), *F. da Silva* (de um lugar ou sítio chamado *Silva*), *F. de Melo* (da vila de Melo). Muitas vezes, na nobreza antiga, as respectivas terras eram ou tornavam-se solares, pelo que a partícula *de* veio a ter certa significação de fidalguia, embora alguns lhe atribuam «mayor mysterio do que nella ha» [1].

Com o tempo o uso de *de*, em varios casos, oscilou. A par com *F. da Fonseca*, *F. de Macedo*, *F. do Rio*, encontra-se *F. Fonseca*, *F. Macedo*, *F. Rio*. E o que é mais, ha apelidos que, quanto sei, não são nunca precedidos de *de*, por exemplo, *Caldas*, *Ferreira*, *Ribeiro*, *Teixeira* e outros que, como estes, são evidentemente de origem geografica, e bem assim *Braga*, *Coimbra*, *Guimarães*, *Leiria*, *Lisboa*, *Porto*. Como é que se explica esta ausencia do *de?*

De dois modos. Ora caiu o *de* em epoca muito antiga, se-

---

[1] Villas Boas, *Nobiliarchia*, 1.ª ed., p. 18. Acêrca do valor nobiliarquico de *de*, em tempos modernos, em França e Hespanha, vid. Godoy y Alcántara, *Apellidos Castellanos*, Madrid 1871, pag. 196-201.—Tambem em alemão *von* «de», anteposto a um sobrenome, é sinal de nobreza, por exemplo: *Alexander von Humboldt*.

gundo uma tendencia normal da língoa em expressões do mesmo teor; ou os nomes foram empregados desde o princípio sem preposição nenhuma. O primeiro modo é muito freqüente, e já noutro lugar dei as provas [1]. Pelo que toca ao segundo, lembrarei que não faltam casos, da nossa observação diaria, em que um individuo receba como apelido o nome da sua terra, puro e simples [2]. O mesmo deve ter acontecido outr'ora. Em um manuscrito do princípio do seculo XVIII leio: «Francisco Rodrigues Caçain, do logar de Sanfins, termo d'esta villa [Montemor-o-Velho], cognominado o *Sanfins*» [3]. Assim se percebe que a individuos, naturais, por exemplo, de Braga, do Porto, de Lisboa, se chame respectivamente o *Braga*, o *Porto*, o *Lisboa*, ou, em junção com o nome proprio, simplesmente *Braga*, *Porto*, *Lisboa*.

Diante de apelidos, como *Pinheiro* e *Pereira*, que sempre se empregam sem *de*, e que têm todo o aspecto de provirem da geografia, pois na nossa toponomia ha inumeros lugares ou sítios assim denominados, é realmente dificil dicidir se perderam o *de*, ou se nunca o tiveram. Com relação a *Pinheiro*, conheço um texto do seculo XIV em que se lê «Affonso Piriz, *dito Pinheyro*», isto é, por sobrenome ou alcunha *Pinheyro* [4]. Aqui *Pinheyro*, se não é um caso individual, originario de uma alcunha metaforica («alto como um pinheiro»), parece de facto pertencer á categoria dos apelidos que nunca tiveram de: *Pinheyro*, porque Affonso Piriz era do lugar ou do sitio do *Pinheiro*. Com relação a *Pereira*, os documentos antigos dão-no-lo sempre sem *de*: *D. Gonçalo Pereira*, *D. Nuno Alvares Pereira*. É provavel que *Pereira* fosse primitivamente tambem nome geografico, e já Villas-Boas pondera que o faltar o *de* era «erro conhecido» [5]: só devia dizer «fenomeno» em vez de «êrro». Compreende-se que *F. Pereira* começasse por ser *F. de Pereira*, ou simplesmente *o Pereira*, por ter como naturalidade ou habitação um local de nome *Pereira;* o que não se compreende bem é que a

---

[1] Vid. *Lições de Philologia*, p. 343 ss.

[2] No Ministerio do Ultramar ha, por exemplo, um zeloso funcionario, o meu amigo Antonio José Pires, a quem, por ser natoral de Avelanoso, os seus condiscipulos, quando em môço cursava as aulas, davam sempre por apelido o nome da terra da naturalidade: tanto se tornou assim conhecido, que êle proprio adoptou aquele apelido, e assina-se hoje, por vezes, *Pires Avelanoso*. Eis um caso muito certo, onde o sobrenome, apesar de nascer da geografia, nunca teve *de*.

[3] *Historia Manliana*, cap. XIII. Vi este manscrito em casa do falecido bibliofilo Ànibal Fernandes Thomás.

[4] In *Rev. Lusit.*, XXI, 253-256, em um documento publicado por Pedro de Azevedo.

[5] *Ob. cit.*, p. 18.

arvore «pereira» originasse uma metafora, como podia ter acontecido com *Pinheiro*.

Vou agora falar de dois apelidos, *Barbosa* e *Correia*, que sem terem ao primeiro repente aparencia de geograficos, me parece contudo que o são.

1. *Barbosa*.

Na *Chorographia* de Baptista vem várias vezes *Barbosa*, como nome de lugar, de quinta, etc. A origem de *Barbosa* deve ser vegetal: de *barba*, no sentido de planta: cfr. *barba de bode, barbas de velho* em Coutinho, *Flora*, p. 706. Morais, *Dicc.*, tem: «barba de bode ou de cabra, herva (*herva caprina*)». Em galego: *barbas de raposo*, *barba cabreira*, no *Dicc.* de Valladares. A metafora era facil: cfr. tambem *barbas de milho*. Diz Benevides, *Dicc. de Botanica*, Lisboa 1841: «*barba:* dá-se este nome á reunião de pelos sobre uma parte qualquer de huma planta».—A palavra *Barbosa* é pois analoga, quanto á morfologia, a *Folgosa*, *Feitosa*, *Troviscosa*, *Carvalhosa*, *Sabugosa:* significa «terra abundante de *barbas*».—A mesma origem de *Barbosa* deve ter *Barbedo*, que é tambem nome geografico e apelido. O nosso onomastico tem de mais a mais: *Barbaido*, talvez por * *Barbalido* (cfr. *Casainhos* < casalinhos, etc.), e *Barbas*. Na Hespanha ha *Barbales*, *Barbeira*, etc.—Certos nomes geograficos, como entre nós, *Barbanxa* (em Baptista) = *Barbancha* = *Barb'ancha*, *Barbeiros*, *Barbas-ralas*, *Barbas de Porco*, *Barbas de Lebre*, e outros, não posso dizer se provêm imediatamente da flóra, se de apelidos ou alcunhas de proprietarios de terras.—Com a explicação que acima dei de *barba* cfr. estes versos de Jeronimo Bahia (sec. XVII) na *Fenix Renascida*, III, 182:

> Não he frase proterva
> A semelhantes *barbas* chamar herva.

Tambem na mesma colecção, V (1746), 41, se lê, ao invés:

> Não é frase proterva
> Chamar *barba do campo* á fertil herva.

A imagem poetica encontrou-se assim com a observação popular!—A prova de que o apelido *Barbosa* é originariamente nome geografico está em que num documento do sec. XIII, publicado n-*O Instituto*, XLVI, 947, ele vem precedido de *de:* «Don Fernan Perez *de Barvosa*». Tambem Villasboas, falando da familia dos Barbosas, diz que eles «procedem de D. Sancho Nu-

nes *de Barbosa*», e que «he seu solar a quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomáram o appellido»; e acrescenta, fazendo uma observação analoga á que fez a respeito de *Pereira* (vid. supra): «Usam hoje do appellido sem *de*, como de alcunha e nome de solar, e he erro». O que o nobiliarquista de certo não suspeitava, era que *Barbosa* tivesse origem botanica, segundo me parece ter eu mostrado acima.

2. *Corrêa* ou *Correia*.

Na toponimia ha *Correia*, que algumas vezes nasceria de apelidos de proprietarios, mas outras deve ser original: cfr. no onomastico da Galiza: *Correa*, *Las Correas*, repetidamente, e no lexico comum da mesma região: *correola*, planta; *correola*, «herbaje que el mar arroja á la orilla» (*Dicc.* de Valladares), e *corregüela*, herva. A origem de *Correia* deve pois estar em uma metafora analoga á de *Barbosa:* semelhança de certa planta ou seus filamentos com *correias* ou tiras de couro: cfr. hespanhol *enredadera*, herva (de *enredar*), que é a mesma que a já citada *corregüela* (de origem castelhana: *corregüela* = *correhuela:* de *corrigiola, creio eu). Tudo isto se confirma com o português *corriola* (Coutinho, *Flora*, p. 489): «planta voluvel», isto é, «que se enrola em helice ao redor de um suporte» (*Convolvulus arvensis*, Lin.). Tambem se diz *correjola* e *corrijola*.—Pódem comparar-se a *Correia* e *Barbosa*, quanto ás metaforas, as palavras *Braçal* (que designa um sitio da frèguesia de Vilar-Sêco), *Braçaes*, *Baraçaes*, *Braceiro*, e na Galiza *Barazal*, *Barazar*, *Barazos*, *Barazón:* o etimo deve estar em *baraça* (galego *baraza*), *baraço*, aplicados igualmente a plantas filamentosas. — Num documento do sec. XIII, publicado pelo Snr. Azevedo, *Rev. Lusit.*, XXI, 247, *Corrêa* figura como alcunha: *Dominicus Menendi, clericus, dictus Corrigia*. E tambem nas *Inquirições*, I, 157 (ap. Cortesão): *Pelagio Correa*. Como num e noutro exemplo não ha *de*, podemos aceitar que se deu aqui um dos casos que acima indiquei, que ou *de* se perdeu, ou, o que parece mais provavel, que nunca existiu: *Dominicus dictus Corrigia*, isto é, *Domingos Corrêa*, *o Corrêa*, por ser de um sitio ou lugar chamado *Corrêa*.

II

Lista de nomes pessoais e apelidos

A lista que vai seguir-se resultou de leituras casuais, e não de investigações empreendidas *ad hoc*. A principal fonte para ela está nos primeiros volumes do *Arquivo Hist. Português* de A. Braamcamp Freire, publicação maravilhosa, que pelo grande número de documentos que encerra, colhidos directamente, e em primeira mão, na Torre do Tombo, se tornou um manancial inexgotavel não só de estudos filologicos, mas de estudos historicos de toda a ordem. Outra fonte importante que aproveito muitas vezes, como imprescindivel em enquisas de Onomatologia nacional, é o *Onomastico Medieval Português* do Dr. A. A. Cortesão, publicado n-*O Archeologo Português*, d'onde se fez uma separata, Lisboa 1912, volume de 412 paginas.

No presente capitulo trato de nomes pessoais e de apelidos, como diz o cabeçalho. Umas vezes não faço mais do que coligir fórmas arcaicas, populares ou raras; outras vezes junto notas comparativas, ou dou explicações etimologicas.

Como cito muito o *Arquivo*, bem como a *Revista Lusitana*, indíco de modo sumário essa publicações com as seguintes abreviaturas:

A. H. P. = *Arquivo Historico Português.*
R. L. = *Revista Lusitana.*

Abram (hoje *Abraão*): seculo XIV, *A. H. P.*, II, 195, 197.

Abranches: apelido. Vem do nome da cidade francesa *Avranches*. O *v* deu *b*, por confusão com o apelido *Abrantes*. É freqüente confundirem-se.

Abril, nome proprio medieval e do seculo XVI: *A. H. P.*, II, 159. Cfr. *Aprilis*, nome lusitano-romano: *Corpus Inscr. Lat.*, II, 393 (Condeixa): *(Apr)*ILIS, de outros lugares de Hespanha, *ibidem*, pag. 1078.

Ádiga, = Agueda, nome de molher, usado popularmente em Vila Pouca d'Aguiar.

Afonseca, assim escrito, ou *Affonseca*, por o julgarem ligado com *Affonso: Bastiam d'Affonseca*, 1523, no *A. H. P.*, II, 88; *Carlos de Almeida da Affonseca* em um n.º de *O Seculo* dos fins

de Janeiro de 1906.—Dei a explicação nas *Lições de Philologia*, pag. 269.

Afonso: de *Adefonso*, vid. J. Cornu, *Die port. Sprache*, § 105.

Alencastro, hoje *Lencastre:* no *A.H.P.*, II, 108; nos *Lusiadas*, IV, 46. Do ingl. Lancaster, que recebeu em português *a* prostetico. De **Alancastro* passou-se para *Alencastro*, como de *Alanquer* (arc.) para *Alenquer*, talvez por etimologia popular: influencia de *alem*, tão freqüente na toponimia.

Alexandro, hoje *Alexandre:* greco-lat. Alexandrum, em ital. *Alessandro*, em hesp. *Alejandro*. A fórma *Alexandro* vem, por exemplo, n*Os Lusiadas*, I, 3; ainda no seculo XVII, em G. Estaço, *Varias antiguid.*, cap. 45, e em J. Bahia in *Fenix Renascida*, I (1746).

Alistão, apelido do seculo XVIII: *O Silvense* n.º 42 (Filippe *Alistão* d'Almeida).

Aljofar, nome de molher judia, seculo XV, *A.H.,P.*, II, 195.

Almadanho, apelido, seculo XV: *A.H.P.*, II, 232.

Aloy, em *Santa Loy* = Sant'Aloy. Seculo XV: *A.H.P.*, I, 417.

Alpoem, apelido: seculo XVI, *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad.* ,IV, 124, 136. Ib., p. 136. Hoje *Alpoim*.

Alvoro, nome proprio: seculo XV e XVI, vid. *A.H.P.*, I, 299; II, 273 ss. (alterna com *Alvaro*); I, 67; II, 123, 158, 359 (alterna com *Alvaro*). Em um doc. publicado por Sousa Viterbo, *Duarte Galvão*, p. 81, ha *Aluro* (=Alv'ro), do seculo XVI. Hoje *Alvaro*.

Ambia, *Maria Paez dAmbia:* apelido, no seculo XIII: vid. *A.H.P.*, IV, 39.

Ambrum, apelido, 1523, *A.H.P.*, II, 123.

Amorim, apelido. Na origem foi genetivo pessoal, que se tornou nome geografico: *Amorini, derivado de *Amor*, cfr. o apelido italiano *Amorini*. O apelido português moderno *Amorim* provém, ás avéssas, da geografia.—Como estes casos, ha muitos no nosso onomastico: um nome ser sucessivamente pessoal, geografico, e outra vez pessoal.

Andreu, *Martinus Andreu*, seculo XIII, *Inquir.*, I, 251. Na idade-media tambem *Andreus* (no *Onomastico* de Cortesão). Do lat. *Andreus (<> Andreas), que explica o francês ant. *Andrieu:* vid. A. Thomás in *Romania*, XXXIX, 391. Na linguagem popular de Gil Vicente tambem ha *Andrel*.

Anes, vid. *R.L.*, x, 165.

Anhaia, *Manuel d'Anhaia*, 1523, *A.H.P.*, II, 131.

Anrique. Em um doc. galego de 1215 *Anrrique:* Vaamonde,

Ferrol, Pontedeume, p. 33.—*Ib.*, doc. de 1218: *vobis Abbati D.* **Henrri,** p. 35.—*Ib.*, doc. de 1226: vobis Abbati Dno. **Anrricho,** p. 37; *Abbati D.* **Henrrico,** 1226, p. 39, 40.—*Ib.: patris mei D. Enrriqui,* 1230, p. 56. Referido ao nosso conde: *Urrachae filiae comitis D.* **Henrrich** *et reginae D. Tharasiae,* de 1122, p. p. 67, *ibidem.*—Ainda em 1523 *Anriquez* tinha valor de patronimico: «Dom Bras Anrriquez, filho de dom Amrrique Amrriquez», no *A.H.P.*, II, 88.—Numa sepultura de Celas (Coimbra), de 1613, li: *Ana Anriques.*

Anselmo, de Anselmus, de origem germanica: de *Anses* (deuses) e *helm* (capacete). Propriamente Anshelmus.—A par com *Anselmo* ha a fórma popular *Inselmo.*

Antonio. É a fórma literaria. A par ha a fórma popular: *Antoino* (Sul) [1] e *Antônho* (Beira, por exemplo). *Antonho* será de origem eclesiastica, e não representante directo de Antonius, senão teriamos *-unho,* como em *testemunho* de testimonium; todavia ha o patronimico *Antunes* < Antonici.—Cfr. provençal antigo e moderno *Antóni,* tambem fórma de origem literaria; mas no poema sobre *Girart de Rossillon* encontra-se como fórma vulgar *Antonh:* apud P. Meyer in *Mémoir. de la Soc. de Ling.*, I, 146.

Apelonia, *Santa Apelonia,* no *Esmeraldo,* ed. de Epiphanio Dias, p. 111 (sec. XVI).

Arelhano, apelido, 1523: *A.H.P.*, II, 104.

Armando, nome proprio, que creio não é muito antigo entre nós. Do fr. *Armand,* arc. *Armant, Hermant, Herman,* que corresponderá ao alemão Hermann.

Arnau, seculo XVIII: vid. D. José Barbosa, *Mem. do colleg. de S. Paulo* (1727), p. 119. Cfr. fr. *Arnaud* e *Arnauld.*

Artur. Tem uma fórma popular: *Arturio,* na *R.L.*, XII, 312, e *Arturo* (Baião).—Em ital. tambem ha *Arturo.*

Aulete, apelido, por ex.: *Caldas Aulete* (escritor). Virá do gr. αὐλητής «flautista» (αὐλός «flauta»), sobrenome de Ptolemeu II, rei do Egito. Em francês: *aulète.*

Avellino. É apelido corrente na Italia, onde tambem é nome de cidade. Foi apelido de S. André, que viveu no seculo XVI. Da Italia veio o apelido para cá, certamente por causa do santo.

Ávrego, apelido, seculo XVI (do lat. Africus). Vid. «Piriz» nesta lista.—Provavelmente de origem geografica.

---

[1] Por exemplo no Algarve: *O Correio das Damas,* IX, n.º 8 (1851); na Extremadura: *R. L.*, V, 146.

Baldijão, apelido: Manuel Rodrigues *Baldijão*, 1794: *Rev. de Hist.*, II, 240. Deve ser nome patrio de *Baldige* = Valdigem (cfr. *Lições de Philologia*, p. 341).

Baldovino, seculo XII, in *Dissert. Chron*, II, 228.

Baptista, apelido. Fórma ortografica do seculo XIII: *Babtista*, nas *Dissert. Chronol.*, I, 259. Fórma antiga usual: *Bautista*, por exemplo «João *Bautista* de Castro», autor do seculo XVIII; ainda popular no Alentejo: *R.L.*, IV, 58. A pronúncia moderna é *Bàtista*.

Barahona, apelido de origem hespanhola. Doc. do seculo XIII, in *Bolet. de la R. Acad. Hesp.*, XXXIII, 1898, 143.

Barata, apelido, talvez tomado do italiano Baratta.

Bárbora, nome próprio: fórma popular de *Bárbara*. No *Compromisso de Guimarães*, 1516: «Santa Barbora». No triptico de Celas (Coimbra): «S. Barbara Vigem (sic)». Outra fórma popular: *Barba* (Santa Barba) etc.

Bastiam, apelido. Fórma hipocoristica de *Sebastiam* = *Sebastião*, como *Toneco* e *Tonho* de *Antonio*. (Propriamente *Toneco* é deminutivo). Em um doc. de 1523, *A.H.P.*, II, 88: «*Bastiam* Pirez», «*Bastiam* Leite». Nos *Primeiros Contos* de Teixeira de Queiroz, 3.ª ed. (1914), p. 166, lê-se: *tio Bastião;* mas a p. 171, referindo-se ao mesmo individuo, emprega o romancista a fórma plena: *senhor Sebastião*.—Em italiano ha *San Bastian* (próclise), mas *Sebastiano*.

Bàtesar, fórma popular algarvia do nome proprio *Baltesar:* vid. *R.L.*, VII, 110. Na Beira diz-se por etimologia popular *Bàtisar*. Em 1523: *Beltasar*, no *A.H.P.*, II, 90.

Belles, apelido, seculo XVIII (Manuel *Belles*): *O Silvense* n.º 42.

Benoço, nome proprio: *Benoço Amador*, seculo XVI, *A.H.P.*, II, 234.

Bernaldino, nome proprio, seculo XVI: Sousa Viterbo, *Medicos portug.*, II, 32. A par ha *Bernaldim*, 1523, no *A.H.P.*, II, 87; cfr. *Bernaldim Ribeiro* no *Cancioneiro de Rèsende*, fls. 211 v., onde altera com *Bernardino*, fls. 211 (da 1.ª ed.). Já no seculo XV: «*Bernalldym* de Tavora» em Sousa Viterbo, *Tapeçarias*, p. 31.

Bernaldo, nome proprio antigo: seculo XI, *Diplomata et Chartae*, p. 407, *ad finem;* seculo XVI, *A.H.P.*, II, 88 e 95 (*Bernalldo*). Tambem hoje popularmente, a par com *Bernardo*, se diz *Bernaldo* no Alentejo (Alpalhão), e no Algarve (*R.L.*, VII, 110; e *O Correio das Damas*, 1851, IX, n.º 8). Cfr. o roman-

ce popular *Bernal-Francês*. Em hesp. ha tambem *Bernaldo*, cujo *l* Grammont interpreta não por dissimilação, mas por influencia do de *-aldo* em *Arnaldo:* vid. *La dissimilation consonantique*, Dijon 1895, p. 117.—Com labialização do *e* diz-se popularmente *Burnardo*, *-a:* vid. *R.L.*, IV, 228 e 59.

Bernardinha, nome proprio, Algarve: *R.L.*, VII, 110. O usual noutras partes é *Bernardina*.

Berrio, apelido: 1523, *A.H.P.*, II, 106.—Nome da caravela em que ia Nicolau Coelho na expedição da India; esta caravela tinha sido comprada a um piloto assim chamado. Cfr. Epiphanio Dias na sua ed. d-*Os Lusiadas*, coment. a IV, 84, v. 5.

Bertolameu. Corrente no seculo XVI, ex.: *Bertolameu Diaz* em Barros, *Asia*, t. IV, 9 (1552), e Castanheda, *Descobrim.*, liv. I, cap. 6 ou 7, tambem *Bertolameu Diaz*. Outro exemplo vem no *A.H.P.*, I, 167.

Bertolesa. Numa sepultura da Sé de Silves, de 1577: «sepultura de Thomás Gomes de Orta e de sua mulher *Bertholeza* (sic) Fernandes»: *O Silvense* n.º 28.

Bethencourt. Nome de um navegador normando do seculo XV, descobridor das Canárias. Tornou-se apelido português, não raro: fórma actual *Bettencourt*. Fórmas arcaicas: *Betancor* e *Batancor:* no *A.H.P.*, II, 86 e 90. No *Santuario Mariano*, I (1707), lê-se: *Senhora de Betancort*.

Bibi, nome infantil por *Mimi*, de *Maria*, no Algarve: *R.L.*, VII, 110 (J .J. Nunes). Tambem no Algarve (Mexilhoeira Grande) se diz *Bia*, e parece que *Bibia*.

Bieito, nome proprio, fórma popular de *Benedicto:* em Sá de Miranda, *Poesias*, ed. de D. Carolina Michaëlis, p. 898.

Beixorda, apelido, seculo XVI: *A.H.P.*, I, 284.

Bocage, apelido, já em Portugal nos meados do seculo XVII: *A.H.P.*, II, 8.

Bonacho, apelido moderno (Golegã).

Boto, apelido. Já no seculo XV: *Rev. de Hist.*, II, 181. Corrente no seculo XVI: *A.H.P.*, II, 95; e Braamcamp Freire, *Critica e Historia*, I, 34. Figura como apelido de um conego da Sé de Evora no *explicit* do *Breviarium Elborense*, Hyspali 1528, na Biblioteca Nacional. Modernamente este apelido pronuncia-se *Bôto*. O Snr. Braamcamp, *Critica e Hist.*, loc. cit., nota, menciona uma lenda, segundo a qual o apelido tem origem em um verbo. É lenda meramente etiologica. Sem eu poder indicar a origem verdadeira, informo que em italiano se diz *Botto*, por exemplo «Antonio *Botto*», autor das *Disputationes in Aristotelis*

Logicam, Genova 1671. No Algarve ha algures *Val do Boto* (póde ter-se originado do nome de um proprietario). — O feminino do apelido *Boto* é *Bota;* Braamcamp, ob. cit., p. 34, nota 4. Esta formação é vulgar nos apelidos: *Coutinho — Coutinha,* etc. (atracção do genero) [1].

Breitiz (hoje *Beatriz*) em 1523: *A.H.P.*, II, 125, 127. Outra fórma é *Briatiz:* ib. I, 246.

Brianda, nome proprio: «*Rrianda* do Carvalhal» no *A.H.P.*, II, 95.

Bringeira, *doña Bringeira,* seculo XIII, *A. H. P.*, IV, 47. A p. 46: dona *Beringueyra.*

Bruto, apelido português (India): «Falleceu em Margão o Sr. A. A. *Bruto* da Costa, director do *Ultramar,* d'aquella villa». *Diar. de Notic.*, 15-V-911.

Cacegas, apelido. Cunha, *Hist. ecl. de Lisboa,* fls. 131, acentua o *e:* «fr. Luis de *Cacêgas*», cap. 32.

Çacoto, apelido, 1523; *A.H.P.*, II, 99. Por *Zacuto?*

Çad, apelido de um Judeu, seculo XV: *A.H.P.*, II, 182.

Calros, fórma pop. de *Carlos,* por exemplo no Algarve: na *R.L.*, IV, 334.

Càmões. Exemplos d'esta palavra: apelido em 1473: *ioham de Camoões,* recebedor do Arcebispo de Lisboa (in *Rev. Archeolog.*, I, 174); «B.el Lopo Luis de *Camões*» em D. José Barbosa, *Mem. do collegio de S. Paulo* (1727), p. 159. Vid. tambem Storck & D. Carolina Michaëlis, *Vida de Camões,* § 4, e p. 93 e nota *, e p. 96, notas.

Candido, nome proprio. Fórmas populares: *Cãido, -a; Cãidlo* (Algarve) na *R.L.*, VII, 113; *Cándigo* (Cadaval, etc.), com o sufixo atono *-igo.*

Cangueiro, apelido moderno.

Canôilas, apelido, no Baixo-Alentejo.

Canseo, apelido, 1523, *A.H.P.*, II, 98 (Camseeo).

Cão, apelido: no seculo XIII, *Inquirições,* I, 55, col. 1.ª («Pelagins *Cao* abbas»); 1306, *Diss. Chron.*, I, 296 (*Caaõ*) E cfr. *Lições de Philologia,* p. 181. O etimo está em canus (como aí digo), e não em canis (como alguem poderia supor), senão a terminação arcaica seria *-ã.*

Cardim, apelido: já em 1563, vid. D. José Barbosa, *Mem. do*

[1] Como ilustração lembrarei que na lingoa comum ha *boto* em várias acepções: vid. os dicionarios de Moraes, etc. Na India *boto* é certo sacerdote indigena: Lopes Mendes, *O Oriente e a America,* p. 13; e *A India Portugueza,* II, 33.

Colleg. de S. Paulo, p. 83. Ha tambem conhecidamente um autor d'este apelido (seculo XVII).

Carducho, «Francisco *Carducho*», 1507, *A.H.P.*, II, 234 e 354; e *Carduxo*, ibid. II, 97.

Carlota. A *Carlos* [1] corresponde como feminino *Carlota.*— Cfr. fr. ant. *Karlot*, nome do filho de Carlos Magno. Num romance popular port. ha *D. Carloto.*—Cfr. fr. *Charlotte.*

Caroto, nome proprio, sec. XVI: *A.H.P.*, II, 125.—Apelido actual em Guimarães.

Carrolina, por *Carolina: R. L.*, XII, 312.

Catalina, seculo XIV, *A. H. P.*, I, 352. Hoje *Catarina* e *Caterina*, pop. *Catrina.* Cfr. *Natercia* (anagrama).

Catanho, apelido: *A.H.P.*, II, 115 e 234: seculo XVI. Ainda usado hoje. Acaso de origem italiana: cfr. *Cattagna*, nome geografico.

Cerejo, apelido (Beira e Extremadura), de origem geografica. Na *Chorographia* de Baptista figura *Cerejo*, como nome de lugar, na Beira-Baixa, e como nome de casal, no distrito de Beja: provavelmente o primeiro *cerejo* representa de modo directo o latim *ceresiu, «cerejeira», e o segundo provém de um apelido de proprietario. A fórma *ceresiu é tambem justificada pelas palavras provençais *cereis, cerieis*, na mesma significação: A. Thomás, *Essais de Philol. franç.*, Paris 1897, p. 75. Cfr., quanto á fórma, *cerdeiro*, em Bragança: *R.L.*, III, 68; noutras localidades do Norte e Centro o usual para significar «cerejeira» é *cerdeira.* A palavra *cerejo* perdeu-se pois na lingua comum, naquela acepção, e só se conservou no onomastico.—Para ilustração do assunto acrescentarei o seguinte. Ha um dito gracioso: *dia de S. Cerejo*, que significa «nunca»: vid. *Ensaios Ethnogr.*, IV, 92. Aqui *Cerejo* nada tem, quanto a mim, com o *Cerejo* de que falei acima, mas relaciona-se com os seguintes adagios do Norte:

Do *cerejo* ao castanho
Bem me avenho (avanho),

Do castanho ao *cerejo*
Mal me vejo,

isto é, no verão (do tempo das cerejas ao das castanhas) ha muitos frutos nos campos, e no inverno (do tempo das castanhas ao das cerejas) ha poucos. Os masculinos *cerejo* e *castanho* devem

[1] Vid. *Lições de Philologia*, pag. 433 ss.

ter sido provocados pelo genero de «tempo» subentendido,— formação em certo modo analoga á de *palha centeia*. Tambem se diz, creio: *pelo cerejo* = «pelo tempo da cereja» (*pelo castanho* é que nunca ouvi). Não se confunda este *castanho* com o que entra na expressão «pau de *castanho*», onde o vocabulo tem outra origem ideologica e morfologica: lat. castaneu, representado onomasticamente em França por *Le Chastang*, no seculo XI *Castanio:* A. Thomas, *ob. cit.*, p. 75. Como nomes geograficos temos cá tambem: *Castanho* e *Castanhos*.

Cezila, fórma popular de *Cecilia*. Deve ser do Sul.—Já em 1523: *A.H.P.*, II, 89.—No Cadaval diz-se *Cezilio* por *Cecilio* (dissimilação).

Chama, apelido em uma sepultura do mosteiro de Celas (Coimbra), de 1660: *Violante Chama*. Cfr. a fórma medieval *Chámoa* < Flammula, e o nome de terra *Torre de D. Chama*.

Chanoca, apelido, 1523, *A.H.P.*, II, 109.

Cherniche, apelido, seculo XVI, *A.H.P.*, I, 284.

Chichorro, apelido, 1523, *A.H.P.*, II, 100.

Chico, fórma familiar ou hipocoristica de *Francisco*. Cfr. na Suiça: *Tsika* = Françoise, qui rappele l'italien *Franciska*», vid. *Bullet. du glossaire des patois*, II, 61.

Chimborgas, alcunha de um fadista: alteração do nome do *Conde de* **Schönberg**. Informação do Sr. Pedro de Azevedo, que me indicou o seguinte trecho d-*A Luta* de 22-XII-909: «Muge, 19. Dissemos hontem que havia sido preso, como suposto auctor de um caso deveras significativo, um individuo de nome J. da S., Fadista, vulgo *O Chimborgas*. Hoje podemos acrescentar que o preso se encontra em Salvaterra, ás ordens do sr. administrador etc.».—Os fenomenos filologicos que se deram na passagem de Schönberg para *Chimborgas* foram: *-s* prostetico, como em *o bolas*, *o côdeas*, por isso que se trata de um fadista; influencia da palavra *borga*, pelo mesmo motivo (etimologia popular); alteração da vogal da primeira silaba, por influencia da palatal inicial.—Vid. a proposito do Conde de Schönberg (*Schönberg* é o nome de uma cidade austriaca) a seguinte obra: *O Conde de Schönberg* em Portugal por C. Aires, separata da *Hist. do Exército*, vol. II.—O Conde esteve em Portugal na guerra da restauração) 1660-1668).

Cibrão, apelido. De Cyprianus: cfr. *Cibraão* no *Elucidario* de Viterbo. A par ha *Cibrião:* Cfr. *S. Çibrião*, seculo XV, na *Vida de S. Paulo de Thebas*, ed. de F. M. Esteves Pereira, Coimbra 1904, p. 7.

Cicerão. Em Simeão Antunes, *Rimas Sonoras*, Lisboa 1731, p. 31; cfr. o *Cancioneiro* de Rèsende, I, 380 (*Cyçarram*); e o fr. *Cicéron*.

Cid. Cfr. *Lições de Philologia*, p. 173 (*Zidi*). Nos *Port. Mon. Hist.*, Scriptores, I, 261: «pello Çide» (o heroi); *Cid* como nome proprio, nos começos do seculo XVII, em D. José Barbosa, *Memorias do Coll. de S. Paulo* (1727), p. 115; ainda hoje apelido português.

Cimarmão, apelido, seculo XVI, *A.H.P.*, I, 284. Do alemão *Zimmermann*, que é nome comum («carpinteiro») e apelido.

Cirne, apelido: de *cisne*, por dissimil., e tendencia para $s+n>r$ (cfr. no Sul: *mermo*). Cfr. em dial. de Italia: *scarla* = * scasla, *Cernusco* = * Cesnusco, etc. em Salvioni, separata da *Miscel.-Acoli*, p. 16.

Cisneiros, apelido, 1524, *Rev. de Hist.*, I, 248 (yoam de çisneiros). Ainda hoje usado. O vocab. é de origem hesp.: na toponimia *Cisneros*, *Cisnera*, de cisne.

Clamentina, fórma popular de *Clementina:* Avis, *R.L.*, IV, 229.

Climente, fórma popular de *Clemente*. Interamnense.

Clino = *Quirino*, nome proprio. — Obidos.

Coge Çofar. No *Segundo Cerco de Diu* de Côrte Real a metrica baseia-se na pronúncia *Çofár:* vid., por exemplo, p. 13, 15, 18, da ed. de 1784.

Coicêção, fórma popular de *Conceição*. Algarve, *R.L.*, IV, 335.

Conçalves, fórma popular de *Gonçalves: R.L.*, XII, 312.

Cosmo = *Cosme*, 1523, *A.H.P.*, II, 89.

Costança, nome proprio, seculo XIII, *O Instituto*, XLVI, 943; seculo XVI, *A.H.P.*, I, 189 e 352.

Costantino, nome proprio, seculo XIII, *O Instituto*, XLVI, 944. Ainda hoje popular.

Coucelo, apelido (Lisboa): vem no *Annuario Commercial* de 1903; e vi-o tambem mencionado em um jornal. A origem está em um nome de planta (Moraes, *Dicc.*).

Crastro, apelido, de origem geografica: *João de Crastro*, seculo XVI, no *A.H.P.*, IV, 58. A pronúncia devia ser *Crasto*, pois suponho que *Crastro*, se não é êrro, é mera fórma ortografica resultante do cruzamento de *Crasto* (popular) com *Castro* (literario).

Cristos: vid. *Lições de Philologia*, p. 47. Outro exemplo: »huũa cruz de *Christos*», 1523, *A.H.P.*, II, 405.

Cristóvão, nome proprio. De Christophorus, com *-vão*, por analogia com *Estêvão* <Stephanus=Στέφανος. Cfr. ital. *Cristófano* em Grammont, *La dissimil. conson.*, p. 88; mas Mussafia, *Beitrag zur Kunde der norditalien. Mundarten*, 1873, p. 12, n. 4, pretende explicar o ital. *Cristófano* foneticamente, e não por analogia. — Cfr. outras fórmas: fr. *Cristofle*, hesp. *Cristobal*, onomastico hesp. *Sancristobalejo* e *Sancristofol;* onomastico português do concelho de Melgaço *Cristóval* (Cristóbal). A nossa fórma popular de *Cristóvão* é *Cristovo*, no deminutivo *Cristòvinho;* cfr. galego *Cristobo*.

Culádio, fórma popular de *Claudio:* vid. *R.L.*, IV, 61.

Dagaia: *Costança dagaya*, seculo XIV, *A.H.P.*, I, 353.

Danzino, apelido, seculo XVI, *A.H.P.*, II, 97.

Dapniel. Lê-se *Joham Dapinel*, seculo XIV, no *A.H.P.* I, 353. Certamente = *Dapniel* (Daniel). Cfr. *dapnar*, fórma ortografica de *damnar*.

Davim, apelido = **d'Avim.** *Avim* é o nome de um povito na Bairrada, propriamente *Val de Avim*, como vem em Baptista: na frèguesia da Moita, concelho da Anadia.

Davit (*David*): «..com hũa ymagem del Rei *Davit* sem brocha..», seculo XVI, *A.H.P.*, II, 410.

Dellodeu, nome proprio, 1522: *A.H.P.*, II, 250=*De(u)s lo deu* (*Dellodeu Pirez*). Cfr. *Deusdado*, *Deodato*, e **Deulladeu** em Monção.

Deniel, fórma popular de *Daniel*, nome proprio. Em catalão ha o apelido *Deniel:* vid. por exemplo *La Veu de Catalunya* de 5-X-99.

Denis, é assim que se lê na Chancelaria de El-Rei D. Denis, na Torre do Tombo, e nas poesias do mesmo Rei, inclusas no *Cancioneiro da Vaticana*, n.os 80 ss.; cfr. n.º 708 etc. «El-rrey dom *Denis*» no *Cancioneiro Geral*, I, 460. Cfr. tambem D. Carolina Michaëlis in *Zf. f. rom. Philol.*, XIX, 578, nota, que considera *Denis* fórma popular, e *Dinis* fórma literaria (*recta pronúncia*). Talvez *Denis* seja fórma de origem francesa, devida á influencia de *Saint Denis.* — Outra fórma antiga é *Donis;* cfr. tambem D. Carolina *ibidem*, *ibidem*. N-*Ho Flos Sanctorum*, ed. de 1573, fl. CXLIX, lê-se repetidamente *Sam Donis*.

Deodato, nome proprio: de Deodatus; cfr. *Deusdedit*, nome de um Pápa (seculo VII), e *Deusdado*, apelido actual. É freqüente subordinar os nomes proprios a ideias religiosas, o que já vem dos Gregos. Os primeiros Cristãos seguiam o mesmo caminho. Cfr. tambem Colebrook, *Names of Mohammdans*, p. 214-215, onde cita muitos exemplos d'esta especie.

Dias, apelido: cfr. *Lições de Philologia*, p. 261. No seculo XVI, *Diaz:* vid. *A.H.P.*, II, 125. Outro exemplo, supra, s. v. «Bertolameu». De Didaci, gen. de Didacus. Acêrca de Didacus vid. *Studj di Filologia romanza*, VI, 591, nota.

Diego, nome proprio, de origem hespanhola. Seculo XIV: *A.H.P.*, I, 353 (*Diego Giraldez*). Seculo XV: Sousa Viterbo, *Duarte Galvão*, p. 51 (*Dieguo*). Seculo XVI, *ibidem* p. 65 (*Diego*), a par de *Diogo*, ib., p. 69; *Esmeraldo de situ orbis*, ed. do Sr. Epiphanio Dias (*Dieguo d'Azambuja*).

Dobraz, apelido alentejano. Ouvi esta explicação: que alguem da familia se chamou *João-do Brás*, d'onde pela fusão do *do* com o nome seguinte veio *Dobraz*. Cfr. *Dantas* = d'Antas, e ás avessas *Ornelas* < *Dornelas* = *d'Ornelas* (pois *Dornelas* é deminutivo de *Dornas*, nome geografico). Cfr. *Lições de Philologia*, p. 252-253.

Dominguiz, seculo XIII, *A.H.P.*, I, 379.

Dordío, apelido alentejano. Feminino de *Dordía*, nome proprio; de *Dordea* < Dorothea: vid. D. Carolina Michaëlis in *Zf. f. rom. Phil.*, XXV, 134, nota 1.

Duarte. Num texto fr. que P. Meyer suppõe não anterior ao seculo XIV, lê-se várias vezes: *Saint Edouart, roys Edouardt, enfes Edouart*, etc., in *Romania* XL, 45 ss. Tambem se lê *Odouart*, ib., p. 45. — A fórma portuguesa antiga é *Eduarte:* por exemplo *Dom Eduarte*, nome do Rei (leis: Aragão, *Moedas de Portugal*, I, 369 ss.); e o mesmo se lê em todos os documentos da Chancelaria de D. Duarte na Torre do Tombo, e bem assim na Chancelaria de D. João I, liv. 4, fls. 40 v., e 74, em 1459 = 1421, segundo informação do Sr. Pedro de Azevedo.

Durãaez. Assim deve ler-se a palavra *Duraaez*, seculo XIV, no *A.H.P.*, I, 352. Patronimico que corresponde a *Durão*.

Eanes, vid. *R.L.*, X, 165.

Eduardo, nome proprio. — Na *Chancelaria de D. Afonso V* (na Torre do Tombo) em 1456 e 1468, liv. 13, fls. 161, e liv. 28, fls. 121, lê-se *Duardo* (informação do Sr. Pedro de Azevedo). A palavra é de origem germanica: ingl. *Edward:* do anglo-saxão *ed-* = al. *od-* «riqueza», «bens» [1]. Do inglês passou para o alemão e outras linguas: al. *Edward* e *Eduard* [2], fr. *Edouard*, hesp. *Eduardo*, etc. — Nas *Inscrizioni Portoghesi di Roma* de Frascarelli, Roma 1868, vem uma inscrição latina do seculo XVII:

---

[1] Vid. R. Kleinpaul, *Die deutschen Personennamen*, Leipzig 1909, p. 46-47.
[2] Förstemann, *Namenbuch*, p. 450.

Oduardus Paulus, nobilis Lusitanus, etc., p. 15; e: *Odoardus Pavius* [1], *nob. Lus*(itanus) etc., p. 51, do ano de 1600.—Li algures *Otward*, como fórma alemã antiga.—Vid. tambem neste vocabulario «Duarte».—Deixando de lado a fórma alatinada *Odoardus*, que não sei se corresponde a uma portuguesa *Odoardo* ou *Oduardo*, temos: de um lado *Eduarte* (resumida em *Duarte*), que nos viria por intermedio do fr. *Edouart;* e do outro *Eduardo*, que nos viria por intermedio do hespanhol. (Não posso agora verificar se em hesp. ant. ha tambem *Eduarte*).

Érica: vid. *Ensaios Ethnographicos*, III, 157, onde comparei este nome com *Afra*. Nas lendas religiosas de Braga ha *Santa Afra*, vid. Cunha, *Hist. eccles. de Braga*, t. I, p. 162 ss. (o etimo é o lat. Afer, -fra, -frum).

Egea, seculo XIII: «de meono dõno *Egea*», in *A.H.P.*, IV, 41. Cfr. Cortesão, *Onomastico*, p. 100, onde cita tambem *Egea*, e alem d'isso *Egee*, *Egeas*, *Egeus*, palavras que certamente se relacionam com **Egas,** já do seculo X: cfr. além d'isso *Egica*, *Egicat* = *Egicaz*, *Egikari*, *Egika*, *Egikaz*, *Egiquiz*. Cfr. tambem Meyer-Lübke, *Die alt. portug. Personnennamen*, § 36.

Elisabel, nome proprio, 1516, no *Compromisso de Guimarães*, fls. IV v. (Elysabell); noutro lugar *Elysabel*. No *Onomastico* de Cortesão: *Elisauet* = *Elisavet*, seculo X. Cfr. *Elisabeth* em alemão, e *Élisabeth* em francês. Outra fórma portuguesa antiga é *Isabela*, seculo XIII: «a Reyna dona *Isabela*», n-*O Instituto*, t. 46, p. 1005; *Isabella Gonçalvez*, seculo XV, no *A.H.P.*, II, 186. A fórma actual é *Isabel*, popularmente *Zabel* e *Jabel*. Embora a palavra seja originariamente hebraica, as duas fórmas portugue-*Elisabel* (*Elisabeth*) e *Isabel (Isabela)* devem ter vindo, cada uma por sua via, e cada uma em sua epoca.

Enes, no *A.H.P.*, I, 353, deve acentuar-se *Enês*.

Énes, vid. *R.L.*, X, 165.

Esmeraldo, apelido, 1520, *A.H.P*, II, 158.

Especiosa. Nome de mulher, no seculo X, *Speciosa*, na Hespanha: Hübner, *Inscript. Christ.*, n.º 222, e *Boletín de la Ac. de la Hist.*, XX, 206.—Cfr. *Estudos de Philolog. Mirand.*, I, 82-83.

Estevainha (id. med.), nome de mulher, Azevedo, *Escravos*, p. 9. De Stephanía > **Estevãĩa*, ou de Stephanina?

Estopinhão, apelido, 1523, *A.H.P.*, II, 109.

Eusebio, nome proprio. Uma vez, por acaso, ouvi em Oeiras dizer a um Çaloio que conversava com outro: «Não se diz

[1] I. é: «de Paiva».

Ózébio, é *Inzébio*» (Lembra a conhecida anecdota das tres viscondes!). D'onde se conclue que as duas fórmas são populares.

Faião, apelido de Judeu, *A.H.P.*, II, 197, seculo XV (*Fayam*).

Faleiro, apelido, 1523, *A.H.P.*, II, 123.

Farabam, apelido de Judeu, seculo XV, *A.H.P.*, II, 184.

Farnandes, fórma popular de *Fernandes* (Alandroal): *R.L.*, IV, 64.

Farzam. Hoje «Frazão»: seculo XVI, *A.H.P.*, II, 96.

Felipo, nome proprio: «*Felippo* Rey de Macedonia», seculo XVII, Rodrigues Lobo, *Corte na aldea,* mihi, p. 160. Noutro A. do seculo XVII: *Filipo,* vid. Andrada, *Casamento perfeito*, ed. de 1726. p. 141.—No seculo XIV tambem *Filipo*, vid. *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad. das Sc.*, III, 300.—Do gr.-lat. Philippus. Já porém nos *Lusiadas*, X, 104, *Filippe*, a par de *Philippo*, I, 75, 54. É claro que falando da epoca classica o Poeta empregou a fórma com *-o*, e da epoca portuguesa a fórma com *-e*. A fórma com *-e* deve ter-nos vindo de Hespanha ou França.

Fernão. Na origem deve ter sido: *Fernão* só antes de cons., mantendo-se parallelamente o *-de* antes de vogal: cfr. *Fernam dAluarez*, *Fernam dAfonso* e *Fernam Lopez Omes* num mesmo doc. e ao pé: seculo XV, *A.H.P.*, II, 197 [1].—O nosso mais antigo Gramatico chama-se a si mesmo *Fernão d'Oliueyra* na sua *Gramatica*, 1536 (mas dentro diz: «per mandado do muy manifico senhor Dom Fernando Dalmada em Lixbõa etc.», no fim da obra); na *Arte da Guerra*, 1555, assina-se no frontespicio *Fernando oliueyra*, e dentro diz *Fernandoliueyra* (em uma só palaura). O fac-simile da assignatura d'elle, tal como vem no importante livro do Sr. Lopes de Mendonça, intitulado *O Padre Fernando Oliveira*, Lisboa, 1898, é *Fernandooliveira* (a ultima vogal do nome liga-se com a primeira do appellido). Por um lado *Fernão* é fórma resumida de *Fernando* (cfr. *são* a par de *santo*); por outro lado *Oliveira* é originariamente nome geographico, e quando se tornou appellido era precedido de *de;* em virtude d'isto parece-me que as oscillações na escrita do nome representam todas *Fernão d'Oliveira* e não *Fernando Oliveira.*—A theoria é: Fernando da Oliveira > Fernando de Oliveira > Fernando d'Oliveira > Fernan-d'Oliveira.

Ferrão. Suponho vem de *Ferrando*, nome que se encontra

---

[1] Assim emendo o que por distracção escrevi nos *Textos Archaicos*, 2.ª ed., p. 150, distracção que justamente me foi corrigida por Nobiling, in *O Estado de S. Paulo* de 10-x-908.

em documentos aragoneses do seculo XIII: *Boletín de la Acad. de la Hist.*, LXXIV, 316. Froissart, liv. III, e 28, escreve *Ferrant*, correspondente a «Fernando». Vid. outro exemplo de *Ferrando* adiante, s. v. «Furtado».

Ferzilhão, apelido 1523. *A.H.P.*, II, 129.

Fins, propriamente *Finz*, apelido deduzido de *Sanfins* = S. Fins ou *S. Finz*. De Sanctu(m)-Felice(m) [1]. *S. Feiz > S. Fiiz (assimilação do *e* ao *i*, como em *viir*, *pidir* etc.) > S. Fiiz (nasalmente devido á nasal inicial [2]). A fórma *Fiiz*, como de nome proprio, e sem nasal, é já do seculo X, vid. Cortesão, *Onomastico*. Num doc. de Hespanha, do seculo XII, lê-se: «Michael *Feliz* Merinus», no *Boletín de la Acad. de la Hist.*, XXXIII, 135. Perfeitamente comparavel a *Sanfins*, com nasalmente, é o lorenés *Saint-Felin*, onde a nasal final é tambem devida á da silaba inicial: vid. *Zs. f. roman. Philolog.*, XXXIII, 630. — A par com *Fins* ha tambem *Félix*, nominativo latino, passado para cá por via eclesiastica. — Na lingua comum temos *feliz* e *felice*, de origem literaria. — São pois multiplas na fórma portuguesa que representam a latina: a) de origem popular, *Fiiz*, *Sanfins* (= *S. Fins*), *Fins;* b) de origem eclesiastica, *Félix;* c) de origem literaria, *feliz*, *felice* (poetica).

Florença, nome de mulher, seculo XIV, *A.H.P.*, I, 353. Feminino correspondente ao moderno *Florencio*.

Fonseca, apelido de origem geografica: *Fonte Sêca* (em proclise), como *Monsanto* < *monte santo*, *Monsul* < *monte do Sul*. Quanto a *Fonseca*, cfr. tambem em catalão *Fontseca* (apelido).

Fonso, correspondente a *Afonso:* seculo XI, nos *Diplomata et Chartae*, n.º 275.

Froes, apelido; *Fróez*, em 1523, *no A.H.P.*, III, 86. De Florici. Cfr. *Florez* em hespanhol. Fórmas de origem semi-literaria.

Frolentim, apelido de origem geografica, ou designação patria, em *Bertolameu Frolentim*, seculo XV e XVI: *A.H.P.*, I, 353 e 360. Hoje *Florentino*. — Cfr. (quanto ao sentido) *Toscano*.

Funes, apelido: *Peró de Funes*, 1523, *A.H.P.*, II, 127.

Furtado, apelido. Diz Moraes, *Dicc.*, s. v. «furtado»: «*Filho furtado*, não legitimo, daqui o appellido dos *Furtados; parto furtado*, occulto. Leão, *Chr.* I, f. 28. encoberto, illegitimo». A origem está pois numa designação de proveniencia, especie de

[1] Cfr. o que escrevi na *R.L.* II, 372-373.
[2] Cfr. J. J. Nunes, *Convergentes e divergentes*, p. 27, nota 1.

alcunha; cfr. o apelido *Colaço*. — A mesma explicação tem o apelido hespanhol *Hurtado*. Cfr. *Ferrando Furtado*, cronista latino medieval de Hespanha: vid. *Boletín de la Ac. de la Hist.*, XIV, 114.

Galvão, apelido. Terá algo com *Gauvain*, personagem da Tavola Redonda? Cfr. E. Langlois, *Noms propres dans les Chansons de geste*, Paris 1904, p. 271. Na nossa toponimia ha várias vezes *Galvão*, que póde ter origem em nome de proprietarios: segundo a *Chorographia* de Baptista, o nome geografico *Galvão* aparece no distrito de C. Branco e nos do Sul. Nome proprio medieval *Galvam:* vid. *Onomastico* de Cortesão, p. 146.

Gamão, apelido, 1523. *A.H.P.*, II, 117. Aumentativo de *gamo*.

Genoeva, por *Genoveva* (dissimulação), fórma popular corrente, por ex, em Entre Douro & Minho e na Beira.

Germeriz, seculo XI, em G. Pereira, *Pergaminh. da Universid.*, p. 113.

Getruzes, por *Gertrudes*, em Vila Pouca d'Aguiar. Por analogia com palavras acabadas em *-uzes*.

Gil, nome proprio, vindo de França, ou directamente, ou por intermedio de Hespanha, onde ha tambem *Gil*. A cêrca do hesp. *Gil*, correspondente ao fr. *Giles*, vid. *Grundriss der roman. Philolog.*, t. I, 1.ª ed., p. 702. Do fr. *Giles* (*Gilles*), prov. *Gil*, trata Schätzer, *Herkunft der französischen Heiligennamen*, Münster de W., 1905, p. 25-26. — *Egidio* é fórma eclesiastica, tirada directamente de Aegidius. Cfr. *Dionisio* a par de *Denis*.

Ginevra, 1523, nome proprio de molher, *A.H.P.*, II, 127. Pertence á categoria dos nomes cavalheirescos usados pela fidalguia portuguesa, do seculo XV em diante: Th. Braga, *Poetas palacianos*, p. 17.

Godiinz: assim se deve ler a fórma *Godiis* que vem no *Onomastico* de Cortesão: cfr. *Godiinz*, sec. XV, no *A.H.P.*, II, Patronimico de *Godīo* (assim deve tambem le-se a fórma *Godio*, seculo XIII, no cit. *Onomastico*).

Gomes, vid. *Onomastico* de Cortesão, s. v. «Gomez», «Gomize», etc.: tambem no lat. barbaro de Hespanha *Gomizi* e *Gomiz* (seculo IX) in *Revue Hispaniq.*, VII, 287. Esta palavra tem sido usada entre nós, nas suas diferentes fórmas, ora como nome proprio, ora como apelido.

a) Como nome proprio:

Gomez Enes, filho de *Joham Martinz*, seculo XIV, *A.H.P.*, I, 353;

«Nós *Gomez Fernãdez*, alcayde», em um doc. do seculo XIV do Museu Etnologico, oferecido pela Sr.ª Ascensão Valdês;

Gomez M(art)i(n)z Teixeira, seculo XV, *A.H.P.*, II, 186;
Gomes Eannes de Azurara, cronista do seculo XV;
Gomes de S. Estevão, autor de um livro impresso em 1554;
Gomes de Figueiredo, autor de um livro impresso em 1668;
Gomes Freire de Andrade, escritor, heroe e martir do seculo XVII-XVIII.

Tambem na Hespanha como nome proprio: *nomine* **Gomecius** *Didaci* em um sepulcro de Toledo, do seculo XIII, com inscrição latina (vid. *Boletin de la Ac. de la Hist.*, XX, 458).

b) Como apelido:

Margarida Gomez, seculo XIV, *A.H.P.*, I, 353;
Bertolameu Gomez em um ms. de 1401, de Silves, no Museu Etnologico;
hoje *passim (Gomes)*.

Gonçalvīo: deve ter-se usado como nome proprio <*Gundisalvinus, pois ha um *casal do Gonçalvīo* no seculo XIII: *A.H.P.*, IV, 40.

Goncinha, nome de mulher, seculo XIV, doc. de Pedroso: em G. Pereira, *Perg. da Univ.*, p. 49.

Gontina, nome de mulher, seculo XII, G. Pereira, *Perg. da Univ.*, p. 114.

Goterre, nome proprio, 1523, *A.H.P.*, II, 99 (*don Guoterre*).

Goucheiro, apelido (Extremadura). Relaciona-se com *Goucharia* ou *Gouxaria* (nome geografico)?

Graviel, fórma popular usual de *Gabriel*. Já em 1523: *A.H.P.*, II, 98.

Grigorio, fórma antiga corrente: por ex.: *Dialigos de S. Grigorio*, ms. medievico da Biblioteca Nacional; *Grygorio* no *Cancion.* de Rèsende, II, 534; *Grigoreo*, 1523, no *A.H.P.*, II, 125. O primeiro *i* representa a pronúncia do η de Γρηγόριος. Em grego moderno de Atenas tambem se pronuncia assim, como lá ouvi.

Guedes, apelido. Esta palavra em certas localidades, por exemplo, Mondim da Beira e Baião, pronuncia-se *guêdes*.

Guilherme. Outras fórmas (antigas) d'este nome: «*Guilhelme* Corbonel, vigairo geeral do.. bispo (de Lisboa)», seculo XIV, *A.H.P.*, I, 354 (estrangeiro); «a quem puzerão nome *Guilhermo*», na *Côrte na aldeia*, mihi, p. 211.

Guimarães (dos), apelido: *Pereira dos Guimarães*, seculo XVIII, in *Rev. de Hist.*, II, 238, col. 2.ª—Tambem conheço hoje este apelido.—Do *dos*, assim empregado, não sei indicar outro caso, senão talvez *Vieitas* (vid. este nome). Parece seria na ori-

gem: «da familia dos Guimarães»; cfr. em italiano *De Amicis*, etc.—Incidentemente notarei que o bom português é dizer-se, por exemplo, «a familia *dos Pereiras*» etc., e não, como por êrro se diz, «a familia *Pereira*».

Guiteria: em *Santa-Guiteria* no *Anno Hist.*, I (1744), 530. Tambem se diz vulgarmente, como nome de mulher, *Guiteria; Guetéra.*

Inhego, 1523, *A.H.P.*, II, 106 (*Inheguo*). Por *Iñigo* (hespanhol).

Ibenegas, nome de homem, seculo XI: G. Pereira, *Pergam. da Univ.*, p. 113. Corresponde a *Iben-Egas*. D'aqui vem o moderno *Viegas*. Fórmas intermedias: *Venegas* (seculo XIII) = Vẽegas, nas *Inquisitiones*, p. 163, col. 1.ª; *Veegas*, seculo XIV, in *A.H.P.*, IV, 39 (transcrição antiga). O *-ié-* da fórma actual resulta de ter a nasal mantido *ee* (*Veẽgas* > *Veegas*), senão em vez d'este digrafo teriamos apenas *é*.

Inês, nome proprio. Do gr. ἁγνή «pura». Ἁγνή como apelido, em Pausanias. Vid. Acta *Bollandiana*, II, Janeiro de 1643. *Hagne* vel *Hagnes* vel *Agnes*, *-ētis*. Já Cornu, *Die portug. Sprache*, § 237, indica a serie: Agnes > *Einês* > *Inês*. A fórma *Einês* é do seculo XV, vid. Cortesão, *Onomastico*, sub voce.

Iria, nome proprio. De Εἰρήνη «paz», «deusa da Paz». *Eirēa* > *Eirea* > *Eiria* > *Iria*. O ditongo *ei* tonico deu *i*, talvez por influencia do ditongo atono anterior. Cfr. *Leireia* > *Leiria*.—A fórma *Eiria* vem por exemplo em Fr. Antonio da Purificação, *Chron. de S. Agostinho*, 1642, t. I, fls. 245 v. ss: Santa *Eiria*.

Jabel, fórma popular de *Isabel*, por exemplo em Tras-os-Montes.

Jacintro, fórma popular de *Jacinto*. Do greco-lat. Hyacinthus.

Jenuario, fórma popular de *Januario*. É curioso que em inscrições latino-cristãs da Galia se encontre: *Genuarius*, *Ienuari*, *Genuarias*, vid. Le Blant, *Catalogue du Musée de Marseille*, p. 55-56. A fórma portuguesa com *e* não ascende á latina *Genuarius*, coma o prova a terminação, mas a razão fonetica é a mesma nos dois casos. É tambem uma fórma como Ienuarius que explica a hespanhola *enero*.

(Continua).

J. Leite de Vasconcellos.

MISCELANEA

"A fé é que nos salva e noêja o pau da barca„

Comentando a origem deste velho adagio, cuja expressão regional (Fundão) adopto em epígrafe, registou um distincto folklorista, já falecido, o seguinte conto tradicional da ilha de S. Miguel:

«Uma rapariga que estava muito doente, e já desenganada dos medicos, pediu ao noivo, que ia a Jerusalem, que lhe trouxesse da cidade santa um pedaço da madeira da Cruz em que Christo foi pregado, para tomar em vinho, a ver se assim melhorava. O namorado esqueceu-se do pedido da moribunda e, na volta, cortou um bocado de madeira do navio em que vinha, para enganar a rapariga, e como esta se achasse curada completamente, depois de o tomar, dissolvido em vinho, elle então comentava: — «*A fé é que nos salva neja o páo da barca*» [1].

Nos seus *Contos Tradicionais* [2], Teofilo Braga julgou apressadamente que o conto-origem deste velho anexim se tivesse apagado no rumôr da tradição popular. Veiu, porêm, a lume a versão que acabo de reproduzir, incompleta, porventura, no episodio do esquecimento do noivo. Não podendo agora verificar se outras lições se terão publicado, registo a seguinte, colhida no Fundão:

«Duma ocasião mandaram um homem à cata dum saibio, pra curér' mas maleitas. No caminho perdeu-se e incontrou um rio. Atravessou-o atão n'ma barca, mas 'squeceu-se de proguntar pelo saibio. Quando voltou, trouxe um bocadinho do pau da barca, mandou fazer um coz'mento, e dixe qu'o saibio é que tinha mandado. E com tam bôa fé o boêram, que fugirem nas maleitas. E o homem dezia atão qu'a fé é que nos salva, e noêja o pau da barca».

Ha nesta versão um pormenór importante, que explica satisfatoriamente o esquecimento do enviado. É o que diz respeito á travessia do rio. É um facto corrente na superstição popular que as aguas dos rios fazem perder a memoria aos que os passam.

---

[1] Armando da Silva, *Folk-lore e Dialectologia de Espozende*, 13-15.

[2] Porto, 1883, vol. I, p. XLIX.

O sr. Leite de Vasconcelos [1], registando alguns factos curiosos das tradições das aguas, e verificando que em Torre de Moncorvo «quem atravessar um rio deve apanhar um seixinho e metê-lo na boca, para *se não esquecer* do modo de falar da sua terra» — refére tambem a «tradição antiga de as aguas dos rios produzirem o *esquecimento*».

Sem duvida, em qualquer das duas versões apontadas, o esquecimento do protagonista é o principal elemento do conto popular, pois, êle só, prepara e justifica o desenlace. Daí o provavel interesse da minha versão, que deixo exposta sem outros confrontos.

Fundão, 7-3-918.

JOSÉ MONTEIRO.

Casos de prolepse fonetica

É corrente na Beira Alta a expressão — «a bem de dizer», cujo emprego nas obras literarias e na boa conversação já Manoel Joseph de Paiva [2] condena, como fez a tantas outras locuções estereotipadas que ele supunha tornarem enferma a lingoa. Nesta expressão «a bem de dizer» o *de* não é propriamente preposição: é o som *d* da sílaba inicial do verbo *dizer*.

A acomodação dos orgãos da voz para a pronúncia deste verbo determinou o aparecimento da articulação *de* antes da palavra *dizer*, articulação que a analogia com a particula prepositiva *de* ajudou a fixar e conservar.

É o princípio fonetico, chamado da predisposição, que explica estes e outros fenomenos, tais como a metafonia e a assimilação regressiva.

No caso de fonetica sintatica que apresentamos, como na expressão — «ambos de dois», estudada pelo falecido filologo Julio Moreira [3], a prolepse é imediata. É, porem, mediata no proverbio — «quanto mais depressa, mais devagar», em vez de — «quanto mais pressa mais devagar», em que o *de* da palavra — *devagar* aparece no substantivo — *pressa*, para o que devia tam-

[1] *Ensaios Ethnographicos*, II, 35.
[2] *Infermidades da Lingua*, Lisboa, 1760, pag. 107.
[3] *Estudos da lingua portuguesa*, Lisboa, 1907, I, pag. 8.

bem ter contribuido não pouco a analogia com o adverbio—*depressa.*

Outro caso de prolepse fonetica encontra-se no popular proverbio—«aguas passadas não movem moinhos», e que na Beira Alta se diz «aguas passadas não moem moinhos», o que indica que se suprimiu a continua—*v* em virtude dos orgãos da voz ao pronunciarem a palavra—*movem*, estarem já a adaptar-se para a articulação do substantivo seguinte—*moinhos*, visto como ha uma palavra interior mais veloz que a palavra audivel. A existencia da forma verbal—*moem*, do verbo—*moer*, devia ter facilitado a queda da consoante—*v*, de *movem.*

Neste caso de prolepse o principio fonetico da predisposição actua, não acrescentando sons, como nos exemplos apontados precedentemente, mas, pelo contrario, suprimindo tais sons.

João da Silva Correia.

Alguns espécimes de calão academico

1.—*Fazer jogo de porta:* Esperar que o professor chame um aluno para então entrar para a aula.

2.—*Agùentar-se:* Dar uma lição sofrivel.

3.—*Estender-se:* Dar uma má lição.

4.—*Esticar-se:* O mesmo que «estender-se».

5.—*Passar:* Vencer o ano escolar.

6.—*Ficar gaitado:* Apanhar uma reprovação.

7.—*Ficar chumbado:* O mesmo que «ficar gaitado».

8.—*Apanhar uma gaita:* O mesmo que «ficar chumbado».

9.—*Apanhar um chumbo:* O mesmo que «apanhar uma gaita».

10.—*Dar um estenderete:* O mesmo que «estender-se».

11.—*Dar um estiquete:* O mesmo que «esticar-se».

12.—*Dar manteiga:* Fazer rapa-pés aos professores no intuito de lhes grangear as simpatias.

13.—*Manteigueiro:* O aluno que «dá manteiga».

14.—*Engraxador:* O mesmo que «manteigueiro».

15.—*Engraxar:* O mesmo que «dar manteiga».

16.—*Chapar-se:* O mesmo que «estender-se».

17.—*Espalhar-se:* O mesmo que «chapar-se».

18.—*Penacho:* O melhor aluno da classe.

19. — *Urso:* O mesmo que «penacho».

20. — *Peludo:* O aluno que se molesta com as brincadeiras dos colegas.

21. — *Estar tapado:* Ter dado o maximo de faltas permitidas.

22. — *Apanhar uma batata:* Ter tido um zero na lição.

23. — *Ficar cortado:* Não vencer o ano escolar.

24. — *Fazer parede:* Não ir ás aulas colectivamente.

25. — *Furar a parede:* Quebrar a solidariedade com os colegas, indo ás aulas contra o resolvido.

26. — *Ter a rása:* Ter a media minima para vencer o ano.

27. — *Andar á corda:* Ser chamado quotidianamente pelo professor.

28. — *Passar cábula:* Dar a um condiscipulo a solução de um exercício.

29. — *Meter palha:* Encher um exercicio de coisas sem importancia.

30. — *Fazer gazeta:* Faltar á aula.

31. — *Estar em branco:* Não saber nada da lição.

32. — *Estar em jejum:* O mesmo que «estar em branco».

33. — *Ter treta:* Falar muito, sabendo pouco.

34. — *Estar com dores de barriga:* Recear ser chamado e andar mal na lição.

35. — *Não pescar bóia:* O mesmo que «estar em jejum».

36. — *Ter a tangente:* O mesmo que «ter a rasa».

37. — *Empinar:* Decorar.

38. — *Encornar:* O mesmo que «empinar».

39. — *Meter na pinha:* O mesmo que «encornar».

40. — *Empinador:* O que decora sem compreender.

41. — *Ter quem faça a papinha:* Ter explicador que prepare.

42. — *Fazer a parte:* Mostrar falso gôsto do assunto da lição, no intuito de captar as simpatias do professor.

JOÃO DA SILVA CORREIA.

BIBLIOGRAFIA

I

LIVROS

Auto da Natural Invençam, *auto feyto por Antonio Ribeyro Chiado, representado ao muyto alto Rey Dom Joam Terceiro*, obra desconhecida, com uma explicação previa pelo Conde de Sabugosa, Livraria Ferreira Limitada editores, Lisboa 1917.

No louvável empenho de tornar conhecidas várias preciosidades existentes na sua rica livraria, depois de ter dado á estampa o *Auto da Festa* de Gil Vicente, publicou ha pouco o distinto literato, Snr. Conde de Sabugosa, o *Auto de Natural Invenção* de Chiado, que, apesar de citado por alguns bibliógrafos, se tinha por inteiramente perdido. Serviço relevante prestou o Snr. Conde ás letras pátrias com a divulgação deste auto, que assim subministra mais um elemento para o estudo do nosso teatro e avoluma o nosso já opulento pecúlio literário.

Fez Sua Excelência preceder esta publicação dum desenvolvido prólogo, a que modestamente pôs o titulo de *Explicação Previa*, no qual, com a sua conhecida elegância de frase e profundo conhecimento do assunto, se ocupa da época e autor da obra, e seguir dum *fac-simile* da respectiva folha volante em que ele fôra impresso, apêndice êste que de certo o Snr. Conde ali ajuntou com destino especial aos estudiosos, e demonstra bem á evidência quanto Sua Excelência bem longe está da estulta pretensão doutros que se julgam infalíveis nas suas afirmativas. Graças a esse valioso auxiliar, cotejei ambas as lições e desse cotejo resultaram as seguintes discrepâncias de interpretação:

Assim: no verso 14 parece-me que se deve ler *t'enoje* o *tenoje* do original.

No verso 142 eu leio *entrará turba multa* e não *entrará a* etc. É verdade que o texto tem *entraraa*, mas *a* duplicado destinava-se a representar, consoante o uso do tempo, o *a* aberto; grafias idênticas aparecem na edição *princeps* de Gil Vicente, por exemplo na tragi-comedia intitulada *Serra da Estrêla: faraa, seraa, maas, estaas, meteraas, vees, descortees*, etc.

No verso 230 parece-me que deverá pôr-se um ponto de interrogação em seguida a *cuidais*.

No verso 241 acho preferível a leitura dada na nota *forão por;* é frequente na linguagem da época a frase *pôr nome.*

No verso 262 afigura-se-me que se deverá corrigir o *andas* do original em *andais*, assim o exige o imperativo *acabai* que vem antes.

No verso 270 eu leio *arrenego d'atal festa;* era então frequente o uso de *atal* ao lado de *tal.*

De certo por lapso na transcrição imprimiu-se:

No verso 39 *eu vou* em lugar de *vou eu:*

Versos 260 e 261:

Ratinho: Ora bem, porque me daes?

Autor: Que figi eu? Muito bem no sei,

em vez de

Ratinho: Ora bem, porque me dais? Que figi eu?

Autor: Muito bem no sei.

No verso 334 falta o apóstrofo sobre *tem*, isto é, *tem'* (=teme) *a*, etc.

Lapso da revisão deve ter sido *Ficaes* (347) por *Sicais.*

Conforme o original, deve-se emendar em *de* o *da* do verso 358.

Discordo da interpretação dada na nota ao verso 451; aqui *feição*, a meu ver, usa-se no sentido de modo ou *geito* do verso 466.

O verso 454 é segundo o *fac-simile:*

pois nẽ em adro nem igreja

e não:

pois nem adro nem igreja

que não faz sentido, devendo notar-se que o segundo *nem* está por *nẽ em*, contando-se por uma sílaba única ou duas palavras num e noutro caso.

Tambem segundo o mesmo verso 459 ha de corrigir-se em *pera que*, etc., suprimindo-se o *e.*

A pag. 92 escreveu-se na rubrica: *sahe-se Gonçalo*, etc., em vez de: *sae-se o representador e então Gonçalo* etc.

O verso 465 deverá antes ler-se assim:

pera qu'é querer morrer?

No verso 471 parece-me que o *ti* ou se ha de emendar em *tim* (ainda popular) ou o *mim* (que aliás vem no original) em *mi.* Em lugar desta última forma está *mim* nos versos 649 e 651.

Em 590 *ha se de* etc. e não *ha de se* etc.

Em 529 lê-se:

pois não ha quem dê cinco

ao passo que o original diz:

pois nã ha quem nã de cinco

Ao verso 757 escapou a palavra *preço* a seguir a *menos*, a qual rima com *avesso*, por tanto deve ler-se assim o *aveso* do original e não *avezo*, como se aventa na respectiva nota.

Os versos 829 e 830 estão assim no texto primitivo:

Tambem tenho outros grãdes que ainda que elles não falem, mas o seu sentido afigura-se-me escuro.

Nos versos 846 e 942 lê-se *sabeis* em vez de *sabei*.

De certo também por lapso de revisão saiu *co* em vez do *com* do original no verso 890; inversamente está *com o* em 693 em lugar de *co*.

Em 889 alterou-se para *difamando* o *disfamando* do texto, forma esta que o espanhol também conhece e é a mesma que *desfamando* de outros autores: cf. *Dicionario* de Moraes, 8.ª edição.

No verso 966 ha *o qual*, em lugar de *no qual* do texto.

De estarem bastante gastos os tipos que serviram para a impressão da folha volante resultou que muitas letras ficaram falhas, afora outros percalços; é o que sucedeu no verso 328, em que *alegrar-vos-hão* não faz sentido e é leitura duvidosa; talvez *achegar-vos-hão* seja correcção satisfatória; pela mesma razão no verso 325 faltam palavras que não sei interpretar quais seriam.

Quanto á transcrição do auto, discordo por completo do processo seguido pelo editor — desculpe-me Sua Excelência a franqueza — eu te-lo-ia reproduzido tal qual se encontra no respectivo original; deste modo Sua Excelência, não querendo «dar-lhe, como diz [1], o aspecto que tem uma velha, quando se adorna com arrebiques da ultima moda», veiu afinal a cair no que pretendia evitar. Na minha humilde opinião, as obras antigas, além de contribuições para o assunto que versam, são documentos da língua do tempo, e como tais devem ser escrupulosamente respeitadas as suas grafias, quando muito desfar-se-hão as abreviaturas e em caso escuro uma nota aclarará o sentido. De mais uma peça dramática visa sempre a reproduzir o modo de falar dos seus personagens, alterar-lhe este é reduzir o seu merecimento. Acresce ainda que na época de Chiado mantinham-se certas diferenças de sons que depois desapareceram, sons que aliás eram representados pelas letras que lhes correspondiam no

[1] Página 59.

alfabeto e estavam em harmonia com a origem das respectivas palavras. Assim *sujo* (794), *sapateiro* (365), *cortezia* (306), *juiz* (762), *quizer* (522), *quizerdes* (498), *descortez* (928), *defeza* (871), *trez* (353), *farça* 946), teem no original as grafias *çujo*, *çapateiro*, *cortesia*, *quis*, *quiser*, *quiserdes*, *descortês*, *defesa*, *tres* e *farsa*, que são as legitimas e, com excepção das duas primeiras, as actualmente prescritas pelos competentes [1].

Ao tempo do autor do auto, como se vê doutros escritos coevos, não era ainda geral a redução a ditongo, que hoje se usa em tais casos, do *e* tonico, seguido de *-o* ou *-a*, finais de palavras e por isso no original encontram-se estes modos de escrever: *mea* (106), *meo* (115), *cea* (577), *rodea* (687), *ves* (694), *chea* (731), *estreas* (886), e não *meia*, *meio*, etc., como se imprimiu [2].

Tambem era então pronúncia corrente: *ũa* (50, 65, 97, 443, 447, 545, 566, 572, 688, 791, 856, 870), *algũa* (301), *nenhũa* (567), *assi* (607, 615) e *vem* (635) e não *uma*, *alguma*, *nenhuma*, *assim* e *veem*. Usavam-se igualmente muito estas formas: *pera* (89, 99, 338, 360, 857, 970, 971), *todo* (664), *nom* (266, 355, 366, 3-2, 385, 451, 466, 468), *pola* (426, 521, 722), *per* (262, 546), *sam* (919, 941), embora se começasse já a dizer *para* (459), *tudo*, *nam* ou *não*, *pela*, *por* e *sou*.

Formas populares ha, como *milhor* (423, 840, 863, 918), *enemigos* (93), *exprimentar* (204), *inorme* (300, ainda assim em certas falas do país), *reposta*[*s*] (326), *ou* (350, 653), *nã* (529, 729, isto é, o adverbio *não*, como ainda hoje em próclise), *ouliva*, (663), *sesuda* (818), *escrevaninha* (856), que foram alteradas em *melhor*, *inimigos*, *experimentar*, *enorme*, *respostas*, *oh*, *não*, *olival*, *sisudo*, *escrivaninha*.

Era grafia corrente na epoca *no* (132, 261, 499, 659, 753), *na* (141, 320), *nesse* (605), *nesta* (458, 608), *nella* (460), *nisso* (701), *num* (664), e não *n'o*, *n'a*, etc.

Nesta impressão foi tambem introduzido o *h* e duplicaram-se consoantes onde o original tal não fez: assim *theatro* (224), *ma hora* [3] (293, 673), *ess'hora* (706), *cahira* (667), *cahirei* (605), *deshonrado* (642), *hi* (382, mas assim antigo ou pela própria fala em 262), *ahi* (778), *d'hi* (464, 450), *hyssope* (463), *sahirmos* (496), *cahida* (837), *saber-lhe-hia* (894), *grammatica* (239), *soffrer* (507), *mette* (717, 865), *aggravaes* (131), *bocca* (9-8), *conjuncção* (107),

---

[1] Refiro-me á ortografia legal, pois a verdadeira seria a antiga.

[2] Em 252 ha já *veyo* a rimar com *meo* (255), donde se depreende que nesta segunda forma o tipografo regulou-se pelo uso mais vulgar.

[3] Pela mesma razão que se escreve *embora*, deverá manter-se a grafia *maora*.

mas *pelos* (961), em vez de *pellos;* imprimiu-se tambem *captiva* (306), *escripto* (748), *scena* (545), contrariamente a *cativa*, *escrito*, *cena* do texto. Neste, como noutros, permutam entre si o *e* e *i* e o *o* e o *u*, como se vê em *redias* (237), *meudo* (816), *maos* (305), *sospirar* (463), *veyo* (252), *sahio* (699, 700), *roins* (935), *churume* (956), *grometagem* (863), mas escrevia-se geralmente *pior* (332), *diante* (797) e *criado* (796, 800): tais grafias, porêm, não foram mantidas. O ditongo *ai* é no original representado sempre ou quasi sempre (pois raras são as excepções) deste modo, a impressão actual fa-lo por *ae* [1]. O ditongo tónico final *-ão* é figurado no texto primitivo assim e tambêm por *-am*, conforme a prática do tempo, como se vê nos versos 327-8-30 *temporam*, *alegrar-vos-ham* e *pão:* tal prática, porêm, tambêm não foi mantida.

Em vez de se substituir por um apóstrofo a ligação de palavra terminada em *-e* por outra começada por vogal, na impressão que estou analisando, como aliás preceitua a ortografia que ha pouco foi adoptada para as escolas e publicações oficiais, mas de que discordo, preferiu-se restituir aquela letra e deste modo lê-se *de autos* (49), *que é* (89, 122), *que es* (352), *me ha* (171), *de ouvir* (197), *de experimentar* (204), *que engulaes* (282), *se elle* (309), *que em* (320), *lhe hei* (604), *que o pae* (661), *se outro* (681), *de arremesso* (381), *que ainda* (395 no texto *cainda*), *que eu* (456), *lhe heis*, *lhe a* (734-5), *me agasta* (779), *saber-lhe-hia* (894), *te ajudarei* (929) etc.

Embora haja tal ou qual irregularidade na ortografia do texto original, o que aliás sempre mais ou menos tem sucedido, essa irregularidade, porêm, está longe daquela com que agora foi feita a impressão. E quem cotejar estas minhas observações com a actual maneira oficial de escrever, notará que esta se cinge muito mais á seguida pelos impressores do auto do que a agora adoptada e que portanto a impressão de que o Snr. Conde fala a página 59 menos nos «assalta, quando nos chega á mão um livro de auctor quinhentista, submettido aos dictames da Portaria do Governo Provisorio de 1 de setembro de 1911» do que com a ortografia usada na transcrição, conquanto no meu modo de pensar, nem esta, nem outra, mas sim a que usou o autor ou os impressores deva ser a que convêm seguir na publicação das obras de séculos passados, distantes ou não do nosso;

---

[1] Cf. versos 17, 18, 54, 61, 64, 79, 82, 120, 127, 128, 131, 137, 140, 164, 165, 167, 168, 173-4-5-6, 185, 208, 228, 229, 230, 233, 258-9, 260, 262, 282, 289, 290, 293-4, 323, etc.

deixe-se a cada um o modo de falar e escrever do seu tempo; alterar-lho para o que hoje usamos, alêm de induzir em erro quem ler essas obras, atendendo mais á lingua do que ao assunto, constituirá tambem uma falta de respeito á memoria dos seus autores, tamanha como se os vestissemos á moda de hoje, dando ao que o tempo tornou venerável um aspecto novo e ridículo.

Apesar destes senões, aliás desculpáveis em quem, como o ex.mo editor confessa, não é filólogo, bem merece dos que cultivam as letras pátrias a divulgação que o Snr. Conde de Sabugosa acaba de fazer do *Auto da Natural Invençam:* e oxalá que ás duas preciosidades dadas a lume se sigam em breve espaço de tempo as restantes prometidas por Sua Excelência [1].

J. J. NUNES.

II

Varia quaedam

— Trabalhos de D. Carolina Michaëlis:

a) **Notas Vicentinas,** II, Coimbra 1918 (separata da *Rev. da Univ.*, vol. VI). Cfr. R. L., XVI, 179.

b) **O lais «Leonoreta, fin roseta» e as origens do adj. «fin»,** Viana do Castelo, 1918 (separata da *Lusa*, vol. II).

c) **Notas sobre cantares e vilhancicos peninsulares, e a respeito de Encina,** Madrid 1918 (separata da *Rev. de Filol. Españ.*, t. V).

— Trabalhos de Claudio Basto:

a) **Formação popular de nomes de unidade,** Lisboa 1916 (separata da revista lisbonense *Exilio*, 1916, n.º 1). — Cf. sobre o assunto um artigo do mesmo A. in R. L., XIII, 89, nota 2.

b) **Tres cartas de Camilo,** Viana do Castelo, 1917, ed. da *Lusa*.

---

[1] No quinzenário a *Lusa* de Viana do Castelo, II, pág. 19-20 e 28-30 publicou o Snr. Dr. Pires de Lima justas observações, das quais algumas concordam com as minhas.

c) **A linguagem de Fialho,** Porto (1917).

— Trabalhos de Fidelino de Figueiredo:

a) **Caracteristicas da Litteratura portuguesa,** Lisboa 1915;

b) **Historia da Litteratura classica,** Lisboa 1917;

c) **Historia da critica litteraria em Portugal,** Lisboa 1917;

d) **Estudos de Litteratura,** Lisboa: 1.ª serie, 1917; 2.ª serie, 1918.

— Trabalhos de F. M. Esteves Pereira:

a) **A poesia etiopica,** Coimbra 1915.

b) **Francisca de Rimini,** Coimbra 1915.

c) **O livro do Propheta Amós,** Coimbra 1915.
Separatas ds *Bol. da 2.ª Cl. da Acad. das Sc.*, vol. VIII e XI.

d) **A vingança de Agamemnon,** Lisboa 1918.

e) **«Auto do Fisico» de J. Ribeiro** (sec. XVI), Lisboa 1918.

f) **«Livro da Montaria» de El-Rei D. João I** (sec. XV), Coimbra 1918, vol. de LXV-467 pág., com seis estampas.

— **Contribuição para o estudo antropologico dos indigenas de Moçambique,** por Americo Pires de Lima, Porto 1918 (separata dos *Anais Scientif. da Fac. de Med. do Porto*, vol. IV).

— **O vilancete de Camões á «Senhora dos olhos gonçalves»,** pelo D.or J. M. Rodrigues, Lisboa 1917 (separata do *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad. das Sc.*, vol. X).

— **A viagem de Antero á America,** por Antonio Arroyo, Porto, 1916, ed. da «Renascença Portuguesa» (com um retrato).

— **Pequena Antologia classica,** por José Teixeira Rego, Porto 1916, ed. da «Renascença Portuguesa».

— **Alexandre Herculano,** por Agostinho Fortes, Lisboa, s. d. (com um retrato).

— **A Marqueza d'Alorna** (*Alcippe*), pelo Marquês d'Avila e e de Bolama, Lisboa 1916 (com estampas).

— **Collecção de mss. ineditos** da Biblioteca Municipal de Porto (cf. R. L., XIV, 328):

IV) **Anacrisis historica:**

pt. 1.ª, 4 volumes, Porto 1912-1915;
pt. 2.ª (Episcopologia), 4 volumes, Porto 1916-1918.

N. B. Da 2.ª parte em diante o editor acentuou *Anacrísis*, mas quer a palavra se leia á grega, porque em grego è Ανάκρισις, quer á latina, porque o primeiro *i* é breve, a acentuação é *Anácrisis*.

— **O Renascimento em Portugal** (Clenardo), por M. Gonçalves Cerejeira, 2 vols., Coimbra 1917-1918.

— **A estrofe lirica** (estudo de metrica grega e latina), por José Simões Neves, Coimbra 1916.

— «**Vida de Agricola**», **de Tacito** (autenticidade, data, fim e genero literario) por C. Simões Ventura, Coimbra 1917.

— **Historia do P.e Antonio Vieira,** por Lucio d'Azevedo, Lisboa 1918.

— **Documentos ineditos sobre João de Barros,** por Antonio Baião, Coimbra 1917 (separata do *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad. das Sc.*, vol. XI).

— Filologia galega:

a) **Estudios gallegos:** cf. R. L., XVIII, 310. Publicaram-se até 1916 vinte e dois fasciculos. — O último que possuo é o 22.º. Não sei se a revista cessou, se ainda continúa.

b) **Diccionario gallego-castellano,** por la Real Academia Gallega: fasciculo 1.º (1913). Até o presente (1918) estão publicados dez fasciculos.

c) **Elementos de Gramática histórica gallega,** por D. Vicente Garcia de Diego, Burgos 1909.

d) **Estudios critico-hist. de Galicia,** por Atanasio López, Santiago 1916.

e) **Os miragres de Santiago** (versión gallega del siglo XIV), por Eugenio López-Aydilio, Valladolid 1918.

*

Noutro volume se fará menção de varios trabalhos brasileiros, de Filologia e Etnografia, enviados á *Revista Lusitana*.

J. L. DE V.

INDICE DO VOL. XXI

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

PAG.

Introdução a lições de Filologia portuguesa—por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. 5
Retalhos de um adagiario—por José Maria Adrião. 33
Amostra de toponimia portuguesa—por J. Leite de Vasconcellos. . 58
Tradições populares de Santo Tirso (continuação)—por Augusto C. Pires de Lima 64-223
Textos antigos portugueses—por J. J. Nunes 89
«Ex-libris» manuscritos—por J. Leite de Vasconcellos. 146
Falar do povo—por Claudio Basto 209
O trovador Martim Soares e sua familia—por Pedro d'Azevedo . . 246
Turquel folklorico—por José Diogo Ribeiro 280
Enquisas onomatologicas—por J. Leite de Vasconcellos. 316

MISCELANEA:

Sobre «cabaça», «calabaza»—por Vicente Garcia de Diego. . . . 202
Epitafio gracioso—por J. Leite de Vasconcellos 203
«A fé é que nos salva e noêja o pau da barca»—por José Monteiro 337
Casos de prolepse fonetica—por João da Silva Correia 338
Alguns espécimes de calão academico—pelo mesmo. 339

BIBLIOGRAFIA:

I. **Livros:**

Sintaxe historica portuguesa, de Agusto Epiphanio da Silva Dias,—artigo de Augusto C. Pires de Lima 204
Auto da natural invençam, do Conde de Sabugosa,—artigo de J. J. Nunes. 341

II. **Varia quaedam:**

Trabalhos de J. J. Nunes:

Convergentes e divergentes 208
Crónica da ordem dos frades menores 208

Trabalhos de D. Carolina Michaëlis:

a) *Notas Vicentinas* 346
b) *O lais «Leonoreta, fin roseta» e as origens do adj. «fin»* . . . 346
c) *Notas sobre cantares e vilhancicos peninsulares, e a respeito de Encina* 346

PAG.

Trabalhos de Claudio Basto:

a) *Formação popular de nomes de unidade* 346
b) *Tres cartas de Camilo* 346
c) *A linguagem de Fialho* 347

Trabalhos de Fidelino de Figueiredo:

a) *Caracteristicas da litteratura portuguesa*. 347
b) *Historia da litteratura classica* 347
c) *Historia da critica litteraria em Portugal* 347
d) *Estudos de litteratura* 347

Trabalhos de F. M. Esteves Pereira:

a) *A poesia etiopica* 347
b) *Francisca de Rimini* 347
c) *O livro do Propheta Amós* 347
d) *A vingança de Agamemnon* 347
e) *«Auto do fisico» de J. Ribeiro*. 347
f) *«Livro da Montaria» de El-Rei D. João I* 347

Contribuição para o estudo antropologico dos indigenas de Moçambique (Americo Pires de Lima) 347
O vilancete de Camões á «Senhora dos olhos gonçalves» (J. M. Rodrigues) 347
A viagem de Antero á America (Antonio Arroyo) 347
Pequena Antologia classica (José Teixeira Rego). 347
Alexandre Herculano (Agostinho Fortes) 348
A Marqueza d'Alorna (Marquês d'Avila e de Bolama) 348
Collecção de mss. ineditos da Biblioteca Municipal do Porto. . . . 348
O Renascimento em Portugal (M. Gonçalves Cerejeira) 348
A estrofe lirica (José Simões Neves) 348
«Vida de Agricola» de Tacito (C. Simões Ventura) 348
Historia do P.e Antonio Vieira (Lucio de Azevedo). 348
Documentos ineditos sobre João de Barros (Antonio Baião) 348

Filologia galega:

a) *Estudios gallegos* 348
b) *Diccionario gallego-castellano* 349
c) *Elementos de gramática histórica gallega* (D. Vicente Garcia de Diego). 349
d) *Estudios critico-hist. de Galicia* (Atanasio López) 349
e) *Os miragres de Santiago* (Eugenio López) 349